



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

LARISSA ROSA DE OLIVEIRA

**As políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à
leitura e sua aplicação na biblioteca escolar**

GOIÂNIA
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese

2. Nome completo do autor

LARISSA ROSA DE OLIVEIRA

3. Título do trabalho

AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO E DE INCENTIVO À LEITURA E SUA APLICAÇÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **LARISSA ROSA DE OLIVEIRA, Usuário Externo**, em 03/05/2022, às 22:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ilma Socorro Gonçalves Vieira, Professor do Magistério Superior**, em 10/05/2022, às 15:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2875520** e o código CRC **0D9D9A4B**.

LARISSA ROSA DE OLIVEIRA

**As políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à
leitura e sua aplicação na biblioteca escolar**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestra em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes.

Orientadora: Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira

GOIÂNIA
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Larissa Rosa de

As políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e
sua aplicação na biblioteca escolar [manuscrito] / Larissa Rosa de
Oliveira. - 2022.

195 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro
de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação
em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2022.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, gráfico, tabelas, lista de figuras.

1. Ensino na Educação Básica. 2. Políticas públicas de acesso à
informação. 3. Biblioteca escolar. 4. Democratização do conhecimento. 5.
Promoção da leitura. I. Vieira, Ilma Socorro Gonçalves, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE EXAME DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos vinte e dois dias do mês de março do ano 2022, às 14:00 horas, via teleconferência, foi realizada a **Defesa de Dissertação** intitulada **AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO E DE INCENTIVO À LEITURA E SUA APLICAÇÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR** e do produto educacional **"TIA, QUERO AQUELE LIVRO!": Recordações e vivências sobre a biblioteca escolar**, pelo(a) discente **Larissa Rosa de Oliveira**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira (CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Clédina Aparecida de Lima (CEPAE/UFG) – membro interno,

Profa. Dra. Maria Aurora Neta (UEG) – membro externo,

Profa. Dra. Célia Sebastiana Silva (CEPAE/UFG) – membro suplente interno.

Profa. Dra. Keila Matida de Melo (UEG) – membro suplente externo

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ilma Socorro Gonçalves Vieira**, Professor do Magistério Superior, em 22/03/2022, às 16:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aurora Neta**, Usuário Externo, em 30/03/2022, às 21:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **CLÉDINA APARECIDA DE LIMA**, Usuário Externo, em 11/04/2022, às 15:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_documento.php?acao=documento_conferir&id_origem_acesso_externo=0, informando o código verificador **2776455** e o código CRC **89065976**.

Referência: Processo nº 23070.008474/2022-95

SEI nº 2776455

*Dedico essa pesquisa à **minha família**, que me incentivou a não desistir mesmo quando eu achei que seria impossível continuar, e ao meu marido, **Marcos** e ao meu filho pet, **Chopper**, por terem aliviado o fardo e a solidão da escrita da dissertação.*

AGRADECIMENTOS

Chegamos à parte mais doce e saudosa de dessa jornada... aqui revivemos as memórias de todo o percurso, as recordações dos bons e dos maus momentos, a lembrança das pessoas que nos deixaram ao longo do caminho e a alegria de pensar naquelas que ainda seguem conosco... Por isso, meus mais sinceros agradecimentos vão, em primeiro lugar, para essa universidade que me acolheu e me ensinou o meu papel como pesquisadora e defensora da educação pública e de qualidade. **Universidade Federal de Goiás**, que orgulho eu tenho de ser “cria da UFG”!

Dentro da universidade me apaixonei pela biblioteca escolar na BSCepae, numa visita realizada seis anos atrás, ainda na graduação em Biblioteconomia. E conhecer aquele espaço me fez admirar ainda mais o Cepae-UFG em si, querer conhecer suas particularidades e fazer parte da sua história. Desse modo, para escolher um mestrado ali “foi um pulo” e assim começou minha história com o PPGEEB-Cepae-UFG. Uma história tão bonita e enriquecedora que me moldou como pesquisadora: foram vários os seminários, eventos, palestras, aulas, artigos... meu Produto Educacional, ainda incipiente na época, recebeu até um incentivo financeiro para a publicação, tendo sido premiação no Edital 003/2020 de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPPGEEB-Cepae-UFG, momento que muito me honrou. Risadas, lágrimas, contação de histórias e muito aprendizado fizeram parte de minha jornada nos últimos anos e eu só posso dizer ao **Cepae** e ao **PPPGEEB-Cepae-UFG**: muito obrigada por tanto!

Outro agradecimento muito especial vai para meus **professores** e **professoras** no mestrado: nesses quase três anos (sim, três, estamos passando por uma pandemia!), vocês foram parceiros/as e guerreiros/as em continuar ensinando mesmo com o mundo ao redor se despedaçando. Obrigada, principalmente aos/às professores/as:

- **Profa. Dra. Gene Maria Vieira Lyra Silva**, que ministrou a disciplina: Alice e as perplexidades educacionais: nem qualquer caminho serve;
- **Prof. Dr. Glauco Roberto Gonçalves**, que ministrou a disciplina: Da crítica do ensino ao Ensino Crítico;
- **Profa. Dra. Elisandra Filetti Moura**, que ministrou a disciplina de Organização de Contextos de Educação Escolar;
- **Profa. Dra. Ilse Leone B. C. Oliveira**, que ministrou a disciplina de Organização de Contextos de Educação Escolar;

- **Profa. Dra. Luzia Rodrigues da Silva**, que ministrou a disciplina de Organização de Contextos de Educação Escolar;
- **Profa. Dra. Célia Sebastiana da Silva**, que ministrou a disciplina de Fundamentos Teórico-Metodológicos do Ensino de Literatura;
- **Profa. Dra. Ilma Socorro Vieira Gonçalves**, que ministrou a disciplina de Fundamentos Teórico-Metodológicos do Ensino de Literatura;
- **Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria**, que ministrou a disciplina de Fundamentos Teórico-Metodológicos do Ensino de Literatura;
- **Prof. Dra. Clêidna Aparecida de Lima**, que ministrou a disciplina de Teorias de Ensino e Aprendizagem;
- **Profa. Dra. Fernanda Cruvinel Pimentel**, que ministrou a disciplina de Teorias de Ensino e Aprendizagem;
- E a **Profa. Dra. Roberta Carvalho Cruvinel**, que ministrou a disciplina de Teorias de Ensino e Aprendizagem;

Obrigada pelo comprometimento e ensinamentos. Vocês foram gentis com nossos prazos, com nossos medos, com nossas perdas. Obrigada por terem me ensinado tanto em sala de aula quanto fora dela.

À minha orientadora, **Profa. Dra. Ilma Socorro Vieira Gonçalves**, obrigada! Palavras são insuficientes para agradecer sua gentileza comigo, sua educação, o respeito que sempre teve em relação a mim e o cuidado com que sempre amparou meu trabalho e minhas necessidades. Num mundo academicista que pode ser tão sombrio, só posso agradecer por ter tido tanta sorte em ter sido escolhida por você. Torço para que um dia eu possua um décimo de sua inteligência, gentileza, elegância e empatia com o próximo. Obrigada ainda por ter me permitido vivenciar a experiência do estágio-docência na **FIC/UFG** e compreender na prática aquilo que conheci durante minha trajetória acadêmica. Por isso, meu muito obrigada se estende à **Profa. Dra. Andréa Pereira dos Santos** e à **Prof. Dra. Lais Pereira de Oliveira**, que também me acompanharam ao longo do estágio-docência. Espero ser uma professora tão boa quanto vocês um dia.

Profa. Dra. Clêidna Aparecida de Lima e **Profa. Dra. Maria Aurora Neta**: suas contribuições tiveram um valor incalculável desde que esse trabalho ainda era uma semente. Seja nos seminários em que me avaliaram (né, prof. Maria Aurora), na sala de aula (prof. Clêidna que o diga) ou na banca de qualificação, seus comentários sempre foram relevantes e agregadores. Tive a sorte de ter uma banca linda de viver, em que fui avaliada com tanta

gentileza e cuidado que mais parecia um bate-papo. Que sorte a minha, poder contar com as vivências e sugestões de vocês nessa jornada! Obrigada por aceitarem partilhar comigo esse momento.

Aos/Às meus/minhas colegas da turma 2019/01 e alguns/mas dos/as nossos/as calourinhos/as, rs: quantas histórias vivemos! As aulas, seminários, eventos, as discussões levemente acaloradas, os lanches partilhados, rs... são inúmeros os momentos que meu coração guarda com vocês. De modo especial, agradeço aos/às queridos/as: **Dayane Rita; Débora Cunha; Denízia Alves; Edina Faria; Edinalva Carvalho; Eliane Bessa; Élide Ferreira; Fabiana Harami; Fátima Rossi; Fernanda Bueno; Fernanda Pacheco; Gilvana Machado; Islorrane Farias; Jaqueline Melo; Joyci Viegas; Kellen Stalschus; Nayara Godoi; Nelson Carlos; Regina Moura; Sandra Camargo; Silvana Laurenço; Silvelene Malvestio; Tálita Borges; Vânia de Oliveira e Waléria Freitas** pelo convívio mais próximo e pelas lembranças lindas que me deram dessa etapa.

Karla Rodrigues e Suzana Teles... nossa amizade se aprofundou ao longo desses anos e acabamos compartilhando essa experiência quase que o tempo todo. Mesma orientadora, demandas semelhantes, temas próximos... acabamos desenvolvendo um laço lindo e que espero levar para a vida. Vocês são muito especiais para mim.

Agradeço ainda a todos os/as **participantes** desse estudo, que de forma anônima aceitaram expor suas histórias, suas vivências e suas recordações para a construção dessa pesquisa.

Wederson Carlos, obrigada por sempre ajudar com todo o possível! Documentos, informações, declarações e às vezes até conselhos! Obrigada por ser o melhor secretário de mestrado que já vi. Você é dez!

Eliane Garcia... eu não teria chegado até aqui sem sua ajuda inestimável. Sua dedicação, interesse e amor pela biblioteca escolar me fazem acreditar num mundo em que a educação seja valorizada e a biblioteca seja, efetivamente, um espaço de fomento à leitura. É uma honra aprender com você!

Fernanda Scussel (@pesquisanapratica), às vezes nosso caminho parece meio sem sentido e dá aquela vontadezinha de desistir. Aí vem você com seu jeitinho tranquilo e descomplica tudo, até minha cabecinha confusa. Obrigada pela conversa que mudou minha ideia de como ser pesquisadora!

Um agradecimento muito especial é para a querida **Hélen Consuelo**. Em 2018, você perdeu uma servidora no Projeto Criança para um mestrado. Eu não podia conciliar as duas coisas e você sabia, mas me apoiou em todos os momentos, da primeira etapa da seleção até a

última. Você era minha diretora na época. Hoje, é uma das minhas melhores amigas. Obrigada por ser você.

Quando sai do Projeto Criança, fui convocada para um estágio na Procuradoria da República em Goiás. Eu recusei, pois não poderia conciliar com o mestrado. A bibliotecária de lá entrou em contato comigo e me disse “o estágio é para seu aprendizado. Se você está desistindo da vaga para poder estudar, o estágio não está cumprindo sua função”. Aceitei e me deixaram cumprir um horário todo bagunçado, para que eu pudesse conciliar o estágio e as aulas presenciais da graduação e do mestrado. Sou mais grata à **Luciana Abrantes**, ao **Rogério Machado** e à **Maria Helena Dâmaso** do que posso mensurar. Eu jamais teria chegado até aqui, se naquele início, vocês não tivessem compreendido minha rotina de estudante e me ensinado, na prática, a ser a bibliotecária que sou hoje.

Jenny Rodrigues, obrigada por cada vez que você me mandou mensagem perguntando se eu estava bem e se precisava de algo. Sua atenção comigo me impediu de surtar muitas vezes e eu sou muito grata por ter você na minha vida. Te amo muito.

Thaís Gabrielly Fernandes, te agradeço por cada vez em que você me ouviu e compartilhou algo da sua rotina comigo. Sua trajetória é linda, você será a melhor mestra que esse mundo terá e me orgulho muito de você e do que construiu. Obrigada por ser exemplo de força e coragem nessa vida acadêmica.

Marco Aurélio Vieira e **Jéssica Lima**, obrigada pelas risadas, pela paciência em me ouvir reclamar e por estarem sempre presentes, nos bons e maus momentos.

Cintia Bianchini, **Michel Torquato** e **Thiago Quirino**, obrigada por serem vocês. Não tenho palavras para dizer o quanto eu os amo e nem o quanto sou grata por cada pequeno momento que temos juntos. Vocês são a família que o universo me permitiu escolher. E eu sinto saudades de nossos momentos juntos todos os dias, do amanhecer até o sono me levar.

Bruno Mardson... só um mestrando conhece a rotina de outro. Mesmo com nossas ausências, você sempre teve um olhar gentil comigo e com minha pesquisa. Sinto sua falta e tenho muito orgulho de você.

Thienne, obrigada por ser luz na minha vida. Em momentos sombrios, só me levantei por causa do seu “tô chegando, se arruma aí” ou das visitas em casa pra fazer nada juntas, apenas pra não me deixar só. Em muitos momentos, minha sanidade só permaneceu porque você estava lá para me apoiar. **Adilson**, obrigada por me ouvir, aconselhar, por ser o afilhado perfeito, por estar sempre disposto a me ouvir reclamar e por cuidar sempre de mim. Esses momentos são para a vida e te agradeço por nunca desistir de mim. **Emily**... infinitas foram as vezes em que você me ouviu, consolou e disse que ia ficar tudo bem. Somos amparo uma da

outra e meu fardo é bem mais leve por ter você para compartilhar os dias bons e ruins. Obrigada por cada artigo que eu escrevi e você leu para ver se estava tudo ok, rs. Amo vocês.

Minhas superpoderosas... **Sabrina** e **Ohana**, o que seria de mim sem vocês? Como eu teria aguentado o tranco de me sentir burra muitas vezes sem vocês para me tranquilizar? Como eu lidaria com alguns dos problemas sem vocês para me acalmar? Obrigada por serem esteio e colo sempre que precisei (e preciso). Meu coração é de vocês e em breve uma tatuagem vai confirmar isso (oremos pelo que vai sair...!).

Seu **Zé Divino** e dona **Francisca**, minha gratidão por vocês é imensa. Me acolheram como filha desde antes do meu casamento e sempre incentivaram meus estudos e compreenderam o peso de escolher a carreira acadêmica. Obrigada por tudo!

Aos meus avós... **Jales**, **Marly** e **Benedita**. Obrigada. Meu amor não cabe em palavras e eu sou profundamente grata por tudo. Sempre que penso em resiliência, força e determinação, me lembro de vocês.

Mamãe **Míria**, obrigada por cada momento em que sacrificou seus sonhos em nome dos meus. Se cheguei até aqui foi porque sempre tive você como apoio. Papai **Welliton**, obrigada por cada eu te amo nas ligações, por sempre me apoiar em tudo e respeitar minhas decisões. Poder contar com vocês me deu muita liberdade para errar e acertar nessa vida, pois sempre soube que jamais seria sozinha. Isso não tem preço. Amo vocês.

Thayssa e **Lara**, eu jamais teria chegado até aqui sem vocês. Eu amo demais vocês e amo esse nosso laço indissolúvel, que só se fortalece com o tempo e não liga pra distâncias. Nem se eu nascesse de novo, poderia ter outras irmãs tão perfeitas quanto vocês duas. Sou uma pessoa de sorte por poder contar com vocês todo dia.

E por fim, Marcos Vinicius e Chopper. Minha pequena nova família, meu laço que se constrói e renova todos os dias e que me trouxe uma felicidade e calma que eu jamais poderia esperar. Obrigada por serem luz nos dias mais sombrios, por serem sempre presentes e por me demonstrarem seu amor, cada um ao seu modo, todos os dias. **Chopper**, meu filho pet, você salvou minha vida muitas vezes nos seus dois anos de vida. Eu jamais teria me recuperado da depressão incapacitante que vivenciei se não fosse seu afeto e sua existência. E, **Marcos Vinicius**... meu marido, meu parceiro, meu melhor amigo. Obrigada por me escolher para compartilhar contigo as dores e delícias da vida a dois. Te amo todo dia, um pouquinho mais a cada novo amanhecer. Obrigada. Esse título é por vocês!

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Ancoragem

BE - Biblioteca Escolar

BSCepae - Biblioteca Setorial Prof. Geraldo Faria Campos - Centro de Ensino e Pesquisas Aplicadas à Educação

CAQ - Custo Aluno Qualidade

CAQi - Custo Aluno Qualidade inicial

CBL - Câmara Brasileira do Livro

CCJ - Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

Cepae-UFG - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

CF/88 - Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

Condicap - Conselho Nacional dos Dirigentes das Escolas de Educação Básica

Consed - Conselho Nacional de Secretários da Educação

DSC - Discurso do Sujeito Coletivo

EC - Expressão Chave

EF - Ensino Fundamental

FIC/UFG - Faculdade de Informação e Comunicação - Universidade Federal de Goiás

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FNLJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

HQ - História em quadrinhos

IC - Ideia Chave

IFES - Instituições Federais de Ensino Superior

IFI - Instituição Fiscal Independente

IFLA - Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias

INL - Instituto Nacional do Livro

IPL - Instituto Pró-Livro

Lieplin - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Infância

Labrinco - Laboratório Interdisciplinar de Formação de Conceitos

LIBRIS - Laboratório do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca

MA - Mestrado Acadêmico

MEC - Ministério da Educação

MP - Mestrado Profissional

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PL - Projeto de Lei

Plidef- Programa do Livro Didático para o EF

PNBE - Programa Nacional Biblioteca na Escola

PNL – Política Nacional do Livro

PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático

PNLD Literário - Programa Nacional do Livro e do Material Didático Literário

PNLE - Política Nacional de Leitura e Escrita

PNLL - Plano Nacional do Livro e Leitura

PNSL - Programa Nacional Salas de Leitura

PPA - Plano Plurianual

PPGEEB – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

PPP - Projeto Político Pedagógico

Prodelivro - Programa de Desenvolvimento e Preservação do Livro

PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura

RS – Representação Social

SIBI/UFG - Sistema de Bibliotecas da UFG

SNB - Serviço Nacional de Bibliotecas

SNBE - Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares

UFG - Universidade Federal de Goiás

Undime - União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP - Universidade de São Paulo

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Perfil dos/as estudantes que se consideram leitores/as.....	45
Gráfico 2: Grau de escolaridade.....	46
Gráfico 3: Razões para não ter lido nos últimos 3 meses – não leitores/as.....	46
Gráfico 4: Razões para não ter lido nos últimos 3 meses – leitores/as.....	47
Gráfico 5: Gosto pela leitura.....	47
Gráfico 6: Escolaridade no gosto pela leitura.....	48
Gráfico 7: Principal incentivador/a da leitura.....	53
Gráfico 8: Tipo de biblioteca frequentada.....	55
Gráfico 9: Frequência na ida a bibliotecas – tipo de leitor/a.....	55
Gráfico 10: Frequência na ida a bibliotecas – Goiânia.....	56
Gráfico 11: Frequência na ida a bibliotecas em Goiânia – tipo de leitor/a.....	56

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Fachada do Centro de Ensino e Pesquisas Aplicadas à Educação.....	63
Imagem 2: Biblioteca Setorial Prof. Geraldo Faria Campos - Centro de Ensino e Pesquisas Aplicadas à Educação – visão panorâmica.....	66
Imagem 3: Biblioteca Setorial Prof. Geraldo Faria Campos - Centro de Ensino e Pesquisas Aplicadas à Educação – visão frontal.....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Interesse nas atividades desenvolvidas no espaço.....	80
Quadro 02: Tipo de atividade favorita na BE.....	80
Quadro 03: Desenvolvimento de habilidades.....	81
Quadro 04: Incentivo à leitura.....	81
Quadro 05: Recordação na BE.....	82
Quadro 06: Atividades menos interessantes.....	82
Quadro 07: Livro favorito.....	82
Quadro 08: Livros citados pelos/as estudantes.....	88

OLIVEIRA, Larissa Rosa de. **As políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar**. 2022. 195p. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

A dissertação é resultado de uma pesquisa sobre o modo como uma política pública voltada para as bibliotecas escolares pode impactar na formação de leitores/as, na Educação Básica, oriunda do Curso de Mestrado Profissional *Stricto Sensu* do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG). A investigação teve como referência o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), posteriormente unificado ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático e Literário (PNLD Literário), tendo em vista os princípios do Manifesto da Biblioteca Escolar, elaborado pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e aprovado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e as Diretrizes da IFLA/Unesco para Biblioteca Escolar. A finalidade da pesquisa realizada é contribuir com estudos nas áreas da Educação, da Biblioteconomia e Ciência da Informação, com ênfase na importância da biblioteca escolar, como espaço para a socialização e a construção de conhecimentos, para a ampliação do acesso a informações e ao patrimônio cultural e para a formação de leitores/as. O pressuposto da pesquisa foi de que as políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura se efetivam, de modo a cumprir com seus propósitos, a partir da estruturação de um trabalho baseado em objetivos e estratégias de desenvolvimento e avaliação permanente de ações comprometidas com os princípios da biblioteca escolar (BE). Desse modo, objetivou-se discutir a importância de políticas e de programas, como o PNBE/PNLD Literário, e apresentar possibilidades para que sejam efetivados. Experiências envolvendo a comunidade escolar do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (Cepae-UFG), constituíram a base para a investigação proposta, que se deu através da formulação do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) dos/as estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental (EF), no ano letivo de 2020. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas *on-line*. O Produto Educacional da pesquisa é um livro de memórias, intitulado *Tia, quero aquele livro!*: recordações e vivências sobre a biblioteca escolar, pautado nas experiências relacionadas à interação com o espaço e o acervo da BE dos sujeitos envolvidos na investigação – estudantes, professores/as, ex-professores/as, coordenador da segunda fase e ex-coordenadora da primeira fase do Ensino Fundamental, pedagoga que atua na biblioteca do Cepae e ex-bibliotecárias da instituição. Constam, ainda, no livro, duas crônicas baseadas nas vivências da pesquisadora e sua orientadora, intentando apontar a relevância do livro, da leitura, da BE. O referencial teórico é constituído de documentos que regulamentam as políticas de acesso à informação e orientam o funcionamento da BE, além de estudos relacionados à promoção da leitura e à dinamização desse espaço, como os realizados por: Maroto (2012), Chartier (2002), Bretas (2014), Nóbrega (2009), Viana e Pieruccini (2015), Kuhlthau (2013), Halbwachs (2003), Cunha e Ribeiro (2010), entre outros/as.

Palavras-chave: Ensino na Educação Básica. Políticas públicas de acesso à informação. Biblioteca escolar. Democratização do conhecimento. Promoção da leitura.

OLIVEIRA, Larissa Rosa de Oliveira. **Public policies for accessing information and encouraging reading and their application in the school library.** 2022. 195p. Dissertation Thesis (Master's degree in Basic Education Teaching) – Postgraduate Program in Basic Education Teaching, Teaching and Research Applied in Education Center, Federal University of Goiás, Goiânia, GO.

ABSTRACT

The thesis is the result of research on how public policies focusing on school libraries can affect the training of readers in Basic Education from the Stricto Sensu Professional Master's Course of the Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica of the Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) of the Universidade Federal de Goiás (UFG). The research had as reference the Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), later merged with the Programa Nacional do Livro e do Material Didático e Literário (PNLD Literário), having in mind the principles of the School Library Manifesto, drawn by the International Federation of Associations and Library Institutions (IFLA) and approved by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) and the IFLA/Unesco School Library Guidelines. The purpose of the research carried out is to contribute to studies in the areas of Education, Librarianship, and Information Science, with emphasis on the importance of the school library as a space for socialization and construction of knowledge, for expanding access to information and cultural heritage, and for the formation of readers. The assumption of the research was that public policies for accessing information and encouraging reading become effective, to fulfill their purposes, with the structuring of work based on development objectives and strategies and permanent evaluation of actions committed with the principles of the school library (SL). Thus, it is aimed to discuss the importance of policies and programs, such as the PNBE/PNLD Literário, and to present possibilities for their implementation. Experiences involving the school community at the Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação at the Universidade Federal de Goiás (Cepae-UFG), were the basis for the proposed investigation, which was carried out through the formulation of the Discourse of the Collective Subject (DCS) of the 6th grade students at Elementary School (ES), in the 2020 school year. The data were obtained through online interviews. The Educational Product of the research is a memoir, entitled *Auntie, I want that book!:* memories and experiences about the school library, based on the experiences related to the interaction with the space and collection of the SL of the subjects involved in the research - students, teachers, former teachers, coordinators of Primary and Middle School, educators who works at the Cepae library and former librarians of the institution. The book also contains two chronicles based on the experiences of the researcher and her advisor, trying to point out the relevance of the book, reading, and the SL. The theoretical framework consists of documents that regulate the access to information policies and guide the functioning of the SL, as well as studies related to the promotion of reading and the dynamization of this space, such as those carried out by: Maroto (2012), Chartier (2002), Bretas (2014), Nóbrega (2009), Viana and Pieruccini (2015), Kuhlthau (2013), Halbwachs (2003), Cunha and Ribeiro (2010), among others.

Keywords: Teaching in Basic Education. Public policies on access to information. School library. Democratization of knowledge. Reading promotion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
 CAPÍTULO 1: AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO NO BRASIL.....	25
1.1 PANORAMA HISTÓRICO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO.....	28
1.2 POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO, PROGRAMAS E PLANO NACIONAL DE PROMOÇÃO DA LEITURA EM VIGOR NO BRASIL.....	30
1.2.1 Programa Nacional de Incentivo à Leitura.....	30
1.2.2 Política Nacional do Livro.....	31
1.2.3 Plano Nacional do Livro e Leitura.....	32
1.2.4 Lei Federal no 12.244, de 24 de maio de 2010.....	33
1.2.5 Política Nacional de Leitura e Escrita.....	35
1.2.6 Programa Nacional Biblioteca na Escola.....	35
1.2.7 Programa Nacional do Livro e do Material Didático e PNLD Literário.....	36
 CAPÍTULO 2: A BIBLIOTECA ESCOLAR E SEU PAPEL NA DEMOCRATIZAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO.....	39
2.1 ALGUNS CONCEITOS INICIAIS.....	40
2.1.1 Biblioteca Escolar.....	40
2.1.2 Leitor/a e leitura.....	42
2.1.3 Livro.....	43
2.1.4 Literatura.....	49
2.1.5 Memória.....	49
2.2 DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA BIBLIOTECA ESCOLAR.....	50
2.3 O PAPEL DO/A PROFESSOR/A E DO/A BIBLIOTECÁRIO/A COMO AGENTES SOCIALIZADORES/AS DO CONHECIMENTO E DA CULTURA.....	52

2.3.1 Professor/a.....	53
2.3.2 Bibliotecário/a.....	54
2.3.3 Parceria entre Bibliotecário/a e Professor/a.....	57
CAPÍTULO 3: O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	60
3.1 DA ESCOLA CAMPO.....	62
3.2 OS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	67
3.3 AÇÕES DESENVOLVIDAS.....	68
3.3.1 Do contato inicial com os/as estudantes.....	69
3.3.2 Do contato inicial com os/as professores/as, coordenação e equipe da biblioteca.....	70
3.4 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	70
3.4.1 Coleta de dados.....	72
3.4.1.1 Entrevistas com os/as alunos/as.....	73
3.4.1.2 Entrevistas com professores/as e coordenação.....	74
3.4.1.3 Entrevistas com a equipe da biblioteca.....	75
CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	77
4.1 SOBRE O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	78
4.2 CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	80
4.3 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS.....	83
4.4 EXISTEM (E SE EFETIVAM) POLÍTICAS QUE DEMOCRATIZEM O CONHECIMENTO NA BIBLIOTECA ESCOLAR?.....	90
CAPÍTULO 5 – ELABORAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICES.....	112
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEIS.....	113

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PROFESSORES/AS E BIBLIOTECÁRIAS.....	115
APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO...	117
APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ESTUDANTES.....	12,
APÊNDICE E - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: PROFESSORES/AS E COORDENADOR/A.....	122
APÊNDICE F – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: BIBLIOTECÁRIAS E EQUIPE DA BIBLIOTECA.....	124
APÊNDICE G – PRODUTO EDUCACIONAL.....	126
APRESENTAÇÃO.....	147
OS LEITORES LÁ DE CASA.....	149
DE ELEANOR H. PORTER A BALZAC.....	152
LEITURA EM MINHA VIDA.....	154
ME CONTA OUTRA HISTÓRIA?.....	155
A PESSOA MAIS SORTUDA DO MUNDO!.....	157
... E A LEITURA LITERÁRIA PASSOU A SER PARTE DE MIM.....	158
ONE PIECE.....	161
DE LEITOR OBRIGADO A LEITOR APAIXONADO.....	163
RECORDAÇÕES TÃO BOAS!.....	164
DAS RECORDAÇÕES QUE NOS MARCAM.....	165
MINHA HISTÓRIA COM A EDUCAÇÃO E A LEITURA.....	166
UMA LEITORA VORAZ.....	169
A LEITURA SALVA (E A BIBLIOTECONOMIA TAMBÉM!).....	170
LEITURA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.	172
PODIA TER MAIS HQ, NÉ?.....	173
UM APAIXONADO POR NÚMEROS (E POR PALAVRAS).....	174
OLHAR DE MENINA.....	175
DOCES RECORDAÇÕES.....	178
UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS.....	179
A CURIOSIDADE É O QUE ME MOVE.....	182
ALGUNS FINAIS.....	183
AGRADECIMENTOS.....	184

ANEXOS.....	186
ANEXO A – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA CAMPO PARA O CEP/UFG.....	187
ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	188
ANEXO C – “LIVRO - A TROCA”	192

INTRODUÇÃO

Muitos são os motivos que fundamentam uma produção científica, especialmente num estágio tão delicado quanto é o Mestrado. Muitos também são os desafios do percurso, alguns deles decorrentes do próprio currículo do curso, como a escrita dos artigos científicos oriundos das disciplinas cursadas, da linha de pesquisa estudada, da elaboração de um Produto Educacional e da própria Dissertação... outros decorrem das particularidades de cada indivíduo, de cada projeto, de cada escolha que moldou o caminho da pesquisa durante sua construção.

Dentre os desafios, talvez os mais interessantes sejam a escrita da Dissertação e a elaboração do Produto Educacional. Não só por serem essenciais para a obtenção do título de mestre/a, mas também pela intrincada relação que constituem no âmbito da pesquisa. Apesar de serem obrigatórios, ambos refletem as particularidades do sujeito pesquisador/a: apresentam sua visão sobre a sua área de estudo, mostram suas dificuldades em relação ao desenvolvimento do projeto e coroam sua tentativa de contribuir com a Ciência, especialmente em tempos em que ela é vista com escárnio pelos governantes do país.

A escrita da dissertação, principalmente, diz muito sobre sua autoria. Diz respeito ao que o/a autor/a acredita, aos anos dedicados a esse trabalho, sendo seu resultado o cômputo de tudo que foi discutido nesse período: teorias, pesquisas de outros/as autores/as, suas leituras, suas percepções enquanto pesquisador/a, os dados coletados, às possibilidades de discussão oriundas do trabalho. Entretanto, fatores externos também interferem na decisão do/a pesquisador/a. Às vezes, pesquisas em andamento precisam ser reformuladas por *n* motivos, e esse acabou sendo o caso.

2020 e 2021 foram anos bastante difíceis para todos, especialmente para os brasileiros. Centenas de milhares de mortes por causa da pandemia de COVID-19 e um desgoverno presidencial. Ao mesmo tempo em que a saúde colapsava, vidas pessoais, profissionais e acadêmicas colidiram, com todos/as se esforçando para fazer o melhor, mesmo com todo o sofrimento que nos cercava. Pesquisas (e vidas) foram interrompidas. O que restou precisou ser reformulado, tendo em vista o novo cenário social que se apresenta, e projetos que estavam sendo realizados de forma completamente presencial, como é o caso deste estudo, tiveram que ser refeitos e se adaptar às possibilidades ofertadas pela tecnologia. Assim, prossegui com a pesquisa dentro desta nova realidade.

Como bibliotecária que sou, filha da Universidade Federal de Goiás (UFG), tanto pela Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/UFG) quanto pelo Programa de Pós-Graduação

em Ensino na Educação Básica (PPGEEB-Cepae-UFG), ciente da importância de devolver à população o conhecimento que me foi ofertado, me empenhei em unir as áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Educação ao longo da construção desta pesquisa.

A ideia inicial era desenvolver, no decorrer do ano letivo de 2020, atividades presenciais com as duas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental (EF), que contam com 30 (trinta) alunos/as cada, na Biblioteca Setorial Prof. Geraldo Faria Campos, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (BSCepae), a partir da contação de histórias e discussões sobre obras oriundas do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). O objetivo era “Contribuir com estudos nas áreas da Educação e da Biblioteconomia, com ênfase na importância da criação e da efetivação de políticas públicas voltadas à democratização do acesso à informação, por meio das bibliotecas escolares, para a promoção do conhecimento e a formação de leitores/as na Educação Básica”. A investigação seria, portanto, acerca do modo como uma política pública voltada, especificamente, para as bibliotecas escolares (BE) pode impactar na formação de leitores/as e partiria da compreensão do contexto da criação do PNBE/Programa Nacional do Livro Didático Literário (PNLD Literário) e os desdobramentos do Programa para a Educação Básica. Para isso, foi feito levantamento das políticas, dos programas, planos e lei relacionados à promoção da leitura no Brasil, com o intuito de discorrer sobre a relevância da BE enquanto espaço de democratização do acesso à informação, promoção do conhecimento e formação de leitores/as, bem como sua efetivação na biblioteca do Cepae-UFG. Parte dos resultados da pesquisa, seria materializada em um livro contendo crônicas baseadas nas vivências e discussões decorrentes das atividades e das observações realizadas naquele ambiente.

Entretanto, a crise da COVID-19 não permitiu a realização dessas atividades de forma presencial, no espaço da BSCepae, escolhida por ser um campo experimental, que permite novas abordagens e pode servir de molde para futuras experiências. Consequentemente, a observação *in loco* dos/as estudantes na BSCepae, conforme previsto no projeto de pesquisa, não pôde ocorrer. A partir disso, muita coisa precisou ser repensada. Mas como agir? O projeto anterior já havia sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob parecer consubstanciado nº **4.137.956**, e não havia tempo hábil para a realização de novo projeto e nova submissão.

Mas o objetivo geral da pesquisa se mantinha e a temática não havia mudado. No entanto, algumas alterações seriam necessárias para conseguir estruturar a pesquisa e, assim, cumprir com o que havia sido proposto. Desse modo, foi possível manter o parecer consubstanciado de aprovação e realizar o estudo, com adaptações nos objetivos específicos, que passaram a ser:

- Identificar fatores envolvidos na criação e efetivação de políticas públicas voltadas à democratização da informação, a partir dos princípios expostos no Manifesto elaborado pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e aprovado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), para as bibliotecas escolares.

- Elencar as políticas públicas existentes, que se refiram à democratização do conhecimento, com enfoque nas possibilidades ofertadas pelo PNBE/PNLD Literário às bibliotecas escolares.

- Discutir a importância das políticas públicas voltadas à democratização do acesso à informação e ao patrimônio cultural, especialmente quando inseridas nas bibliotecas escolares, e apresentar possibilidades para que sejam efetivadas.

- Compreender o modo como as políticas públicas referentes à democratização do acesso à informação e à promoção do conhecimento têm se efetivado na biblioteca do Cepae-UFG, a partir da discussão sobre a relevância da biblioteca escolar como agente democratizador e socializador de informação e cultura.

- Elaborar e publicar um livro contendo crônicas baseadas nas memórias dos/as estudantes e demais membros entrevistados da comunidade acadêmica do Cepae-UFG.

Além disso, optamos por mudar o formato da coleta de dados. Se antes a pesquisa seria presencial, agora o meio utilizado seria virtual. O convite para a participação na pesquisa, termos de assentimento – referente aos/às alunos/as – e consentimento – dos/as responsáveis – foram enviados via *e-mail*, com dados obtidos na própria secretaria do Cepae-UFG. Em caso de aceite, foram realizadas entrevistas com os/as alunos/as, por meio de ligação telefônica ou ligação de áudio pelo *WhatsApp*. Os relatos obtidos foram anotados em tempo real, através de perguntas previamente formuladas, relativas às experiências dos/as participantes com bibliotecas escolares, livros e leitura.

Após, os dados coletados a partir das entrevistas dos/as estudantes foram analisados através do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), em busca de um discurso comum que validasse ou não a importância da BE e dos livros nela trabalhados. Além desses dados, foram coletados relatos de professores/as, coordenador, ex-coordenadora, bibliotecárias e da pedagoga atuante na BSCepae, relatos esses que, aliados às informações disponibilizadas pelos/as alunos/as, compõem o *corpus* do Produto Educacional da pesquisa: um livro de memórias sobre a biblioteca escolar e seu papel na vida dos/as participantes, que foi contemplado com o Edital

003/2020 de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PGEEB/CEPAE/UFG, recebendo incentivo financeiro para sua publicação.

A pesquisa se configura como exploratória-descritiva, com abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de um estudo de caso sobre a importância da efetivação de políticas públicas de acesso à informação, na BSCepae. Conta ainda com levantamento bibliográfico em bases de dados e em documentos governamentais referentes à democratização do acesso à informação e ao incentivo à leitura, com enfoque nos materiais disponibilizados pelo PNBE/PNLD Literário e nos dispostos do Manifesto IFLA/Unesco para Biblioteca Escolar, disponibilizado pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), bem como nas Diretrizes IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar.

Sua construção se pautou nos seguintes questionamentos: “Em que medida os princípios da BE, definidos pelo Manifesto IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar, têm encontrado respaldo nos encaminhamentos feitos por meio do PNBE/PNLD Literário e como eles têm sido efetivados nas escolas? Esses encaminhamentos têm favorecido a formação de leitores/as, na Educação Básica?”. Tais questionamentos se justificam a partir da existência de políticas públicas de informação e de democratização do acesso ao conhecimento para a Educação Básica e da necessidade de se discutir sobre as implicações de sua efetivação nas BE, para o incentivo à leitura e a formação de leitores/as nesse espaço.

No que diz respeito ao alinhamento aos dispostos do PPPGEEB-Cepae-UFG, a pesquisa se encaixa na área de concentração **Ensino na Educação Básica** e na linha de pesquisa **Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes**, ao estimular a “elaboração de estratégias de ensino que visem oportunizar a aprendizagem, a elaboração e aplicação de projetos educacionais” (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, [202-?], não paginado). A investigação realizada também faz parte do projeto de pesquisa em andamento, que se intitula **Leitura literária e formação de leitores na educação básica**.

Em relação à estrutura, a dissertação se divide em cinco capítulos. O primeiro, *As políticas públicas de acesso à informação no Brasil*, apresenta um panorama histórico e um levantamento das políticas públicas de acesso à informação no país, desde a criação do Instituto Nacional do Livro (INL) em 1937, até a atualidade.

O segundo capítulo, *A biblioteca escolar e seu papel na democratização e socialização do conhecimento*, traz alguns conceitos iniciais sobre a temática discutida, em especial a respeito das definições de biblioteca escolar, democratização do conhecimento, livro, leitor/a, leitura, literatura e memória. Além disso, o capítulo discute se as políticas de acesso à

informação levantadas no capítulo anterior favorecem ou não a democratização do conhecimento, no ambiente da BE, e ainda reflete acerca do papel do/a professor/a e do/a bibliotecário/a na socialização do conhecimento e da cultura.

No terceiro capítulo, *O desenvolvimento da pesquisa*, apresenta-se a escola campo: o Cepae-UFG, com foco na biblioteca escolar do local. São apresentados também os sujeitos da pesquisa: aluno/as, professores/as, coordenador, bibliotecárias e a pedagoga que atua na BSCepae, explicitando como foi o contato inicial com os/as participantes da pesquisa e a coleta de dados, por meio das entrevistas por ligação telefônica.

O quarto capítulo, *Resultados e discussão*, traz a análise dos dados coletados e explicita a construção do DSC, a partir da junção da teoria de Fernando Lefèvre (2017) e das memórias coletadas na pesquisa de campo.

No quinto e último capítulo, *Elaboração do Produto Educacional*, são apresentadas as primeiras páginas do boneco de livro *Tia, quero aquele livro!*: recordações e vivências sobre a biblioteca escolar, incluindo a apresentação do material e algumas das crônicas que farão parte da sua composição.

A partir da soma desses dois trabalhos: escrita da Dissertação e elaboração do livro de crônicas memoriais, espera-se cumprir o objetivo geral do estudo, ampliando as pesquisas sobre a temática na BE e entrelaçando as três áreas de conhecimento: Educação, Biblioteconomia e Ciência da Informação.

CAPÍTULO 1: AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO NO BRASIL

*Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu
Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão
Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia*

(Chico Buarque)

O Brasil é um país imenso, tanto em extensão quanto em desigualdades. Uma grande parcela da população tem índices baixíssimos de renda e instrução, enquanto uma minúscula parcela controla grandes fortunas. Como se essas desigualdades por si só já não fossem gritantes, vivenciamos uma época nefasta no que se refere à educação no país.

Nos últimos anos, vimos a educação pública ser vilipendiada dia após dia, principalmente pelo descaso do governo federal. Vivenciamos um período sombrio, onde os recursos públicos destinados à educação sofreram cortes absurdos, tanto no que se refere à Educação Básica quanto ao Ensino Superior.

Esses cortes impactam de forma significativa na educação pública do país, afetando, entre outras coisas, as condições de trabalho dos/as profissionais da Educação e de funcionamento das escolas e instituições de Ensino Superior, como no que diz respeito à manutenção ou reforma predial, compra de móveis, aquisição de itens necessários para as atividades pedagógicas, pagamento de contas de água, energia, *internet*, reajuste salarial dos/as profissionais, contratação de profissionais terceirizados, segurança, limpeza, transporte escolar, incentivo à pesquisa científica e a atividades de extensão, assistência estudantil, bolsas acadêmicas, insumos de pesquisa e pagamento de fornecedores/as.

Segundo a Instituição Fiscal Independente (IFI), órgão consultivo do Senado, o Ministério da Educação sofreu um corte de R\$ 3,9 bilhões na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), em abril de 2021 (MÁXIMO, 2021). Antes disso, vários outros cortes já haviam ocorrido, afetando todos os níveis da educação no país. Em 2015, o orçamento total do Ministério da Educação (MEC) tinha como previsão a destinação de 174,4 bilhões de reais, mas apenas R\$ 114,9 bilhões foram efetivamente gastos. Já para 2022, a verba prevista é de R\$134,6 bilhões, conforme mostrado na Tabela 1, cerca de 39,8 bilhões a menos do que em 2015.

Tabela 1 - Orçamento do Ministério da Educação nos anos de 2015 a 2021.

Ano	Valor previsto	Valor executado
2015	R\$ 174,4 bi	R\$ 114,9 bi
2016	R\$ 158,2 bi	R\$ 129,9 bi
2017	R\$ 140,8 bi	R\$ 126,2 bi
2018	R\$ 139,9 bi	R\$ 120,2 bi
2019	R\$ 149,7 bi	R\$ 119,7 bi
2020	R\$ 143,1 bi	R\$ 114,2 bi
2021	R\$ 145,7 bi	R\$ 90,2 bi
2022	R\$ 134,6 bi	-

Fonte: Adaptado pela pesquisadora com base em dados do Jornal Extra Classe, 2021.

De fato, segundo reportagem do G1 Espírito Santo (2021), o orçamento do MEC em relação ao Ensino Superior, por exemplo, foi reduzido em 37% em relação ao ano de 2010. Já na Educação Básica, a queda orçamentária teve início em 2012, quando “a educação básica foi contemplada com R\$ 65,2 bilhões, e foi perdendo em torno de R\$ 2 bilhões por ano até 2015” (LAMPERT, 2021, não paginado).

Em 2016, a queda foi ainda mais brusca, com mais R\$ 13,1 bilhões retirados do orçamento anual. Para piorar, o congelamento das despesas decorrente da Emenda Constitucional nº 95/2016 dificulta ainda mais as questões orçamentárias, pois estabelece um teto para gastos públicos, limitando o percentual de verbas destinadas pelo governo federal nos próximos 20 anos e restringindo o acesso a direitos essenciais a todo indivíduo, como saúde e educação (FARIAS; ALVES, 2017).

Não obstante, esses cortes afetam de forma significativa a população, já que as restrições orçamentárias impactam, principalmente, as ações voltadas para a equidade e os direitos humanos, aumentando a desigualdade e impedindo o acesso da população mais pobre à educação.

É a partir das mudanças possibilitadas pela educação que se torna possível minimizar essas diferenças sociais, e com base nisso, é essencial que o Estado formule políticas públicas,

ações e programas de desenvolvimento que reduzam essas diferenças e possibilitem acesso à população, já que o acesso à saúde, ao lazer, à segurança, à educação, à cultura e a vários outros bens é um direito resguardado pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF/88).

Por políticas públicas podemos compreender as ações ou intenções dos entes governamentais que transformarão o mundo real (GIANEZINI; BARRETTO; GIANEZINI; LAUXEN; BARBOSA; VIEIRA, 2017), a partir da aplicação de intervenções ou recursos públicos (TEIXEIRA, 2002), em áreas que necessitem de apoio ou visibilidade.

Teixeira (2002) afirma ainda que as “não-ações” ou omissões dos entes federativos são manifestações do Poder Público, ainda que indiretas, já que existem diferenças entre o que é desenvolvido de fato e o que é apenas declarado pelos/as governantes, ao mostrar onde o Poder Público está atuando ou não.

Desse modo, propôs-se o presente estudo, fundamentado na importância de se discutir sobre as políticas públicas, em especial as que se referem ao acesso à informação e democratização da cultura, que, pautadas nas necessidades da BE, minimizam as problemáticas referentes às dificuldades de acesso dos/as estudantes às bibliotecas e centros de informação. Segundo Castrillón (2011, p. 25), “uma verdadeira democracia participativa necessita de espaços que permitam a todos os cidadãos acesso à informação, ao conhecimento e às manifestações da cultura e da arte”.

Nesse sentido, o Poder Público tem obrigação de ofertar ações que incentivem a leitura nas escolas, seja na instância federal, na estadual ou municipal, garantindo aos/as alunos/as o acesso ao conhecimento e cultura (BRETAS, 2014) e favorecendo a construção de um estado democrático de fato, pautado num dos direitos básicos do ser humano: o direito à leitura e à literatura.

E quando pensamos em leitura no Brasil, é importante lembrar que, embora tenha ocorrido uma pequena redução na taxa de analfabetismo no país, de 6,8% em 2018 para 6,6% em 2019, dados do IBGE (2019) apontam que, aproximadamente 11 milhões de pessoas ainda são analfabetas, ou seja, não possuem a capacidade formal de ler ou escrever (TOKARNIA, 2020). Não obstante, 29% da população brasileira, o que equivale a quase 7,4 milhões de pessoas, fazem parte dos/as chamados/as analfabetos/as funcionais (IBGE, 2019), ou seja, que sabem ler e escrever, mas não compreendem textos, ideias e operações matemáticas básicas (AURORA NETA, 2014).

Ainda que essas pessoas analfabetas funcionais estejam fora das instituições escolares, seus/suas filhos/as, netos/as, sobrinhos/as, amigos/as e conhecidos/as talvez sejam estudantes.

E convivem com essas pessoas, se relacionando direta ou indiretamente com elas. E essas relações acabam por influenciar na construção de um país leitor, do mesmo modo que as políticas públicas de acesso à informação e as ações de incentivo à leitura, de fomento à equidade e a democratização do acesso à cultura.

Questões como essas são recentes na pesquisa científica brasileira, acontecendo prioritariamente na área da Educação, já que é no espaço da escola que se costumam discutir e observar as relações dos/as estudantes com a leitura e a interpretação crítica daquilo que leem. Porém, não se deve esquecer que a escola, como espaço de formação do sujeito, é parte de seu cotidiano e da sua construção enquanto indivíduo. Desse modo, não se deve enxergar de modo isolado os “problemas da educação”, do fomento à leitura e das políticas educacionais apenas em âmbito escolar (AURORA NETA, 2014), mas sim compreendê-los como parte de um todo que inclui muito mais que só aquilo que se vivencia dentro das salas de aula.

A partir dessas constatações, a presente Dissertação discute sobre a criação e implementação das políticas públicas de acesso à informação e democratização do conhecimento voltadas para as necessidades da Educação Básica, em relação à formação de leitores, como o PNBE/PNLD Literário, as orientações do Manifesto IFLA/Unesco para Biblioteca Escolar e as Diretrizes IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar.

Parte-se do pressuposto de que a socialização do livro e demais equipamentos culturais fomenta o estímulo à leitura, democratizando o acesso à informação e à cultura (BERNARDES, 2013). Desse modo, o presente capítulo apresenta um mapeamento histórico das políticas públicas de acesso à informação e uma breve contextualização da história da BE no Brasil, objetivando compreender o contexto de criação dessas políticas e, a partir disso, discutir sobre as possibilidades de efetivação nas bibliotecas escolares.

1.1 PANORAMA HISTÓRICO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO

A biblioteca é considerada a mais antiga instituição cultural que se tem conhecimento, fazendo parte da história desde o início dos registros de informações em argila e papiros (MILANESI, 1997). Porém, no Brasil, os primeiros relatos da presença de bibliotecas se deram em 1549, com a instalação das primeiras bibliotecas nas escolas jesuítas em Salvador, na Bahia (MAROTO, 2012), até a expulsão dos jesuítas do país, em 1759.

Em 1811, três anos após a chegada da Coroa Portuguesa ao Brasil, cerca de 60 (sessenta) mil itens chegaram ao país, sendo parte do acervo literário de Portugal, que viriam a

constituir a Biblioteca Real (ZOTTI, 2004; VIANA, 2014; SANTOS, 2010; DUARTE, 2018). Como complemento ao acervo, a Biblioteca Real contava ainda com a compra de acervos privados, como a biblioteca do Conde da Barca, recolhimento de obras abandonadas nos mosteiros jesuítas e doações (CAMARGO, 2011).

Em 1822, uma nova política educacional foi formulada, mas sem focar no papel das bibliotecas no país, sendo seguida pela Constituição de 1824, que garantia a todos/as os/as cidadãos/ãs instrução primária e gratuita (DUARTE, 2018). A Biblioteca Escolar (BE) só é citada novamente em 1838, no Rio de Janeiro, com a criação do Estatuto do Colégio Pedro II, sendo esse considerado o primeiro “documento normativo” que integra, de fato, biblioteca e escola (VIANA, 2014).

Mudanças significativas só se dão em 1920 e 1930, com o surgimento do movimento escolanovista¹ (DUARTE, 2018), e posterior criação do Instituto Nacional do Livro (INL) na Era Vargas, órgão responsável pelo desenvolvimento das políticas de livro e leitura no Brasil, de 1937, à sua extinção em 1991 (BRAGANÇA, 2009; TAVARES, 2014). Instituído na gestão do Secretário de Educação e Saúde – Gustavo Capanema –, o INL tinha como incumbências: editar obras raras; estabelecer medidas que barateassem, melhorassem e aumentassem a quantidade de livros editados no país; e organizar e gerir as bibliotecas públicas, além de auxiliar na sua posterior manutenção (BRAGANÇA, 2009).

Durante o período da ditadura militar no Brasil, o INL acabou sendo utilizado como ferramenta de censura do material que seria disponibilizado nas escolas. Ao longo dos anos, em especial na década de 1980, o instituto foi perdendo força, até sua fusão definitiva com a Biblioteca Nacional, em 1991, marcando o encerramento de suas ações enquanto instituição (TAVARES, 2014).

Em seguida, foi criado o Serviço Nacional de Bibliotecas (SNB), em 1963, através do Decreto nº 52797, de 31 de outubro de 1963, pelo presidente João Goulart (BRASIL, 1963, não paginado). O SNB objetivava o intercâmbio entre bibliotecas do Brasil, fomentando a formação de sistemas regionais de bibliotecas (PAIVA, 2008, p. 31). Em 1971, o INL lança o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef), com duração até 1985, cuja responsabilidade era a implantação do sistema que controlava financeiramente as questões relativas à distribuição do livro didático (BRASIL, c2017, não paginado).

¹ Movimento iniciado no fim do século XIX, que afirmava ser a escola o único elemento eficaz para a construção de uma sociedade democrática de direito, fundamentado no papel central do/a aluno/a, em seu processo educativo. Ganhou força no Brasil durante as mudanças educacionais promovidas na década de 1920 (OLIVEIRA; CHAVES; PINTO; ARAUJO, 2019).

A próxima iniciativa surgiu em 1979, sendo nomeada como Programa de Desenvolvimento e Preservação do Livro (Prodelivro), posteriormente substituída pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no ano de 1995.

No ano de 1984 ocorre o lançamento do Programa Nacional Salas de Leitura (PNSL), com duração até o ano de 1987 que tinha como objetivo a construção de várias salas de leitura no país (CORDEIRO, 2018). Em 1988, o programa passa a se chamar Salas de Leitura/Bibliotecas Escolares, ampliando o objetivo para a construção de BE's, através de parcerias realizadas com prefeituras municipais (CORDEIRO, 2018).

Já o projeto Pró-Leitura foi uma iniciativa criada em 1992, e encerrada em 1996, que objetivava a capacitação profissional docente, englobando alunos/as, professores/as e pesquisadores/as, e, também, criar salas de leituras e bibliotecas no Brasil (CORDEIRO, 2018).

Como é possível observar, várias são as iniciativas do Poder Público em relação às políticas de acesso à informação e democratização do conhecimento, embora a maioria delas tenha se encerrado pelo mesmo motivo: falta de verba e ações governamentais que fomentassem a continuidade dos programas. Sem recursos, por melhores que sejam os objetivos das políticas públicas desenvolvidas, se torna impossível que elas sejam efetivadas, e acabam sendo encerradas, reformuladas ou agregadas, conforme apresentado neste breve panorama histórico.

1.2 POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO, PROGRAMAS E PLANO NACIONAL DE PROMOÇÃO DA LEITURA E LEI EM VIGOR NO BRASIL

Ao longo dos anos, várias foram as políticas públicas de promoção da leitura, formação de leitores/as, acesso à informação e democratização do conhecimento, nas esferas municipal, estadual e federal. O presente tópico apresenta as mais relevantes e ainda em vigor no Brasil, como o Programa Nacional de Incentivo à Leitura; a Política Nacional do Livro; o Plano Nacional do Livro e Leitura; a Lei Federal nº 12.244, de 24 de maio de 2010; a Política Nacional de Leitura e Escrita; o Programa Nacional Biblioteca na Escola; o Programa Nacional do Livro e do Material Didático e o PNLD Literário.

1.2.1 Programa Nacional de Incentivo à Leitura

Em 1992, no governo do ex-presidente Fernando Collor, instituiu-se o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), através do estabelecimento do Decreto nº 519, de 13 de maio de 1992, a partir de uma iniciativa da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

(FNJL), baseado nas discussões sobre o incentivo à leitura no país (BRASIL, 1992, não paginado).

Segundo o artigo 2º do Decreto nº 519/1992, o PROLER tem como objetivos: “I - promover o interesse nacional pelo hábito da leitura; II - estruturar uma rede de projetos capaz de consolidar, em caráter permanente, práticas leitoras; III - criar condições de acesso ao livro” (BRASIL, 1992, não paginado). Desse modo, espera-se formar mediadores/as de leitura e fomentar ações de promoção à leitura e incentivo à formação de leitores/as com investimento médio de 200 (duzentos) milhões de reais (CORDEIRO, 2018).

O programa é de responsabilidade do Secretário-Executivo do Ministério da Cultura e está em vigor desde sua implementação, sendo uma proposta que inclui tanto entidades oficiais quanto não governamentais, além de profissionais, agentes e promotores/as de leitura. Para isso, são realizadas ações organizadas pelos chamados Comitês do PROLER, cuja sede é na Casa de Leitura, no Rio de Janeiro (CARTOGRAFIAS DA LEITURA, 2016, não paginado).

São sete os Comitês de Leitura no Centro-Oeste e um deles fica em Goiânia, vinculado à Universidade Federal de Goiás (CARTOGRAFIAS DA LEITURA, 2016, não paginado), com sede na FIC/UFG, dentro do Laboratório do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca (LIBRIS) e sob coordenação da professora Maria das Graças Monteiro Castro. Esse laboratório é uma biblioteca modelo que conta com um acervo advindo da premiação do FNLJ, e que recebe mais de 700 livros infantis por ano em nome da professora Graça, que é votante do FNLJ (VALLIM; FERNANDES; CASTRO, 2017).

Como resultados, observa-se que as ações desenvolvidas pelo PROLER apoiam a formação de acervos e mediação da leitura em bibliotecas de todo o país. Em Goiás, por exemplo, as ações desenvolvidas dentro da BM LIBRIS incentivam a democratização da leitura e do conhecimento, impactando significativamente na educação no país.

1.2.2 Política Nacional do Livro

A Política Nacional do Livro (PNL) foi instituída pela Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, no governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Tem como diretrizes:

- I – assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro;
- II – o livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida;

III – fomentar e apoiar a produção, a edição, a difusão, a distribuição e a comercialização do livro;
IV – estimular a produção intelectual dos escritores e autores brasileiros, tanto de obras científicas como culturais;
V – promover e incentivar o hábito da leitura;
VI – propiciar os meios para fazer do Brasil um grande centro editorial;
VII – competir no mercado internacional de livros, ampliando a exportação de livros nacionais;
VIII – apoiar a livre circulação do livro no País;
IX – capacitar a população para o uso do livro como fator fundamental para seu progresso econômico, político, social e promover a justa distribuição do saber e da renda;
X – instalar e ampliar no País livrarias, bibliotecas e pontos de venda de livro;
XI – propiciar aos autores, editores, distribuidores e livreiros as condições necessárias ao cumprimento do disposto nesta Lei;
XII – assegurar às pessoas com deficiência visual o acesso à leitura.
(BRASIL, 2003, não paginado).

A partir dessas diretrizes, percebe-se a amplitude da Lei, que engloba a promoção da leitura e assegura o livre acesso ao livro, valorizando o ambiente da BE e criando meios para a produção, circulação e editoração do livro (CORDEIRO, 2018). Trata-se de política pública em vigor, que determina a responsabilidade do Poder Executivo em financiar as editoras e sistemas de distribuição do livro, bem como a implementação de programas anuais referentes à manutenção e atualização de acervo das bibliotecas públicas do país (BRASIL, 2003, não paginado).

Em 2012, surgiu o Projeto de Lei do Senado 4534/2012, que objetivava alterar o PNL e “conceder isenção de impostos e de tarifas alfandegárias a livros publicados em formato digital, magnético ou ótico e a produtos convertidos em formato digital que sejam equiparados a livros” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2013, não paginado). Em 2019, o projeto foi aprovado pelo relator na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ).

Apesar de se efetivar em relação ao acesso ao livro, o PNL acaba não atingindo a raiz do problema, visto que não estabelece políticas que incentivem a leitura e formação de leitores, motivo pelo qual se criou a próxima política pública a ser discutida, o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL).

1.2.3 Plano Nacional do Livro e Leitura

O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) foi instituído a partir do Decreto nº 7.559, de 1º de setembro de 2011, também no governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, pelo ministro da Cultura, Gilberto Gil e pelo ministro da Educação, Fernando Haddad. Seu objetivo principal é a promoção da democratização do acesso ao livro; a formação de

mediadores/as; e a valorização da leitura e do livro enquanto instrumento de estímulo à produção intelectual (BRASIL, 2011, não paginado). Segundo Camillo e Castro Filho (2020, p. 114), trata-se de “uma política pública de promoção do livro, leitura e bibliotecas vista como um ato fundamental para o desenvolvimento humano, social e cultural dos brasileiros”.

Ainda em vigor, o PNLL estabelece eixos, metas e pormenores para a implantação das políticas de livro e leitura no país e “consiste em estratégia permanente de planejamento, apoio, articulação e referência para a execução de ações voltadas para o fomento da leitura no País” (BRASIL, 2011, não paginado), devendo ser revista a cada dez anos pelos Ministérios da Educação e da Cultura.

O PNLL foi uma das políticas públicas mais afetadas no governo do presidente Jair Messias Bolsonaro, sofrendo fortes impactos na participação da sociedade civil em relação à formulação da política. Antes, o PNLL era gerido pelo Conselho Diretivo, o Conselho Consultivo e a Coordenação Executiva. Porém, em 2019, o Conselho Consultivo foi extinto após decreto do presidente Jair Messias Bolsonaro (BIBLIOO, 2019, não paginado). Além disso, o Conselho Diretivo, que era anteriormente composto por “III – dois representantes da sociedade civil com notório conhecimento literário”, passou a ser composto por apenas um representante (BRASIL, 2011, não paginado).

1.2.4 Lei Federal nº 12.244, de 24 de maio de 2010

Um caso diferente é o da Lei Federal nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que “dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País” (BRASIL, 2010, *online*). Ainda que não seja, especificamente, uma legislação voltada para a leitura ou o livro, essa lei estabelece a obrigatoriedade da existência de bibliotecas nas escolas de todo o país, tanto na rede pública quanto na privada (OLIVEIRA, L., 2019).

Seu objetivo é “incentivar o acesso à informação e a leitura, instituindo bibliotecas escolares em todas as instituições de ensino” (*loc. cit.*, 2019, p. 50). Percebe-se, assim, que apesar da lei não tratar de forma expressa sobre leitura, configura-se como uma política pública de acesso à informação e democratização do conhecimento, pois institui a presença da BE de forma obrigatória nas escolas, com acervo de no mínimo um título por aluno/a matriculado/a e presença do/a bibliotecário/a² como gestor/a do espaço.

² Profissional graduado/a no Bacharelado em Biblioteconomia, obrigatoriamente registrado/a no Conselho Regional de Biblioteconomia de sua região (BRASIL, 1998, não paginado).

Desse modo, para sua efetivação, são necessárias “ações centradas na organização e disponibilização de recursos informacionais, ou seja, voltadas a garantir o direito de acesso à informação” (VIANA; PIERUCCINI, 2015). Ressalta-se, porém, que a legislação tinha previsão máxima de efetivação para maio de 2020 e isso não ocorreu.

Com base nisso, alguns Projetos de Lei (PL) foram propostos na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, objetivando ampliar esse prazo e estabelecer novas regras e objetivos para o espaço da BE. O PL 9484/18 propõe uma nova definição de BE, estabelece os novos objetivos do espaço em relação ao processo educativo e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE), além de sugerir que o prazo de universalização seja ampliado para junho de 2024 (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018, não paginado).

O PL foi aprovado pela CCJ da Câmara dos Deputados em agosto de 2019, após uma emenda que estabelecia que metade da meta de títulos por aluno/a deveria ser cumprida até 2020 e que uma parte dos recursos do Custo Aluno Qualidade inicial (CAQi) e do Custo Aluno Qualidade (CAQ) deve ser vinculada à verba disponibilizada pelo governo federal aos estados e municípios, para universalizar as BE (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019, não paginado).

O Projeto de Lei do Senado nº 94, de 2018, inclui na Lei 12.244/2010 a obrigação de se construir BE nas escolas públicas de Educação Básica, garantindo o direito a esse espaço, ainda na construção civil da instituição (SENADO FEDERAL, 2018, não paginado). O PL 2131/2019 propõe a inserção de autores/as locais nas BE, tendo sido apensado em 2020 ao PL 4401/2020 (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019, não paginado). Já o PL 4401/2020, de agosto de 2020, ampliou o prazo para a universalização das BE para o ano de 2022, tendo sido aprovado para a votação no Senado Federal (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2020, não paginado).

Por fim, o PL 4003/20 sugere que o prazo seja ampliado para 2024, assim como o projeto 9484/2018. Uma das alterações sugeridas, inclusive, foi a de que a BE também possa abranger em seu acervo livros digitais e materiais videográficos, áudios, documentos ou fotos em qualquer suporte. No momento, o projeto aguarda parecer da relatoria (CAMARA DOS DEPUTADOS, 2020, não paginado).

A proposição de PL's para prorrogar o prazo de validação da Lei 12.244/2010 comprovam a importância dessa lei e seu papel como elemento democratizador do conhecimento e da cultura, não só pela sua relação com o fomento à leitura e a formação de leitores/as, mas pela valorização do papel do/a bibliotecário/a enquanto profissional na BE.

1.2.5 Política Nacional de Leitura e Escrita

A Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) foi formulada no governo do ex-presidente Michel Temer, através da promulgação da Lei 13.696, de 12 de julho de 2018, e é também conhecida como Lei Castilho, tendo recebido essa alcunha em referência ao professor José Castilho Marques Neto, que a apresentou. A PNLE é uma estratégia permanente na promoção do livro e da leitura no país (BRASIL, 2018, não paginado), cujo objetivo é instituir políticas claras e efetivas para o livro e a leitura, favorecendo a universalização do direito à literatura, ao livro e às bibliotecas, de modo a consolidar as ações estabelecidas anteriormente no PNLL.

Ainda em vigor, a PNLE tem como diretrizes principais:

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Leitura e Escrita:

I – a universalização do direito ao acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas;

II – o reconhecimento da leitura e da escrita como um direito, a fim de possibilitar a todos, inclusive por meio de políticas de estímulo à leitura, as condições para exercer plenamente a cidadania, para viver uma vida digna e para contribuir com a construção de uma sociedade mais justa;

III – o fortalecimento do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), no âmbito do Sistema Nacional de Cultura (SNC);

IV – a articulação com as demais políticas de estímulo à leitura, ao conhecimento, às tecnologias e ao desenvolvimento educacional, cultural e social do País, especialmente com a Política Nacional do Livro, instituída pela Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003;

V – o **reconhecimento das cadeias criativa**, produtiva, distributiva e mediadora do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas como integrantes fundamentais e dinamizadoras da economia criativa (BRASIL, 2018, não paginado, **grifo nosso**).

O inciso V desse artigo, especialmente, discute sobre o reconhecimento da cadeia operatória que circunda o livro e a leitura, que são direitos constituídos a todo cidadão, ainda que o acesso a eles seja dificultado pelas desigualdades sociais presentes no país (ESTEVES, 2018). Enquanto profissionais que defendem a leitura, é necessário que bibliotecários/as, professores/as, mediadores/as da leitura e dinamizadores/as de biblioteca atuem de modo a democratizar o acesso ao livro e auxiliem na efetivação dos direitos à leitura e à escrita de toda a população brasileira.

1.2.6 Programa Nacional Biblioteca na Escola

Em 1997, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) foi criado pelo governo Fernando Henrique Cardoso, para “distribuir acervo bibliográfico e didático para as escolas

brasileiras” (DUARTE, 2018, p. 67). É de responsabilidade da Secretaria de Educação Básica do MEC, em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), e sua operacionalização se dá a partir de análise dos recursos previstos no Plano Plurianual³ (PPA), sendo seguida pela seleção das obras por “Conselho Nacional de Secretários da Educação (Consed), da União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (Undime), do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), de intelectuais e de técnicos e especialistas na área de leitura, literatura e educação do Ministério da Educação e de universidades” (PNBE, c2018, não paginado).

A distribuição do material enviado pelo PNBE se voltava a três eixos: o PNBE do Professor, com enfoque na aquisição de acervos de obras de referência voltadas para a preparação dos planos de ensino; o PNBE Periódicos, que adquiria revistas pedagógicas, e o PNBE Temático, cujo objetivo era adquirir obras para a diversidade humana e formação cidadã (FNDE, c2017, não paginado).

O que se observa no Programa é que, em suas proposições, a formação de acervos é considerada o “caminho natural para a formação de leitores” (PAIVA; BERENBLUM, 2009, p. 183) nas BE, mas, na realidade, não são ofertadas possibilidades para o adequado uso desse acervo, especialmente no que tange às necessidades da formação de leitores/as críticos/as (PAIVA; BERENBLUM, 2009).

Apesar do material bibliográfico de qualidade enviado às escolas, permitindo a diversificação dos acervos das BE, tendo grande impacto em relação a isso, o PNBE/PNLD Literário possui um viés transmissivista, valorizando muito mais a criação de acervos do que, de fato, desenvolvendo ações voltadas para a promoção da leitura e formação de leitores/as. Foi unificado ao PNLD a partir do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, e recebeu o nome de PNLD Literário.

1.2.7 Programa Nacional do Livro e do Material Didático e PNLD Literário

O PNLD foi criado em 1937, no governo de Getúlio Vargas, e está em funcionamento até os dias atuais. Destina-se:

a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e

³ O Plano Plurianual é o instrumento da Administração Pública que permite a estruturação financeira e administrativa a cada quatro anos de governo, apresentando os recursos orçamentários previstos no período (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, c2018, não paginado).

gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público (PNLD, [202-], não paginado).

Já o PNLD Literário foi criado em 2018, no governo Temer, a partir da promulgação do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, que unificou as ações voltadas para o livro didático e livros paradidáticos. Ou seja, o PNBE e o PNLD tiveram seu escopo de aquisição ampliado para “obras pedagógicas, *softwares* e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros” (PNLD, c2018, *on-line*).

O Programa tem como objetivos:

- I – aprimorar o processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas de educação básica, com a consequente melhoria da qualidade da educação;
- II – garantir o padrão de qualidade do material de apoio à prática educativa utilizado nas escolas públicas de educação básica;
- III – democratizar o acesso às fontes de informação e cultura;
- IV – fomentar a leitura e o estímulo à atitude investigativa dos estudantes;
- V – apoiar a atualização, a autonomia e o desenvolvimento profissional do professor;
- VI – apoiar a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, não paginado).

E permite a escolha de livros literários que atenderão às demandas das escolas públicas, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental I e II e no Ensino Médio. Para isso, editoras de todo o país cadastraram obras de seus catálogos, que foram selecionadas por avaliadores/as do Ministério da Educação (MEC) e do FNDE, e logo em seguida, escolhidas pelas instituições de ensino brasileiras.

Desse modo, com base no que já foi discutido até o momento, é possível compreender o quão incipientes ainda são as políticas públicas de acesso à informação e democratização do conhecimento no Brasil, especialmente pela descontinuidade dada a elas pelo governo federal. Os constantes cortes de verbas, o congelamento de despesas, os ataques às instituições e suas gestões, especialmente nos últimos anos, acabam por dificultar o acesso à educação pública de qualidade, aos direitos humanos e o direito à leitura e ao acesso ao livro no Brasil.

Além disso, foi realizado um levantamento do histórico dessas políticas públicas e do papel da biblioteca escolar no país, desde a origem da Biblioteconomia Escolar no Brasil, em meados de 1540 até os dias atuais, com enfoque em duas dessas ações: o Programa Nacional Biblioteca na Escola e o Programa Nacional do Livro e do Material Didático Literário.

Cada uma das políticas apresentadas teve pontos positivos, como a facilitação da democratização do acesso à leitura e ao conhecimento, incentivo ao acesso a livros e outros

materiais e na criação de acervos em si. Porém, tanto o PNBE quanto o PNLD Literário possuem viés transmissivista, voltados para a aquisição dos livros e não para a formação de mediadores/as de leitura ou de projetos de cunho literário e suas necessidades. Ambos abordam muito o material físico em si, mas não apresentam de forma efetiva maneiras que minorem a necessidade de ambiente apropriado, profissionais capacitados/as para desenvolver ações de incentivo à leitura e para a formação de leitores/as críticos.

CAPÍTULO 2: A BIBLIOTECA ESCOLAR E SEU PAPEL NA DEMOCRATIZAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

*E se as histórias para crianças passassem
a ser de leitura obrigatória para os adultos?
Seriam eles capazes de aprender realmente
o que a tanto tempo têm andado a ensinar?*

(José Saramago)

A biblioteca é reconhecidamente um espaço de democratização, incentivo, promoção de leitura e de formação de leitores/as. No entanto, o tratamento que a ela tem sido dado ao longo do tempo demonstra que a este espaço, ainda, não foi dado o valor que de fato merece. Mesmo assim, independentemente de sua desvalorização, com recursos pessoais, materiais e financeiros muitas vezes insuficientes, é essencial ressaltar o papel formador das bibliotecas, em especial quando pensamos na BE.

É entendimento de Nóbrega (2009) que o percurso traçado pela biblioteca, na luta por visibilidade nas possibilidades de transformação, sempre foi notório. Para a autora, a biblioteca “é vida em ebulição, oportunidade de comparação, pelo ato de ler, tanto das ideias registradas nos variados suportes de leitura, quanto as multiplicadas na oralidade, argumentadas em narrativas e discursos com palestras, conversas e debates” (NÓBREGA, 2009, p. 105).

Em especial, isso se dá nas BE, locais que fomentam o ensino e a disseminação do conhecimento. Segundo Viana e Pieruccini (2015, p. 130), a BE é “potencialmente instituição privilegiada ao desenvolvimento desses saberes e fazeres ligados a aprendizagens que contribuem à apropriação crítica e criativa da cultura da informação por crianças e jovens”. Percebe-se, assim, que esse ambiente incentiva o crescimento intelectual, estimula a leitura e favorece a socialização entre os/as alunos/as.

Maroto (2012) e Lourenço Filho (1944) utilizam um termo interessante para a definição de uma escola sem biblioteca: “instrumento imperfeito”. E ainda segundo Maroto (2012), a existência da instituição escolar sem BE confirma o fracasso do sistema educacional, ao apresentar altos índices de evasão e analfabetismo. Para a autora, poucas ações de fomento à leitura são implementadas e a destinação de recursos públicos é, muitas vezes, insuficiente.

Segundo Viana e Pieruccini (2015), poucas são as ações estabelecidas que incentivem, de fato, o crescimento da BE. Mesmo tendo sua relevância comprovada em relação ao processo

de ensino-aprendizagem, é um ambiente desvalorizado por muitos/as, sendo comumente visto como depósito de livros, não recebendo incentivo apropriado e nem um/a profissional habilitado/a para o desenvolvimento de ações específicas do espaço da BE.

Mesmo com todas as dificuldades apontadas, é inegável que a presença de uma BE estruturada e devidamente gerida por um/a bibliotecário/a auxilia no desenvolvimento cognitivo e social, estimulando ainda momentos de interação entre os/as alunos (COSTA, 2013), fomentando a leitura e a democratização do acesso à informação. Isso é reforçado por Pimenta; Hbuner; Henriques e Silva (2018), acerca do estudo de Silva (2018): é missão da BE disseminar a cultura, levando em consideração a multiculturalidade e a diversidade dos/as seus/suas usuários/as.

Ao cumprir isso, a BE integra a instituição de ensino escolar, transformando-se, de fato, num espaço que promove o conhecimento, dinamiza a leitura e atua como a primeira possibilidade de muitos/as estudantes acessarem a informação científica e cultural (MAROTO, 2012). De sua parte, Bretas (2014) ressalta a importância desse espaço no complexo da instituição escolar, enquanto elemento independente, porém complementar, já que detém a maior parte do acervo bibliográfico/literário da escola e que requer planejamento e ações distintas das que ocorrem nas salas de aula.

2.1 ALGUNS CONCEITOS INICIAIS

Para continuarmos nossa análise nos capítulos a seguir, é necessário estabelecer alguns pressupostos. Em primeiro lugar, mesmo que já tenhamos compreendido o papel, a relevância e a missão da BE, seu conceito ainda não está claro. Nesse sentido, é importante trazer alguns conceitos que estão entrelaçados à temática em estudo e que ajudam a compreender melhor o que estamos discutindo.

2.1.1 Biblioteca Escolar

Segundo Koch (2018, p. 114), a BE é o “primeiro lugar em que se lançam as bases em busca da informação, tornando-se um local que apresenta as primeiras noções de pesquisa e oferece condições de aprender para a vida”. Trata-se, portanto, de espaço que funciona como laboratório e incentiva a aprendizagem, devendo ser gerida por um/a bibliotecário/a, ou seja, um/a bacharel/a em Biblioteconomia, devidamente registrado/a nos órgãos de classe, de acordo com os requisitos da Lei 12.244, de 24 de maio de 2010 (BRASIL, 2010, *on-line*).

Atualmente, a BE é um ambiente que vai além do processamento técnico e empréstimo dos livros, dizendo respeito a um espaço que “envolve acervo, conforto, tecnologias e atividades diversificadas” (DUARTE, 2018, p. 71).

Seus objetivos são:

- apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;
- desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;
- apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;
- prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões;
- organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;
- trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;
- proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;
- promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu redor (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 1999, p. 2-3).

Com base nesses objetivos, percebe-se que a BE tem como função essencial auxiliar o desenvolvimento de atividades na instituição escolar, promover a leitura e atuar como elemento parceiro de todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, ofertando ainda acesso à informação e ao conhecimento, de forma a capacitar seus/suas usuários/as para que a recuperem de forma independente.

Segundo Oliveira (2019), o uso cotidiano do espaço acarreta o sentimento de pertencimento e de vínculo, levando ao hábito de frequentar a BE além dos momentos das atividades impostas pelas professoras. Percebe-se, assim, que a interação dos/as estudantes com o local, os/as profissionais e o acervo estimulam a construção de um hábito, uma atividade rotineira que lhes dê prazer, estimule a criatividade, fomente a leitura, ao mesmo tempo em que os transforma em cidadãos/ãs críticos/as, cômicos/as de seus direitos e deveres, capazes de acessar e recuperar a informação.

A construção desse hábito demanda alguns fatores essenciais: um ambiente acolhedor, confortável, convidativo, “agradável, [com] fácil acesso às obras, arrumadas de forma atraente e criteriosa” (MICHELLI, 2012, p. 45); o desenvolvimento de ações de fomento à leitura no espaço; a presença do/a bibliotecário/a responsável, devidamente registrado em conselho de classe; uma comunidade escolar disposta a incentivar o uso do ambiente como espaço-aprendizagem e a parceria entre professores/as e bibliotecários/as no desenvolvimento das habilidades e competências⁴ necessárias para se formar um/a usuário/a independente e capaz no acesso à informação.

Nesse espaço, também é possível trabalhar outra necessidade do ser humano: a socialização, tanto entre os próprios indivíduos quanto em relação ao material bibliográfico. Chartier (2002), em sua obra *Os desafios da escrita*, aponta as ambições para as bibliotecas do futuro, e uma delas indica que é necessário: “reconstituir ao redor do livro as sociabilidades que perdemos”. Para o autor, a prática da leitura silenciosa, tão comum nas bibliotecas, pode (e deve) coexistir com momentos de leitura oralizada e conjunta, como forma de socialização da informação.

Isso acontece, pois, na BE, os/as estudantes têm acesso ao patrimônio bibliográfico disponível na instituição, normalmente formado por compras, doações de outros/as usuários/as e advindas das políticas públicas de acesso à informação, como o PNBE, unificado ao PNLD Literário. O incentivo dado pelas políticas de democratização e socialização do conhecimento estimula a leitura e contribui para a formação de leitores/as, permitindo que os/as estudantes tenham acesso ao livro, à leitura e à literatura, permitindo a democratização do conhecimento e da cultura dentro da BE.

2.1.2 Leitor/a e leitura

Leitor/a é aquele/a capaz de se apropriar de uma linguagem alheia para expressar suas próprias vontades e necessidades (HERNANDÉZ, [s.d.] *apud* CASTRILLÓN, 2011, p. 90). Já o conceito de leitura deriva “da prática criativa e crítica, é exercício poético e político, é

⁴ O conceito de “habilidades e referências” aqui utilizado deriva da concepção biblioteconômica de competência informacional discutida por Bernadete Campello. Aborda as questões referentes às necessidades informacionais do/a usuário/a e o papel do/a bibliotecário/a e dos/as professores/as em relação à essa temática, de modo a garantir que os/as estudantes desenvolvam “capacidades que lhes permitam aprender a reconhecer e lidar com visões de mundo diferentes das suas” (CAMPELLO, 2003, p. 33), dentro da Sociedade da Informação em que vivemos atualmente.

experiência estética e ética. Por isso, a leitura é a guardiã das possibilidades de transformação do homem e do mundo” (BASEIO, 2012, p. 23).

Segundo Aurora Neta (2014, p. 18), “objeto inquietante e desassossegador, a leitura informa, forma, ata e desata. Finalidades? Múltiplas: estudar, distrair, informar, conhecer, investigar, aprender, sentir, ver, rememorar, mediar. Ler é tudo isso e muito mais, talvez aí resida sua inquietude e nossa inquietude em relação a ela”. De fato, para Marques Neto (2011, não paginado), o ato de ler é “uma construção, é um ato de trabalho intelectual e sensorial cuja plenitude é chegar ao gosto e ao prazer em se desfrutar a escritura de outro ser humano”.

A partir desses conceitos, é possível analisar a importância da formação de leitores/as e do estímulo à leitura como parte do desenvolvimento de uma sociedade, especialmente quando se pensa na relevância dessas ações dentro de ambientes como a BE. Segundo Chartier (2002):

Ler, olhar ou escutar são, efectivamente, uma série de atitudes intelectuais que – longe de submeterem o consumidor à toda-poderosa mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o deve modelar – permitem na verdade a reapropriação, o desvio, a desconfiança ou resistência (CHARTIER, 2002, p. 59-60).

Desse modo, o ato de ler, mais que meramente forma de decodificação linguística, diz respeito ao exercício da atividade intelectual, permitindo ao/à leitor/a se apropriar daquela ideia e informação, moldando-a com base em suas próprias experiências. Antonio Candido (2017) discute ainda sobre as questões referentes aos diferentes tipos e possibilidades de leitura. Pode-se tanto ler para informar e adquirir conhecimento quanto ler para a fruição estética daquilo que está sendo lido.

Nesse sentido, percebe-se que o ato de ler é, ao mesmo tempo, instrumento de emancipação social, direito de todo/a cidadão/ã e uma atividade que pode ser realizada tanto como forma de se obter conhecimento quanto pela mera fruição do livro e da literatura. É elemento que sai da decodificação dos sinais linguísticos para fazer parte das vivências daquele/a que lê, e se torna, efetivamente, um/a leitor/a.

2.1.3 Livro

A história do livro como o conhecemos remonta às prensas de tipos móveis, criados por Johann Gutenberg em 1450. Porém, desde a antiguidade, o ser humano busca modos de se expressar e registrar seus conhecimentos e regras, nos mais variados meios e suportes: entalhes em ossos, tabletes de argila, couro de animais, pedras, tabuletas cuneiformes, pergaminhos,

papiros e códices (BARREIROS, 2013). Em se tratando do livro, sua variedade, multiplicidade de formatos e suportes o torna, assim, um elemento extremamente maleável e eficaz.

Segundo Lyons (2011, p. 7), “o livro provou ser uma das tecnologias mais úteis, versáteis e duradouras da história”, características que o tornaram elemento essencial ao longo do desenvolvimento da humanidade. Darnton (2010) reforça essa ideia, afirmando que a resistência do livro é algo incrível. Para o autor, é “uma máquina maravilhosa – excelente para transformar informação, cômodo para ser folheado, confortável para ser lido na cama, soberbo para armazenamento e incrivelmente resistente a danos” (DARNTON, 2010, p. 86).

Mesmo com a evolução tecnológica, seu papel continua essencial, de forma que os novos aparelhos de leitura digital se tornam mais uma maneira de acesso, e não algo que afete a versatilidade do livro. Pode ser utilizado de múltiplas formas, de inspiração religiosa à ferramenta pedagógica (LYONS, 2011), sendo eficaz no desenvolvimento intelectual e social do ser humano. Na presente pesquisa, especificaremos apenas dois tipos de livros: infantis e de transição ou juvenis, devido à extensão do assunto e o recorte estabelecido para a investigação.

Em primeiro lugar, temos o livro infantil, que passou por muitas revoluções estruturais até ser o material que conhecemos hoje. Antigamente, os livros voltados para a infância eram destinados à formação das crianças como indivíduos e elementos da sociedade, até que, no século XIX, alguns contos de fadas e fábulas começaram a ser utilizados em sala de aula e, apenas a partir de 1930, iniciou-se uma produção de livros voltados para as crianças e seu entretenimento (LYONS, 2011).

Atualmente, o livro é um dos instrumentos que mais movimenta o mercado literário, voltado para crianças entre 4 (quatro) e 10 (dez) anos, sendo bastante disseminado: nas BE, especialmente no EF I; nas editoras; e nos projetos privados de incentivo à leitura, como o projeto *Leia para uma criança*⁵, do banco Itaú, e até mesmo em clubes de leitura voltados, especificamente, para a infância, como: *Leiturinha*⁶, *Dentro da história*⁷ e *Clube Quindim*⁸.

Já o livro juvenil é comumente voltado para jovens entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos, embora muitas crianças e adultos/as também apreciem o gênero. Podem ser considerados livros de transição, ou livros para jovens, adequados para aqueles/as que não se interessam mais pela

⁵ Projeto criado em 2010 pelo Itaú Social, com o objetivo de incentivar a leitura do adulto com a criança. Disponível em: www.itausocial.org.br/leiaparaumacrianca.

⁶ Maior clube de assinatura de livros infantis do Brasil, criado pela PlayKids. Disponível em: <https://leiturinha.com.br>.

⁷ Clube de leitura que permite a criação de um livro personalizado para a criança, transformando-o no personagem principal da história. Disponível em: <https://www.dentrodahistoria.com.br>.

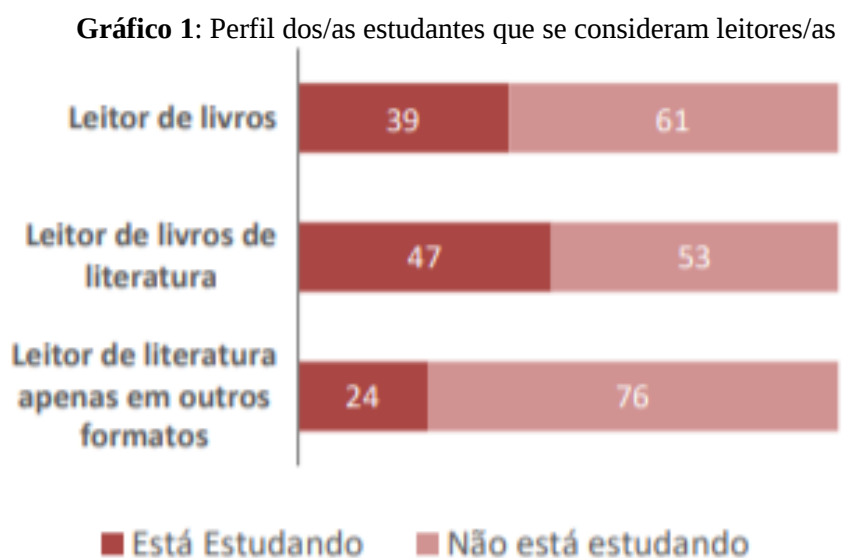
⁸ Clube de assinatura de livros desenvolvido pelo Instituto de Leitura Quindim, em 2016. Disponível em: <https://quindim.com.br>.

literatura infantil, mas ainda não têm arcabouço teórico suficiente ou interesse por livros para adultos/as. Esses livros são utilizados, pelo/a bibliotecário/a ou mediador/a da leitura, para manter o interesse pela literatura, apresentando aos/às jovens livros dotados de verossimilhança ou que possam ser interessantes (KUHLTHAU, 2013).

Para Kuhlthau (2013), os livros, tanto infantis quanto juvenis, devem estar acessíveis aos/às estudantes, em estantes baixas, em um ambiente confortável, em que as crianças possam se sentar no chão ou em almofadas para manuseá-los. E, a partir do que se discutiu até o momento, se faz importante mapear alguns dados sobre livros e leitura, de modo a compreender, em fins estatísticos, a importância desses temas na Biblioteconomia e na Educação.

Segundo Oliveira (2019), “vários artigos, livros e pesquisas são realizadas em todo o mundo, com o objetivo de estabelecer parâmetros e procurar semelhanças e distinções entre os tópicos relacionados à leitura e aos leitores”. E uma das pesquisas mais relevantes é a “Retratos da Leitura no Brasil”, sob organização do Instituto Pró-Livro (IPL).

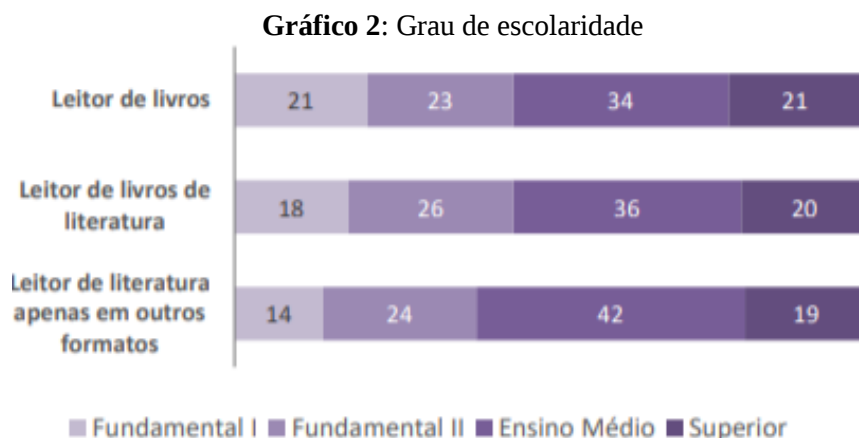
Segundo dados obtidos na 5ª edição dessa pesquisa, estima-se que 52% da população brasileira se considera leitora⁹, dos quais 61,2 milhões eram estudantes no momento da pesquisa. Desses/as estudantes, 39% se consideram leitores/as de livros, 47% leitores/as de livros de literatura e 24% se consideram leitores/as de literatura em outros formatos, conforme o Gráfico 1, a seguir (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado).



Fonte: Retratos da Pesquisa no Brasil (2020).

⁹ Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, leitor/a “é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses”, ao passo que não leitor/a é “aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado).

Em relação ao grau de escolaridade, apresentado no Gráfico 2, observa-se que 21% dos/as leitores/as de livros são do Fundamental I e 23% do Fundamental II, ao passo que, em relação aos/as leitores/as de livros de literatura, 18% são do Fundamental I e 26% do Fundamental II. No que tange aos/as leitores/as de literatura apenas em outros formatos, 14% são do Fundamental I e 24% do Fundamental II (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado).



Fonte: Retratos da Pesquisa no Brasil (2020).

Outro dado interessante apresentado pela pesquisa é o fato de, entre os/as leitores/as de literatura, 38% terem lido o último livro por gosto ou prazer (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado). Além disso, a principal razão apontada na pesquisa para a não-leitura é a falta de tempo, conforme Gráfico 3, pelo menos no que diz respeito aos/as respondentes não leitores/as.

Gráfico 3: Razões para não ter lido nos últimos 3 meses – não leitores



Fonte: Retratos da Pesquisa no Brasil (2020).

Do mesmo modo, entre os/as leitores/as, a principal razão para a não leitura foi a falta de tempo (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado), conforme apontado no Gráfico 4.

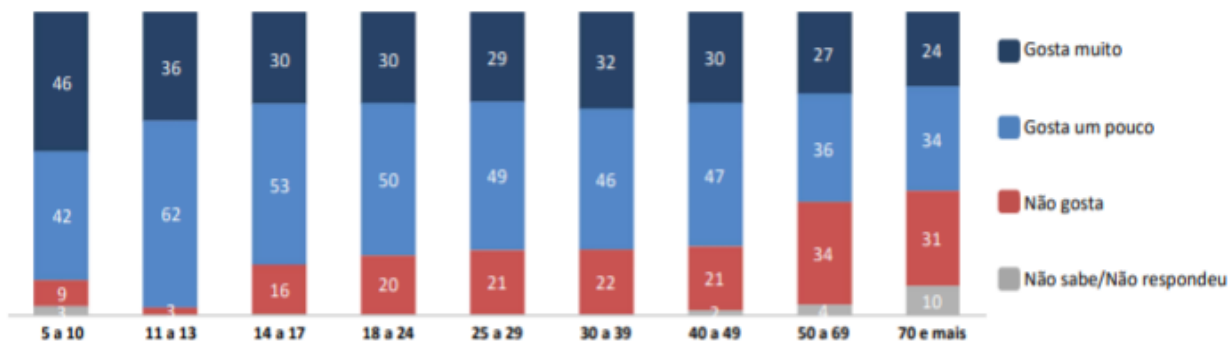
Gráfico 4: Razões para não ter lido nos últimos 3 meses – leitores



Fonte: Retratos da Pesquisa no Brasil (2020).

Ainda segundo a pesquisa, 62% das pessoas de 11 a 13 anos gostam um pouco de ler, número que diminui para 53% quando avaliamos pessoas de 14 a 17 anos (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado), conforme aponta o Gráfico 5. É dos 11 aos 13 anos, inclusive, que se observa a menor porcentagem de pessoas que não gostam de ler, com apenas 3% (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado).

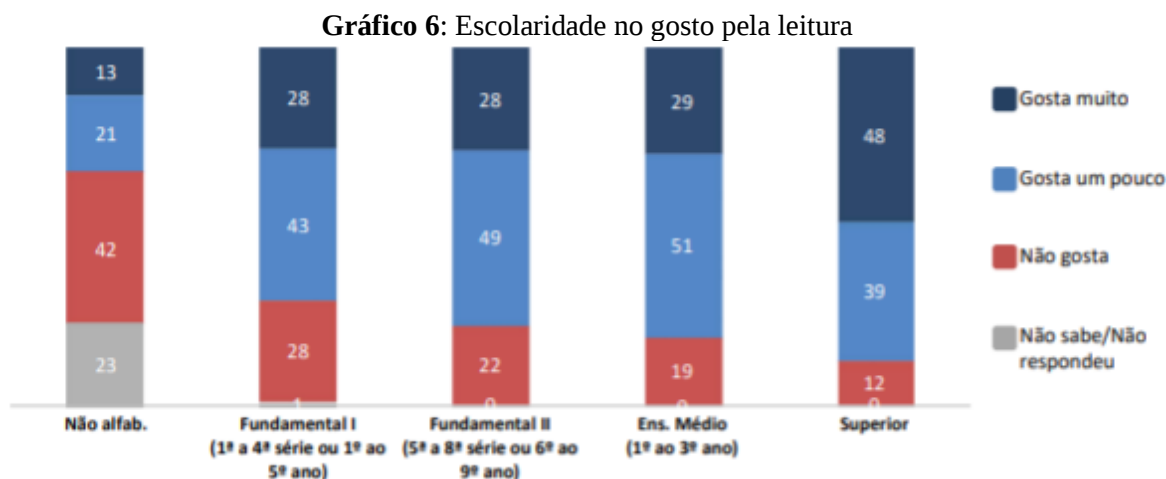
Gráfico 5: Gosto pela leitura



Fonte: Retratos da Pesquisa no Brasil (2020).

Do mesmo modo, quando analisamos a escolaridade em relação ao gosto pela leitura, observa-se que 28% dos/as participantes cuja escolaridade vai até o EF I não gostam de ler,

43% gostam um pouco, 28% gostam muito e 1% não soube o que responder. Já no EF II, 22% não gostam, 49% gostam um pouco e 28% gostam muito (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado), conforme apontado no Gráfico 6.



Fonte: Retratos da Pesquisa no Brasil (2020).

Quando analisamos os dados dos gráficos 5 e 6, principalmente, observamos como a escolaridade impacta no gosto pela leitura. No gráfico referente à idade, observamos que a porcentagem de participantes que não gostam da leitura vai aumentando conforme a faixa etária sobe, passando de 9% dos 5 aos 10 anos e para 31% após os 70 anos. Já quando observamos a escolaridade, é possível perceber que o maior percentil de participantes que não gostam da leitura são os não alfabetizados/as (42%) e a menor porcentagem vem dos/as participantes com curso superior (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado).

Porém, é necessário analisar esses dados com base na realidade do/a brasileiro/a, as dificuldades de acesso à leitura e à informação. Mais do que os dados coletados – que mostram que quanto maior o índice de escolaridade, maior o gosto pela leitura –, o que fica após essa análise é o gosto amargo da desigualdade social e da displicência governamental em relação ao acesso ao livro e à informação. Pessoas não alfabetizadas tem seu direito negado à leitura, sendo impedidas de desenvolver interesse pelos livros, já que não possuem nem a oportunidade de conhecer esse tipo de material. Do mesmo modo, observamos que pessoas mais velhas “gostam” menos de ler. Isso se dá pelo “não gostar” ou pelo fato de que a maior parte dessas pessoas não teve acesso à cultura e à informação durante sua infância e vida adulta, e, portanto, não conhece materiais de leitura?

São fatos como esses que nos fazem refletir e discutir sobre o papel da leitura e a importância da criação de políticas públicas e de acesso à informação no país, de modo a

minorar as desigualdades sociais e culturais. Somente a partir disso, é possível tecer discussões sobre a existência de interesse ou não da população pelo livro, pela leitura e pela literatura.

2.1.4 Literatura

Literatura, segundo Antonio Candido (2017, p. 176), é um conceito que engloba “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”, sendo assim, uma “manifestação universal de todos os homens, em todos os tempos” (CANDIDO, 2017, p. 176).

Devido ao recorte temático da pesquisa, nos ateremos apenas à literatura infantil e juvenil, entendida como gênero essencial na socialização e democratização do acesso ao conhecimento nas BE e, sobretudo, no processo de formação de leitores na Educação Básica.

De fato:

a literatura infantil, seja na sua forma oral, seja na sua forma impressa ou virtual, é capaz de promover o encontro do ser humano consigo mesmo, com o outro, com a cultura humana. Esse encontro abre a possibilidade de ampliar, transformar ou enriquecer a própria experiência de vida (BASEIO, 2012, p. 22).

Coelho (1991, *apud* MICHELLI, 2012, p. 27-37) divide a literatura infantil e juvenil em três tipos. O primeiro, chamado de literatura fantasista, valoriza o lúdico, o elemento ficcional, o extraordinário, em detrimento da realidade. O segundo é a literatura realista, em que se reproduz a sociedade, com seus problemas, máculas, vivências e desigualdades. Por fim, temos a literatura híbrida, que aborda temas da vida real, como: abuso, drogas, questões de gênero e morte, a partir do uso da fantasia e recriada pelo/a autor/a.

Seu papel é fundamental, pois permite ao/à leitor/a vivenciar experiências e realidades que talvez ele/a não pudesse experimentar de outro modo. Permite que ele/a conheça outros lugares, outras realidades, ao mesmo tempo em que amplia as possibilidades de conhecimento através da leitura.

2.1.5 Memória

É importante discutir também, ainda que de forma breve, o conceito de memória, visto que essa pesquisa se desdobra em um Produto Educacional que traz memórias e vivências de estudantes do Cepae/UFG, em relação ao livro, à leitura e à biblioteca escolar. Tema bastante

discutido pelos historiadores da leitura, a memória parte da ressonância de uma construção da história coletiva, ainda que aparente ter um caráter individualista (LIMA; SOUZA, 2018).

Segundo os estudos de Maurice Halbwachs (2003), nossas memórias individuais são partes de uma memória coletiva, oriunda do grupo que nos rodeia. Nesse sentido, Vieira (2013, p. 29), afirma que, para Halbwachs “o nosso lembrar e as maneiras como percebemos o que se encontra em nossa volta constituem-se a partir do emaranhado de experiências vividas em coletividade”.

Desse modo, essas experiências coletivas acabam criando pontos de contato umas com as outras, de modo que as memórias individuais se relacionem coletivamente, numa eterna relação entre o lembrar e o esquecer (HALBWACHS, 2003). Lima (2016), traz outro ponto discutido por Halbwachs: o “caráter social da memória humana” (LIMA, 2016, p. 42).

Além disso, a autora depreende que, apesar da memória aparentar ser decorrente das experiências individuais de determinada pessoa, essa lembrança só pode existir quando derivada dos “quadros sociais da memória”, ou seja, da própria memória coletiva em si, de modo a sempre se reconstruir, ininterruptamente (LIMA, 2016). E a partir disso, dessas lembranças que constroem as memórias, é possível compreender aspectos da vida de determinado grupo ou sociedade a partir das vivências de seus indivíduos.

Dessa maneira, é possível visualizar como a memória se relaciona às vivências do ser humano enquanto ser social, e, em nível mais específico, como esse conceito pôde ser utilizado como instrumento ao longo da construção desse estudo. De fato, ao se analisar as recordações dos/as participantes da pesquisa, é possível se estabelecer relações entre a temática do livro e da leitura com a memória coletiva desses/as participantes, o que possibilita a construção do Produto Educacional derivado dessa Dissertação.

2.2 DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA BIBLIOTECA ESCOLAR

A missão da BE é propiciar acesso à informação e ao conhecimento, a partir da criação de habilidades de aprendizagem em seus/suas usuários/as (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 2002). Tem como papel facilitar o processo da leitura, atuando como centro de informação e democratização do conhecimento (CALDIN, 2005).

Com base em sua missão e papel fundamental, percebem-se as possibilidades que a BE oferece, pois ela pode proporcionar ampliação dos estudos realizados em sala de aula, fomentar a leitura, estimular a criatividade, formar usuários/as capazes de se informar de modo

independente, sendo espaço essencial quando se pensa na necessidade de se democratizar o conhecimento e o acesso à informação.

E essa democratização se faz ainda mais relevante, como objeto de estudo, quando pensamos nas dimensões continentais do Brasil. As realidades da população são completamente distintas e é impossível para bibliotecários/as e professores/as saber de forma antecipada quais serão as referências de bibliotecas e acesso à informação que os/as estudantes terão ao entrar na escola.

Em relação a isso, Kuhlthau (2013) afirma que é difícil saber quais oportunidades de acesso cada criança teve ao chegar à escola. Alguns/as podem conhecer bibliotecas públicas, outros/as terem incentivo familiar e mais alguns/as nunca terem tido a oportunidade de folhear um livro ou frequentar uma biblioteca.

E é por tantas diferenças que se torna essencial ofertar aos/as estudantes a possibilidade de conhecer e acessar o equipamento cultural que é a BE, utilizando para isso ações de incentivo à leitura, que estimulem os/as novos/as usuários/as a compreender a importância da leitura, adquirir fruição e se interessar pelos livros e pela leitura. Ao se democratizar esse espaço, permite-se que todos/as tenham acesso ao patrimônio bibliográfico e cultural que faz parte do acervo da instituição escolar, permitindo o acesso à informação, estimulando a leitura e a formação de leitores/as.

Porém, é necessário formular ações que realmente favoreçam essas questões, por meio de capacitações profissionais, investimento financeiro, estrutural e em recursos humanos, fundamentadas em políticas que valorizem, também, a experiência com o livro e a cultura escrita, e não apenas encarem a BE como depósito de livros. De fato:

No contexto escolar brasileiro, consagrado a uma prática de ensino transmissivista, as ações do poder público em torno do livro e da leitura foram circunscritas à distribuição de recursos informacionais impressos. Deixou-se de lado a importância do planejamento de ações para promover o efetivo contato das crianças e jovens com a cultura escrita. [...] Não foram, assim, alvo de medidas oficiais mais abrangentes, que considerassem ações voltadas à participação dos alunos no mundo da escrita, com toda sua complexidade e desafios próprios (VIANA; PIERUCCINI, 2015, p. 130).

Além disso, é necessário pensar em ações que também estimulem o acesso dos/as alunos/as nos anos finais do EF. Porém, observa-se a parca presença da literatura nessa fase (GREGORIM FILHO, 2012). Muitos dos estudantes nessa etapa da Educação Básica já consideram as ações realizadas como infantis e acabam se afastando da BE, em uma relação complicada com os textos literários. Alguns/as pesquisadores/as acreditam que esse afastamento se dá pelo desinteresse dos/as estudantes, outros acreditam que é a dificuldade de

se abordar obras mais formais com jovens dessa idade e que acabam não os/as atraindo (GREGORIM FILHO, 2012).

Entretanto, é essencial trabalhar os gêneros literários, as obras clássicas e desenvolver as habilidades e competências esperadas do/a aluno/a em sala de aula, também no ambiente da BE. E isso é essencial pelo que Viana e Pieruccini (2015) apontaram: os/as estudantes precisam ter contato com a cultura escrita em todos os seus níveis de complexidade, a partir de ações apropriadas e desenvolvidas com base nas suas necessidades de aprendizagem no momento. Isso não quer dizer que se desestimula a leitura por prazer, mas sim que se construa, também, um arcabouço teórico sobre a literatura e seus meandros, dando ao/à estudante o direito de escolher o que ler, a partir dos conhecimentos por ele/a construídos.

E esse direito é reforçado por Candido (2017). Para o autor, os direitos humanos e básicos remetem a tudo aquilo que pode ser considerado como indispensável na fruição de uma vida digna, através do acesso a bens incompressíveis que permitem a integridade humana e social, como: a alimentação, o lazer, a saúde, a liberdade, a arte, a literatura, entre outros. Castrillón (2011, p. 19) reforça que a leitura é um direito histórico-cultural de toda a população, que garante o “exercício pleno da democracia”. É essencial reconhecer esse direito, e oportunizar maneiras de permitir que todos/as o acessem.

É necessário, porém, que a escola tome cuidado para formar leitores/as para a vida, e não apenas para compreenderem o que é ensinado, por meio de atividades que exercitem a leitura de fato, e não a leitura para responder alguma atividade de ensino, permitindo que o sujeito em formação possa desenvolver autonomia e entendimento em relação aos textos trabalhados (GREGORIM FILHO, 2012).

2.3 O PAPEL DO/A PROFESSOR/A E DO/A BIBLIOTECÁRIO/A COMO AGENTES SOCIALIZADORES/AS DO CONHECIMENTO E DA CULTURA

Professores/as e bibliotecários/as são profissionais essenciais para a democratização do conhecimento e do acesso à cultura. Sua atuação conjunta permite que ações de incentivo à leitura ocorram em vários espaços: na família, na sala de aula, na BE e na sociedade. Porém, é essencial que, antes de atuarem como agentes de fomento à formação de leitores/as e estímulo à leitura, sejam também, eles/as próprios/as, leitores/as, de modo a favorecer e desenvolver atividades que incentivem o ato de ler. Para esclarecer essas relações e ofertar pontos de congruência, optamos por dividir o presente tópico entre o papel do/a professor/a, o do/a

bibliotecário/a e, logo em seguida, apontar os dispostos sobre a parceria entre esses/as profissionais.

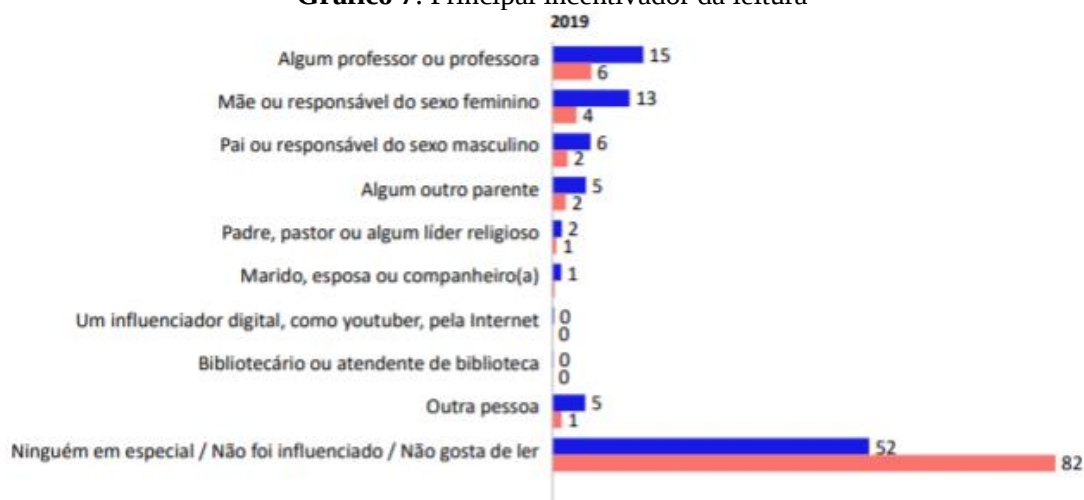
2.3.1 Professor/a

Mais do que seu exercício na sala de aula – que reconhecemos ser imenso –, é essencial que o/a professor/a atue também no desenvolvimento de ações na BE, incentivando o processo de ensino-aprendizagem no espaço, auxiliando na capacitação do acesso à informação e realizando ações de incentivo à leitura (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 2002, p. 18).

Segundo Grafton (1999) esse/a profissional é parte do processo de disseminação do conhecimento, ao atuar como agente socializador da informação, sendo mediador/a na construção do conhecimento do/a estudante e no processo de obtenção de suas habilidades, como a de decodificação da escrita. Além disso, é necessário que o/a professor/a apresente os gêneros literários, produções clássicas, e ofereça uma grande variedade de obras aos/as estudantes, atuando como mediador/a e promotor/a da leitura, intermediando o processo de ensino-aprendizagem (FORTESKI, OLIVEIRA E VALÉRIO, 2011).

Outro aspecto relevante a se considerar é decorrente da pesquisa Retratos no Brasil. Apesar da grande maioria dos/as participantes afirmar que não foi influenciada a ler por ninguém ou que não gosta de ler (52% dos/as participantes não leitores/as e 82% dos/as participantes que se consideram leitores/as), o Gráfico 7 deixa claro que, entre os/as leitores/as, 15% foram influenciados/as por algum professor ou professora, assim como 6% dos/as não leitores/as (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado).

Gráfico 7: Principal incentivador da leitura



Fonte: Retratos da Pesquisa no Brasil (2020).

Infelizmente, o mesmo gráfico aponta que nenhum dos/as participantes, sejam leitores/as ou não leitores/as foram influenciados por um/a bibliotecário/a ou atendente de biblioteca, o que aponta a gravidade da realidade das bibliotecas escolares e públicas em nosso país. Na realidade das escolas goianas, o que se vê é a ausência quase que completa desses profissionais nos quadros de profissionais contratados.

Apesar dos dispostos na Lei 12.244/2010, a maior parte das instituições de ensino não conta com bibliotecários atuando na biblioteca escolar – isso quando a própria biblioteca existe -. Os dados apontados no Gráfico 7 explicitam o descaso governamental em relação à importância das ações de incentivo à leitura realizadas pelo bibliotecário nas escolas de Goiás.

Desse modo, é essencial que o/a professor/a atue em consonância com o/a bibliotecário/a, para que, juntos, concretizem os objetivos discutidos no Manifesto IFLA/Unesco da Biblioteca Escolar, sendo coautores/as na efetivação das políticas públicas de acesso à informação dentro da BE, minorando desigualdades e promovendo a leitura no Brasil.

2.3.2 Bibliotecário/a

O/A bibliotecário/a é um/a profissional responsável por disponibilizar, buscar e recuperar informações de acordo com a necessidade dos/as usuários/as, independentemente de seu meio ou suporte, atuando como mediador entre a informação e o/a usuário/a (ASSIS, 2018). Como profissional habilitado/a para o trabalho em instituições de ensino, é necessário que o/a bibliotecário/a escolar se preocupe “com a informação e a afetividade, buscando ressignificar esse espaço” (DUARTE, 2018, p. 71)

Além disso, é essencial que esse/a profissional deixe claro aos/às estudantes e demais membros da comunidade escolar ou acadêmica sua função básica: auxiliá-los/as a utilizar os recursos da biblioteca. Isso não significa pesquisar por eles/as qualquer informação ou demanda, e sim, ensiná-los/as a buscar esse material de forma confiável, recuperá-lo e acessá-lo (KUHLTHAU, 2013) de forma independente.

É importante também que reconheçamos o papel da biblioteca, assim como do próprio/a bibliotecário/a. Segundo a pesquisa Retratos do Brasil, em 2019, a maior parte dos/as respondentes frequenta bibliotecas públicas, embora grande parcela também frequente escolares ou universitárias, ao passo que poucos dos entrevistados frequentam bibliotecas comunitárias ou de outros pontos de leitura, de empresas ou bibliotecas circulantes (Gráfico 8) (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado).

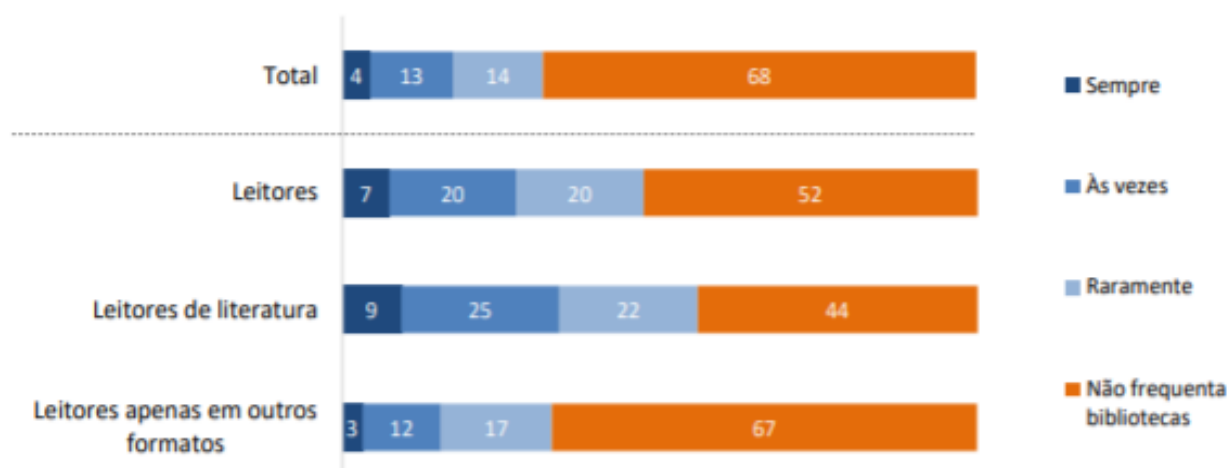
Gráfico 8: Tipo de biblioteca frequentada



Fonte: Retratos da Pesquisa no Brasil (2020).

Quando se analisa a frequência na visitação às bibliotecas (Gráfico 9), observa-se que a grande maioria dos/as leitores/as em outros formatos – categorização dada pela Retratos da Leitura aos leitores que não leem livros e sim outros materiais bibliográficos e digitais - (67%), dos/as leitores/as de literatura (44%) e dos/as leitores/as em geral (52%) não frequentam bibliotecas. Entretanto, é possível notar que os/as leitores/as de literatura frequentam mais que os outros tipos de leitores/as, seja raramente (22%), às vezes (25%) ou sempre (9%) (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado).

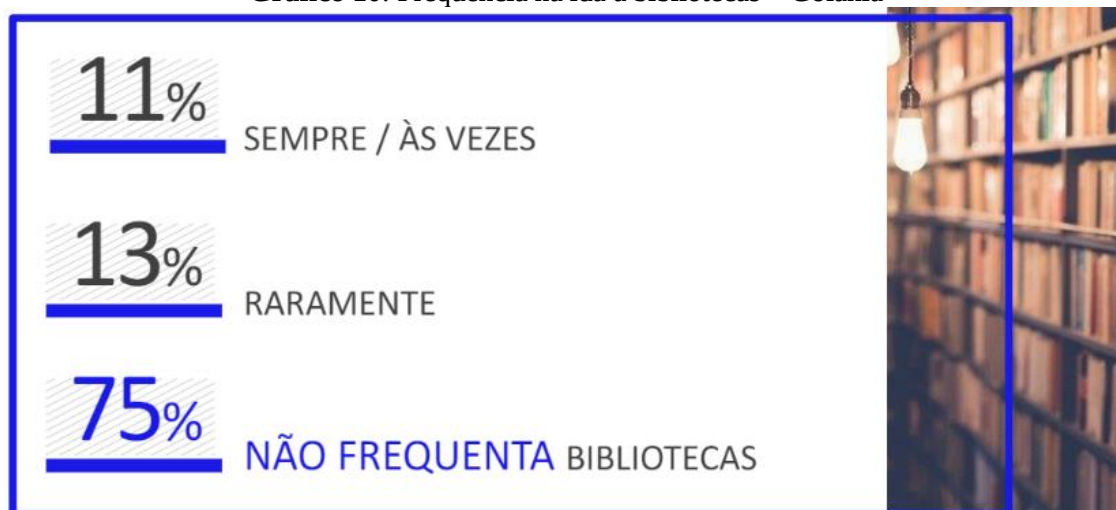
Gráfico 9: Frequência na ida a bibliotecas – tipo de leitor



Fonte: Retratos da Pesquisa no Brasil (2020).

Em nível regional, a pesquisa traz mais dados relevantes (Gráfico 10). 75% da população de Goiás não frequentam bibliotecas e apenas 11% dos/as respondentes vão a uma biblioteca com frequência (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado).

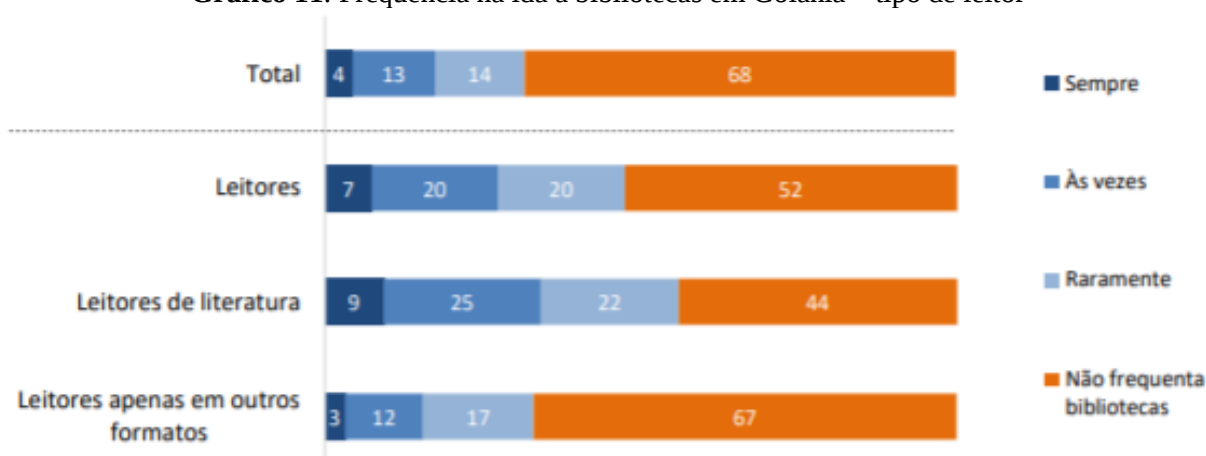
Gráfico 10: Frequência na ida a bibliotecas – Goiânia



Fonte: Retratos da Pesquisa no Brasil (2020).

Já quando se analisa os dados da pesquisa a partir do tipo de leitor/a (Gráfico 11), é possível perceber que, apesar da grande maioria dos/as respondentes que se consideram leitores/as não frequentarem bibliotecas – dado que por si só já assusta e mostra a fragilidade das políticas públicas de acesso à informação no país – novamente são os/as leitores/as de literatura que frequentam mais as bibliotecas de Goiânia, sendo que 22% frequentam raramente, 25% às vezes e 9% sempre. Também é nessa categoria que se observa a menor porcentagem de não frequentadores/as, 44% (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado).

Gráfico 11: Frequência na ida a bibliotecas em Goiânia – tipo de leitor



Fonte: Retratos da Pesquisa no Brasil (2020).

Com base nesses dados, é possível compreender a importância da existência de uma biblioteca e do incentivo a seu uso enquanto equipamento cultural. Além disso, comprova-se a importância de um/a bibliotecário/a capacitado/a em sua gestão, de modo a reduzir as diferenças nesses gráficos e fomentar a leitura e o acesso à informação.

No que tange à BE, existem instruções normativas que respaldam sua missão, seu papel no desenvolvimento educacional e na promoção da leitura, como as Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar. Está posto nessas Diretrizes que é função do/a bibliotecário/a escolar ajudar no cumprimento da missão e dos objetivos da instituição de ensino e da biblioteca, atuando em cooperação com a direção, coordenação e professores/as, na busca por acesso a fontes de informação; nas campanhas de incentivo e promoção da leitura e em todas as atividades que sejam relevantes para a construção do conhecimento do alunado (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 2002).

Além disso, as Diretrizes estabelecem os deveres do/a bibliotecário/a escolar, a saber: avaliar necessidades informacionais da comunidade escolar; implementar serviços e produtos de informação; estabelecer políticas de seleção e aquisição de acervo; atuar no processamento técnico; capacitar estudantes e professores/as no acesso à informação; promover a leitura; gerir a BE e demais atividades administrativas referentes ao espaço (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 2002).

Esperam-se do/a bibliotecário/a escolar e de toda a equipe da BE: habilidade de comunicação; empatia; compreensão de teorias referentes à Educação e Ensino; habilidades técnicas da área (catalogação, indexação, classificação); conhecimentos de administração e respeito e conhecimento à diversidade cultural (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 2002).

Além disso, autoras como Castrillón (2011) afirmam que, para o apropriado desenvolvimento das atividades, é necessário que o/a bibliotecário/a seja: um/a leitor/a crítico/a e reflexivo/a; alguém que não se sinta inibido em relação à escrita; uma pessoa e profissional curiosa, bem-informada e que seja, mais do que eficiente, um/a profissional ético/a e que compreenda o papel protagonista da BE na democracia.

2.3.3 Parceria entre Bibliotecário/a e Professor/a

É necessário, para o apropriado desenvolvimento de ações relacionadas à BE, que bibliotecários/as e professores/as sejam leitores/as críticos/as, conhecedores/as da literatura e com capacidade para selecionar obras apropriadas ao público, de modo a estimular os/as

estudantes a também pensar criticamente, através do desenvolvimento de ações culturais, em que todos/as sejam partícipes, e que estimulem a criação, a comunicação e a socialização do conhecimento (CARVALHO, 2016).

Segundo o Manifesto IFLA/Unesco para biblioteca escolar (1999), a parceria entre esses/as profissionais influencia no desenvolvimento dos/as estudantes, estimula a aprendizagem e amplia o nível de “literacia na leitura e escrita” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 1999, p. 2), por meio do desenvolvimento de atividades como: conversas com autores/as, exposições, feiras literárias, palestras, criação de varais literários e contação de histórias (CUNHA, RIBEIRO, 2010).

Esse assunto é detalhado nas Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar, no tópico 3.4 do documento. Segundo o texto, é fundamental que professores/as e bibliotecários/as trabalhem juntos/as para maximizar os serviços ofertados pela BE, tendo como objetivos:

- desenvolver, instruir e avaliar o aprendizado dos alunos conforme previsto no programa escolar;
- desenvolver e avaliar habilidades no uso e conhecimento da informação pelos alunos;
- desenvolver planos de aula;
- preparar e realizar projetos especiais de trabalho, num ambiente mais amplo de aprendizagem, incluindo a biblioteca;
- preparar e realizar programas de leitura e eventos culturais;
- integrar tecnologia de informação ao programa da escola;
- oferecer esclarecimentos aos pais sobre a importância da biblioteca escolar (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 2002, p. 13).

A partir dos dispostos no Manifesto e nas Diretrizes, é possível compreender o impacto do papel desses/as profissionais na BE e o quanto sua parceria no desenvolvimento das ações é favorável a toda a comunidade escolar. Além disso, estudos de Campello (2012) reforçam a relevância da colaboração entre os/as dois/as profissionais, principalmente no que diz respeito à função educativa do/a bibliotecário/a, visto que isso impacta positivamente na aprendizagem dos/as estudantes.

Até o momento, discutimos nesse capítulo o papel da BE e apresentamos os principais conceitos que perpassarão a pesquisa: a própria BE, o/a leitor/a e a leitura, o livro, a literatura e o conceito de memória. Esse último conceito, inclusive, vem para enfatizar a relevância do Produto Educacional escolhido e seu papel como instrumento na construção de uma memória coletiva sobre a leitura, o livro, a literatura e a BE, a partir dos relatos individuais dos/as participantes da pesquisa.

O capítulo também discorreu sobre as maneiras como se observa a democratização do conhecimento dentro do ambiente da BE, em especial no que se refere ao papel dos/as

professores/as, bibliotecários/as e sua parceria enquanto agentes socializadores/as da cultura, da informação e do conhecimento.

Com base em tudo que foi visto até o momento, podemos depreender a importância da BE dentro da instituição de ensino e o quão relevantes são as discussões sobre a temática, em especial no que se refere às políticas públicas voltadas para ela, para suas necessidades e sua transformação de um “depósito de livros” em ambiente de socialização, de disseminação da informação e do conhecimento e de construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

CAPÍTULO 3: O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

O método científico é comprovado e verdadeiro. Não é perfeito, é apenas o melhor que temos. Abandoná-lo, junto com seus protocolos céticos, é o caminho para uma idade das trevas.

(Carl Sagan)

O conhecimento científico é independente dos conhecimentos da fé que são imutáveis. A fé nos faz dizer creio, e a ciência, sei.

(Blaise Pascal)

A busca por conhecimento norteia a vida do ser humano, através da observação e análise daquilo que o rodeia. Uma dessas formas de análise é a ciência, caracterizada por Gil (2021, p. 3) “como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível”. Isso ocorre pela necessidade da ciência de seguir uma série de passos ou etapas, chamados de procedimentos metodológicos, que norteiam a realização de uma pesquisa e, conseqüentemente, a construção do conhecimento científico.

Segundo Silva, Chacon, Pederneiras e Lopes (2004), os procedimentos metodológicos, também chamados de metodologia, consistem nas escolhas realizadas ao longo da pesquisa em relação a seu método (dedutivo ou indutivo), tipologia (pesquisa experimental, exploratória, explicativa, documental, bibliográfica...) e abordagens (qualitativa, quantitativa, quali-quantitativa...).

Já para Marconi e Lakatos (2009, p. 157), a pesquisa é um tipo de procedimento formal, que necessita de um viés científico e pautada em “método de pensamento reflexivo”. Eco (2019) discute a respeito da cientificidade de uma pesquisa, afirmando que o caráter científico só ocorre quando o estudo:

- debruça-se sobre um objeto reconhecível de tal maneira que não seja reconhecível igualmente pelos outros [...]
- Deve dizer do objeto algo que ainda não foi dito ou rever sob uma óptica diferente o que já se disse [...]
- Deve ser útil aos demais [...]
- Deve fornecer elementos para a verificação e a contestação das hipóteses apresentadas (ECO, 2019, p. 26-29).

E uma dissertação, como trabalho científico, é preciso se pautar nesses entendimentos. Num Mestrado Profissional (MP), a expectativa é de que o/a mestrando/a compreenda o papel da pesquisa na sua profissão, permitindo que o/a pesquisador/a possa inseri-la em seu contexto profissional (RIBEIRO, 2006). E, a partir disso, inicie seu caminho na pesquisa científica, sendo capaz de integrar os conhecimentos adquiridos à realidade de sua prática profissional, utilizando procedimentos metodológicos e o arcabouço teórico adquirido ao longo de sua trajetória no programa de mestrado.

Nesse sentido, é importante explicar como essa pesquisa teve início no PPGEEB-Cepae-UFG. O presente estudo começou em 2019 e se desenvolveu, primeiramente, a partir da participação nas disciplinas ofertadas pelo Programa, tanto as obrigatórias (“Organização de contextos de Educação Escolar” e “Teorias de Ensino e Aprendizagem”) quanto as optativas (“Da crítica ao ensino ao ensino crítico”, “Alice e as perplexidades educacionais: nem qualquer caminho serve” e “Fundamentos teórico-metodológicos do ensino de literatura”). A realização dessas disciplinas permitiu conhecer vertentes e autores/as passíveis de utilização no estudo, além de auxiliar no refinamento do tema da Dissertação e na definição do livro de crônicas memoriais como Produto Educacional.

Em 2020, foram definidos a estrutura final do trabalho e os procedimentos metodológicos que seriam utilizados, além da realização do levantamento bibliográfico e documental sobre as BE e as políticas públicas de acesso à informação e democratização do conhecimento. Definiu-se, também, a escolha pelo enfoque no PNBE – atual PNLD Literário –, nos dispostos do Manifesto IFLA/Unesco para Biblioteca Escolar, de 1999, além de também apresentar algumas informações disponibilizadas nas Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar, publicado em 2002.

Apesar das alterações metodológicas decorrentes do contexto da pandemia, o ano de 2020 também serviu para a realização das entrevistas virtuais com estudantes do 6º ano do EF do Cepae-UFG, professores/as, ex-professores/as, coordenador, ex-coordenadora, pedagoga e ex-bibliotecárias que acompanharam a turma.

No ano de 2021, houve o refinamento da pesquisa, um estudo de caso sobre a importância da efetivação de políticas públicas de acesso à informação, na BSCepae, visando à promoção do conhecimento e à formação de leitores/as na Educação Básica. Assim, os/as próprios/as alunos/as se confirmaram como sujeitos da pesquisa qualitativa, ao narrarem suas memórias e reflexões sobre o ambiente da BSCepae, durante as entrevistas realizadas. As informações obtidas foram utilizadas em dois momentos: na construção do Discurso do Sujeito

Coletivo (DSC), que objetivou criar um discurso coletivo a respeito da temática investigada, e na elaboração das crônicas que compõem o Produto Educacional da pesquisa.

Os/As professores/as, o coordenador, a ex-coordenadora e a equipe da biblioteca também foram entrevistados/as no primeiro semestre de 2021, com três objetivos: obter mais dados sobre os/as estudantes do 6º ano do EF do Cepae, em relação ao uso da biblioteca e sua interação com o ambiente e os materiais lá disponibilizados; coletar memórias e experiências desses/as profissionais a respeito da BE e compreender as relações estabelecidas por eles/as com o livro e a leitura.

Ao contrário dos dados coletados com os/as alunos/as, as informações disponibilizadas pelos/as profissionais foram utilizadas de forma direta, apenas na criação do Produto Educacional, ainda que os dados coletados colaborem indiretamente com as reflexões que nortearam o desenvolvimento do estudo. Ao longo dos próximos tópicos, discutiremos os procedimentos metodológicos em mais detalhes, a começar pela apresentação da escola campo, dos sujeitos participantes da pesquisa e das ações com eles desenvolvidas.

3.1 DA ESCOLA CAMPO

O Cepae-UFG foi criado em 1966, com o nome de Colégio de Aplicação, por meio do Decreto-lei nº 9.053, de 12 de março de 1966. Inicialmente órgão suplementar da Faculdade de Educação da UFG, tinha como objetivos atuar como laboratório experimental didático, como escola experimental para o desenvolvimento de novos cursos e como local de estágio para os cursos de Licenciatura e Pedagogia (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO, 2017, não paginado).

Em 1994, com a Portaria nº 0063, do Magnífico Reitor, o Colégio de Aplicação tornou-se Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) (Imagem 1), vinculado à Pró-Reitoria de Graduação (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO, 2017, não paginado). Segundo Silva (2018), são cerca de 767 (setecentos e sessenta e sete) alunos¹⁰, divididos entre Educação Infantil, EF I e II e Ensino Médio, além dos/as estudantes da pós-graduação *stricto sensu* em Ensino na Educação Básica e da pós-graduação *lato sensu* em Linguística Aplicada. Além disso, é uma das instituições membra do Conselho Nacional dos Dirigentes das Escolas de Educação Básica (Condicap), que, junto a outras 16 (dezesesseis)

¹⁰ Dados relativos ao ano de 2018.

escolass são vinculadas às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) no país, que são geridas de forma autônoma de modo a promover o desenvolvimento estudantil (SILVA, 2018).

Imagem 1: Fachada do Centro de Ensino e Pesquisas Aplicadas à Educação



Fonte: Site da Universidade Federal de Goiás

O Cepae-UFG trabalha com base na tríade ensino/pesquisa/extensão. Os projetos de pesquisa objetivam contribuir com “a produção científica nas diversas áreas do conhecimento, em especial, as que dizem respeito à educação básica” (SILVA, 2018, p. 27). Como atividades de extensão, são realizados vários projetos e ações que promovem a “produção de novos saberes nas várias áreas do conhecimento, enquanto articulada com o ensino e a pesquisa, numa concepção transformadora e crítica” (SILVA, 2018, p. 27).

No ano de 2020, constavam os seguintes projetos de extensão cadastrados no *site* do Cepae-UFG: Fórum Virtual da Educação Infantil: formação, reflexão e debate¹¹; Folhinha

¹¹ Projeto voltado para a promoção de “momentos de interação, discussão e debate acerca da organização e do trabalho pedagógico na Educação Infantil, bem como problematizar as práticas educativas institucionalizadas que contribuem ao processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças da creche e pré-escola” (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020, não paginado).

Aplicada¹²; Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física e Infância¹³; LUDENS¹⁴; Vem cantar com a gente¹⁵; A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental¹⁶; Relações intergeracionais¹⁷; Combate à violência sexual na infância¹⁸; A Vida em Transição: diferentes olhares¹⁹; Documentação Pedagógica: arquivo, memória e divulgação²⁰; *Early Bird*: a língua inglesa nos primeiros passos²¹; Escola inclusiva: um diálogo entre professores e comunidade²²; Sessão Corujinha: cinema e infância²³; Rompendo o silêncio²⁴; *Muestra Conciencia Latinoamericana: encuentros con la cultura*²⁵; e o Grupo de Estudos Novas Tecnologias e

¹² Publicação de um periódico em caráter bimestral, com produções dos alunos da Educação Básica, cadastrado sob ISSN 2595-0576 (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020).

¹³ Evento que objetiva “promover discussões relacionadas ao contexto histórico, político e econômico, dando ênfase à forma como o mesmo influencia a educação e, sobretudo, a Educação Infantil” (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020, não paginado).

¹⁴ Ação do Departamento de Matemática, que objetiva interessar o estudante em relação à Matemática (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020).

¹⁵ “Tem como finalidade promover ações que favoreçam a ampliação do repertório musical das crianças da Educação Infantil” (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020, não paginado).

¹⁶ Roda de conversa sobre a Infância em seus mais variados contextos (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020).

¹⁷ Projeto que objetiva “constituir elos significativos entre as crianças e as pessoas com mais idade” (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020, não paginado).

¹⁸ Projeto que visa combater a violência sexual na infância através de encontros com a família, a comunidade e contações de histórias para as crianças (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020).

¹⁹ Mostra virtual de fotografias, vídeos e outras mídias sobre a pandemia de COVID-19 (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020).

²⁰ Projeto que objetiva coletar memórias e dispor delas arquivisticamente na Educação Infantil do Cepae-UFG (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020).

²¹ Objetiva ensinar a língua inglesa a partir da literatura na Educação Infantil (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020).

²² “Apresenta uma proposta coletiva no âmbito da educação inclusiva com o objetivo de promover ações de formação direcionadas à professores, funcionários, alunos, familiares e comunidade externa à universidade para contribuir na inclusão de alunos com necessidades educacionais específicas no ambiente escolar, bem como fora dele” (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020, não paginado).

²³ Projeto de extensão que objetiva “proporcionar um espaço comum para a partilha, formação e iniciação à produção cinematográfica” (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020, não paginado).

²⁴ Projeto que visa combater a violência sexual na adolescência (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020).

²⁵ Projeto de extensão que objetiva “que alunos, professores, funcionários e a comunidade em geral possam conhecer e refletir sobre sua realidade sócio histórica, sobre a diversidade e heterogeneidade dos países latinos, no intuito de superar estereótipos e amenizar as representações negativas já consolidadas, além de estimular os alunos a realizarem pesquisas sobre o tema e a desenvolver a produção oral na língua espanhola” (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020, não paginado).

Educação (GENTE)²⁶. Já as ações de extensão cadastradas são: Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos²⁷ e o VII Seminário de Dissertações do PPGEED-Cepae²⁸ (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020, não paginado).

A instituição conta com vários projetos multidisciplinares, como o projeto “Ponto de Apoio” cujo objetivo é auxiliar alunos com dificuldades na aprendizagem, além de contar com vários laboratórios, como: “Laboratório de Matemática, Laboratório Interdisciplinar de Formação de Conceitos (Labrinco), (Ciências Naturais, História e Geografia) e Laboratório de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Infância (Lieplin), e um laboratório de informática” (SILVA, 2018, p. 23).

Outro projeto que merece destaque é o Programa Gwaya, que:

tem como meta principal incentivar a leitura por meio da contação de histórias para públicos diversos em locais variados e formação de multiplicadores, promover estudos e pesquisas que viabilizem o aprofundamento teórico sobre a arte cênica essencial de contar histórias (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, [2006?], não paginado).

A contação de histórias, em especial, tem papel essencial no incentivo à leitura, pois fomenta a compreensão leitora e permite que quem a escute construa sua própria relação com a história contada. Ela estimula a leitura através do encantamento e é uma das principais estratégias utilizadas dentro da biblioteca escolar.

No Cepae-UFG, inclusive, a BE surgiu junto ao nascimento da própria instituição de ensino. Atualmente denominada Biblioteca Setorial Prof. Geraldo Faria Campos²⁹ do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Imagem 2). O espaço conta com uma área de 101m² e um acervo amplo, focado em literatura infantil e juvenil, além de livros que atendem a toda comunidade acadêmica, da alfabetização à pós-graduação (XXI SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2021, não paginado).

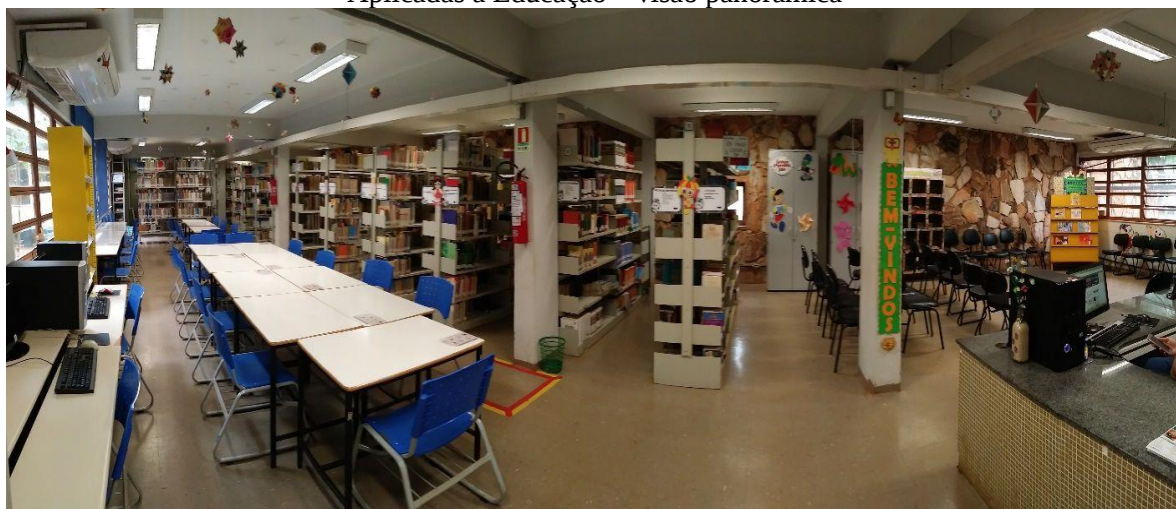
²⁶ Discute sobre novas tecnologias e seu uso em âmbito educacional (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020).

²⁷ Evento científico e cultural que objetiva “divulgar as pesquisas desenvolvidas pelos projetos de pesquisa e de extensão que tratam de questões relacionadas à inclusão escolar” (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020, não paginado).

²⁸ Ação de extensão voltada para a apresentação dos projetos de pesquisa dos estudantes do PPGEED-Cepae-UFG (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA, 2020).

²⁹ Professor emérito da UFG, foi docente de Língua Portuguesa por 30 (trinta) anos no Cepae-UFG e objetivava oferecer aos seus alunos uma formação integral, “oportunizando e buscando desenvolver neles habilidades como o gosto literário, o estilo de escrita e, sobretudo, a análise, o espírito crítico, a capacidade de reformular o pensamento e de criar novas ideias” (STECCA; LIMA, 2013, não paginado).

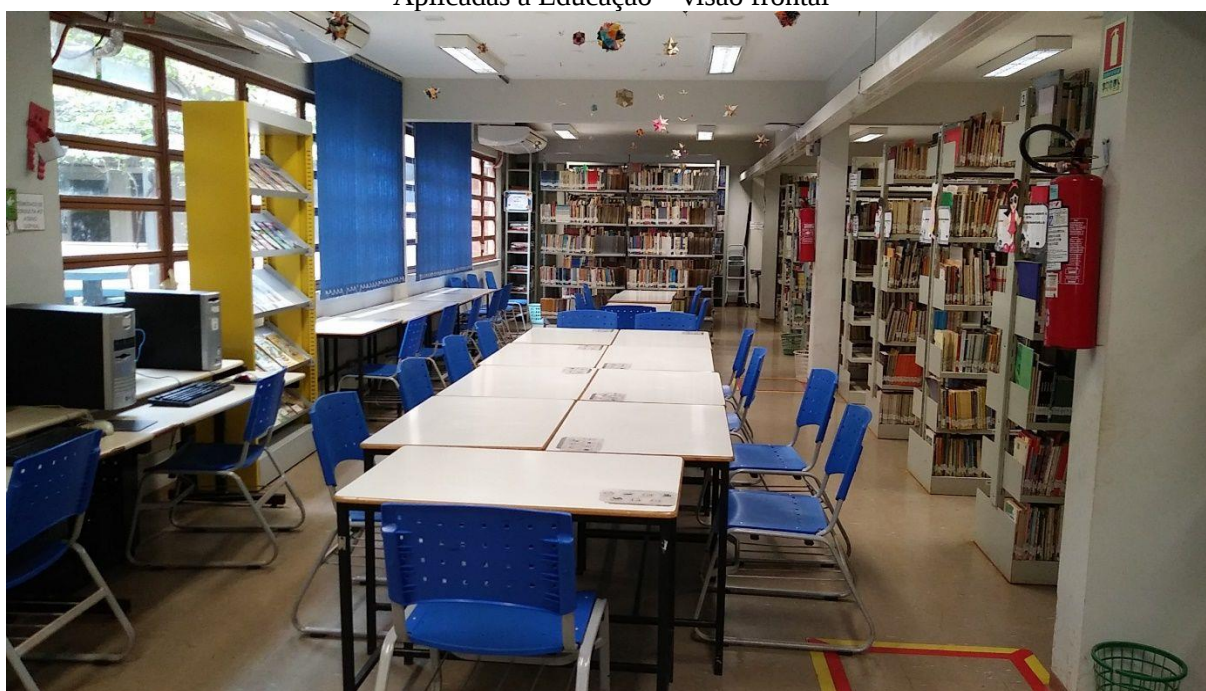
Imagem 2: Biblioteca Setorial Prof. Geraldo Faria Campos do Centro de Ensino e Pesquisas Aplicadas à Educação – visão panorâmica



Fonte: Site do Cepae/UFG.

A BS Cepae (Imagem 3), sendo uma biblioteca setorial, responde a dois setores: em relação à normas técnicas, responde ao Sistema de Bibliotecas da UFG (SIBI/UFG) e, pedagogicamente, responde ao Cepae, baseando-se nas diretrizes curriculares estabelecidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da instituição, para o desenvolvimento de suas atividades e formação de acervo. O objetivo é estimular os/as estudantes a desenvolverem habilidades e meios para sua construção como cidadão/ã (CUNHA; RIBEIRO, 2010).

Imagem 3: Biblioteca Setorial Prof. Geraldo Faria Campos do Centro de Ensino e Pesquisas Aplicadas à Educação – visão frontal



Fonte: Site do Cepae/UFG.

Na BSCepae são realizadas atividades de incentivo à leitura com os/as alunos/as, especialmente com as turmas do EF I, do 1º ao 5º ano, por meio de visitas semanais, com contação de histórias e leituras dirigidas. Essas contações são realizadas pela pedagoga da BSCepae, Eliane Garcia Alves, ou ainda pelo/a professor/a do departamento de Língua Portuguesa que acompanha a turma. Após as contações, é realizada uma roda de conversa com os/as estudantes ou alguma outra atividade que tenha relação com a história contada.

Em seguida, os/as estudantes podem realizar o empréstimo da obra lida e circular pela biblioteca. Também são realizadas mostras culturais em parceria com os/as professores/as, a pedagoga Eliane e a bibliotecária, contações com fantoches, feiras literárias, gincanas e várias outras ações de incentivo à leitura com essas turmas. Percebe-se, assim, que a BSCepae funciona como espaço de disseminação do conhecimento aos/as estudantes do Cepae-UFG e a toda a comunidade acadêmica, dos Anos Iniciais do EF até os estudos da pós-graduação.

3.2 OS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Como participantes diretos da pesquisa, ou seja, aqueles que participaram das atividades que geraram os dados analisados na Dissertação e o *corpus* do Produto Educacional, foram escolhidos/as os/as 60 (sessenta) alunos/as do 6º ano do EF, referente ao ano letivo de 2020, que se dividiam em duas turmas: 6º A e 6º B. Porém, apenas 4 (quatro) alunos/as aceitaram participar da pesquisa e enviaram a documentação necessária. Como se trata de menores de idade e com o objetivo de preservar suas identidades, optou-se por codificar os dados coletados, nomeando como: **Estudante 1, Estudante 2, Estudante 3 e Estudante 4.**

Os/as estudantes têm idade média de 11 (onze) a 12 (doze) anos e vivenciam um momento único em sua vida estudantil. A turma foi escolhida porque a maioria dos/as alunos/as estuda no Cepae-UFG desde a Educação Infantil, tendo vivenciado um processo de interação com o espaço da BSCepae em toda a sua trajetória na instituição, com visitas semanais ao espaço.

Na BE, eram desenvolvidas atividades com materiais bibliográficos adequados à sua faixa etária. Desse modo, os/as estudantes da turma escolhida têm recordações vívidas do espaço e das ações lá desenvolvidas, pois conviveram ativamente com bibliotecários/as e a equipe da BE.

Além dos/as estudantes, a pesquisa contou com outros sujeitos³⁰: o coordenador da etapa cursada pela turma; a ex-coordenadora, que acompanhou a turma até concluírem o 5º ano; parte da equipe da biblioteca, representados pela pedagoga e ex-bibliotecárias; alguns/as ex-professores/as e professores/as atuais da turma. Esses sujeitos, ainda que de forma indireta, foram essenciais no desenvolvimento do estudo, pois trouxeram ricas contribuições, com suas memórias e vivências no ambiente da biblioteca, seja em relação à turma do 6º ano, seja quanto às suas próprias experiências em relação ao livro e à leitura.

3.3 AÇÕES DESENVOLVIDAS

Para a realização da pesquisa, algumas ações foram estabelecidas. Primeiro, foi solicitado à secretaria da instituição, por intermédio da professora Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira – orientadora desse trabalho – a lista de *e-mails* dos/as responsáveis pelos/as alunos/as das duas turmas de 6º ano de EF, matriculadas no Cepae-UFG, no ano letivo de 2020.

Após o recebimento da lista, foram enviados *e-mails* a todos/as os/as responsáveis, com uma solicitação de participação da pesquisa e apresentação do estudo. Além disso, foram enviados *e-mails* de solicitação a todos/as os/as professores/as cadastrados/as como docentes do 6º ano, no *site* do Cepae-UFG; à ex-coordenadora das turmas, que as acompanhou no EF I; ao atual coordenador; à bibliotecária atual; às ex-bibliotecárias que acompanharam as turmas desde sua entrada no Cepae-UFG até o 6º ano; aos/às ex-professores/as indicados pela equipe da biblioteca – aqueles que mais frequentavam o espaço com os/as alunos/as no EF I –; à pedagoga da biblioteca; ao ex-estagiário que havia trabalhado lá no ano anterior; à auxiliar de biblioteca da BSCepae e ao assistente do espaço.

Em seguida, foram enviados os termos de consentimento/assentimento para os/as que compartilharam seus aceites, que após assinatura, foram impressos e arquivados, conforme diretrizes do CEP/UFG.

Posteriormente, foram marcadas as entrevistas com os/as participantes. Elas ocorreram durante os meses de outubro a dezembro de 2020, como forma de coletar informações sobre as experiências e memórias em relação ao papel da BE, do livro e da leitura, tanto para a escrita

³⁰ Participantes que responderam aos e-mails de convite para a realização do estudo e contam com a documentação de aceite devidamente assinada.

da Dissertação quanto para a elaboração das crônicas que compõem o livro *Tia, quero aquele livro!:* recordações e vivências sobre a biblioteca escolar³¹.

Alguns/as participantes não tinham disponibilidade naquele período, por isso suas entrevistas foram realizadas em período extemporâneo, de acordo com suas necessidades pessoais. No mês de julho de 2021, foram enviadas novas solicitações aos/às participantes que não responderam anteriormente, porém nenhuma resposta foi obtida. Em setembro de 2021, após o Exame de Qualificação da pesquisadora, dois novos participantes aceitaram fazer parte do estudo: um aluno e um professor.

3.3.1 Do contato inicial com os/as estudantes

Foram enviados *e-mails* individuais aos/às responsáveis pelos/as estudantes, apresentando a proposta do estudo, a pesquisadora responsável, a orientadora da pesquisa, o Produto Educacional que seria desenvolvido, e sugerindo formas de contato, de acordo com a disponibilidade de cada participante.

Sugeriu-se a realização de entrevistas virtuais ou telefônicas, por meio dos seguintes recursos: ligação via *WhatsApp*, *Skype*, *Google Meet*, *Zoom* e ligação via telefone, em três tentativas de contato: a primeira nos dias 20 e 21 de outubro de 2020; a segunda em 9 de dezembro de 2020 e a terceira, e última, dia 5 de julho de 2021.

Alguns/as responsáveis retornaram o contato e receberam o termo de consentimento de pais/responsáveis e o termo de assentimento, junto a explicações sobre como assinar e encaminhar a documentação. Um/a dos/as responsáveis solicitou a entrega da documentação impressa em sua casa, pessoalmente, pela pesquisadora responsável, pois exigia interagir presencialmente com a pessoa que entrevistaria seu/a filho/a. Por isso, nesse caso específico, foi agendado um horário com o/a responsável, quando foram apresentadas, de forma presencial, algumas informações básicas sobre o estudo, sua relevância e um espelho do roteiro de entrevista. Nos demais casos, após o retorno com os aceites, foi enviado um *e-mail* para agendar

³¹ A intenção aqui não é desvalorizar a prática profissional nem do/a bibliotecário/a e nem do/a professor/a, já que o próprio Paulo Coelho afirma: “Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos mas não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos” (COELHO, 1997, p. 9). É essencial valorizar o trabalho de quem se dedica a ensinar outras pessoas. A escolha do título se deu, única e exclusivamente por uma referência afetiva ao modo como os/as estudantes dessa faixa etária costumam chamar bibliotecários/as e demais membros da equipe da biblioteca.

a data, horário e forma de comunicação escolhida para a entrevista, geralmente através de ligação via *WhatsApp* no telefone do/a responsável ou do/a estudante.

Como se tratava de menores de idade, antes de falar com cada estudante na entrevista, realizou-se uma nova explicação sobre o estudo para os/as responsáveis, reiterando o sigilo e anonimato dos dados coletados e a conformidade com as diretrizes éticas do CEP. Alguns/as participantes não permitiram a gravação de vídeo e nem áudio, motivo pelo qual optou-se por não gravar nenhuma das entrevistas, tanto as realizadas por chamada de vídeo quanto por ligações, e, assim, anotar as informações disponibilizadas em tempo real, de forma manuscrita.

Após a entrevista com cada estudante, falou-se novamente com o/a responsável, que, na maioria dos casos, acompanhava a entrevista no viva-voz, com o objetivo de agradecer-lo/a pela permissão e reiterar que seriam comunicados/as, após a entrega da Dissertação e a publicação do livro, Produto Educacional da pesquisa.

3.3.2 Do contato inicial com os/as professores/as, coordenação e equipe da biblioteca

Assim como procedido com os/as estudantes, foram enviados *e-mails* individuais a cada profissional, apresentando o estudo e a pesquisadora responsável, bem como sugestões quanto ao modo de realização das entrevistas: ligação via *WhatsApp*, *Skype*, *Google Meet*, *Zoom* e ligação via telefone, em três tentativas: no mês de outubro de 2020, dezembro de 2020 e julho de 2021. Após o recebimento dos aceites, foram enviados os termos de consentimento e agendadas as entrevistas. A maior parte dos/as participantes optou pela conversa de vídeo pelo *Google Meet* e ligação de áudio no *WhatsApp*. Alguns/as profissionais, porém, não puderam participar das entrevistas em tempo real, por isso, solicitaram o roteiro de entrevista por *e-mail* e o enviaram de volta com suas respostas.

3.4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para a realização do presente estudo, optou-se pela união de três tipologias: a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. Segundo Marconi e Lakatos (2009), a pesquisa bibliográfica trata-se de um levantamento de fontes secundárias, como livros, monografias, teses, dissertações, filmes, gravações de áudio, entre outros, cujo objetivo é permitir que o tema seja analisado a partir de uma nova abordagem. Foram utilizadas bases de dados, como Portal CAPES, SciELO e *Google Acadêmico*, para a busca de artigos publicados

em periódicos e livros sobre temáticas relacionadas à BE, políticas públicas de acesso à informação e democratização do conhecimento.

A pesquisa documental, por sua vez, é um tipo de levantamento de dados específico para documentos, ou seja, fontes primárias de informação (MARCONI; LAKATOS, 2009). Neste estudo, para o levantamento de políticas públicas sobre incentivo à leitura e democratização do acesso ao conhecimento e cultura, foram utilizadas normativas, legislações, diretrizes e documentos pautados nos princípios e objetivos da BE.

Já a pesquisa de campo é utilizada para procurar a resolução de um problema ou comprovar uma hipótese (MARCONI; LAKATOS, 2009). Uma de suas subdivisões é a pesquisa exploratória-descritiva, ou seja, um estudo que possui tanto o objetivo de permitir familiaridade com o problema a ser discutido quanto de descrever o fenômeno e sua população (GIL, 2021). Portanto, são “estudos exploratórios que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno, como, por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas” (MARCONI; LAKATOS, 2009, p. 190), de forma a compreender aplicação prática das políticas públicas de acesso à informação no cotidiano da BE.

Em relação à abordagem, classifica-se como qualitativa, pois tem como pressuposto a possibilidade de se enxergar a realidade a partir de inúmeras perspectivas, em que o/a pesquisador/a tenta minimizar a distância entre sua realidade e o objeto de estudo (GIL, 2021). Desse modo, é possível compreender a relevância da BE a partir das memórias coletadas dos/as participantes e verificar a aplicabilidade das políticas públicas de acesso à informação e democratização do conhecimento no espaço.

A escolha pelo uso de um estudo de caso se deu pelas possibilidades de discussão e análise ofertadas. Segundo Gil (2021, p. 63), “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. Nesse tipo de pesquisa, objetiva-se descrever ou reconstruir um tema ou problema a partir da observação de um grupo, pessoa, comunidade, organização ou instituição (FLICK, 2009), como é o caso da presente discussão sobre a aplicação de políticas públicas de acesso à informação e democratização do conhecimento no ambiente da BSCepae, pois, trata-se de campo experimental e que permite alta replicabilidade em estudos futuros sobre a temática.

Como método para a coleta de dados, escolheu-se o uso de uma entrevista semiestruturada, com perguntas abertas e fechadas. A entrevista com a equipe da biblioteca usou ainda uma pergunta de múltipla escolha, sobre os tipos de materiais encontrados no local.

Após a coleta, os dados obtidos foram separados em dois grupos: dados a serem utilizados na Dissertação e dados a serem utilizados no Produto Educacional. Além disso, os dados foram classificados quanto à sua objetividade em relação ao estudo: em dados a serem utilizados de forma direta e dados utilizados de forma indireta. Todos/as os/as participantes tiveram seus dados utilizados na elaboração do Produto Educacional, mas apenas os/as estudantes tiveram seus discursos analisados na Dissertação.

O passo posterior foi a análise dos dados coletados, seguindo-se algumas etapas propostas por Gil (2021): codificação dos dados; estabelecimento das categorias analíticas; exibição dos dados; busca de significados e a busca de credibilidade (verificação da representatividade da pesquisa e da qualidade dos dados); triangulação dos dados; *feedback* dos/as participantes e de outros/as pesquisadores/as, passando a ser interpretados à luz do referencial teórico, logo em seguida.

Os dados obtidos a partir das entrevistas com os/as estudantes foram analisados à luz do DSC, teoria de Fernando Lefèvre, que “viabiliza modos sociais de pensar” (LEFÈVRE, 2007, p. 10) e que se baseia em alguns pressupostos:

- Pensar é um ato sociocognitivo;
- Expressar o pensamento é discorrer;
- Para que uma pessoa possa discorrer, é preciso deixá-la livre para que o faça;
- Discorrer é contar uma história com conteúdo vivido e argumentos que a sustentam;
- Uma sociedade é uma comunidade de tribos de simbolizadores;
- Os conteúdos e argumentos dos pensamentos de uma tribo de simbolizadores podem ser reconstituídos na forma de discursos na primeira pessoa do singular;
- Os membros de uma tribo de simbolizadores acham que seu modo de pensar é uma decisão livre e autônoma, e é porque pensam assim que é possível a sujeição do pensamento individual ao coletivo (LEFÈVRE, 2007, p. 10).

Desse modo, a construção do DSC permite o agrupamento das ideias similares de um grupo de indivíduos, oferecendo novas possibilidades de análise a partir do discurso formulado pelo grupo.

3.4.1 Coleta de dados

A coleta dos dados foi voltada para a relação que os/as alunos/as, professores/as e demais sujeitos participantes da pesquisa estabelecem com o livro, a leitura e o espaço da biblioteca. Conforme já informado, a coleta foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas,

de forma virtual, predominantemente por ligação via *WhatsApp* ou *Google Meet*, de acordo com a disponibilidade e preferência de cada participante.

Ressalta-se que as entrevistas só foram realizadas após o recebimento dos termos de consentimento/assentimento assinados pelos/as participantes, e que as diretrizes éticas do CEP foram reforçadas antes da realização da pesquisa, especialmente com os/as alunos/as. Ressalta-se também que a participação das bibliotecárias e demais servidores/as da biblioteca e dos/as professores/as, nas entrevistas virtuais, expressando suas vivências e memórias do ambiente da BE, ampliou, de modo significativo, as possibilidades de reflexões na análise dos dados coletados.

Em março e abril de 2021, os dados foram transcritos e começaram a ser analisados. Os relativos aos/às estudantes, para a elaboração do DSC e construção das crônicas referentes às suas vivências pessoais na BE. Os concernentes aos/às demais participantes, para instigar reflexões sobre a temática investigada, complementar as informações dadas pelos/as estudantes e gerar novas memórias, reconstruídas a partir dos dados coletados nas entrevistas para a elaboração do livro de crônicas memoriais.

3.4.1.1 Entrevistas com os/as alunos

Como base para as entrevistas com os/as alunos/as, foi elaborado um roteiro, disponível de forma integral no Apêndice D, que objetivava compreender as interações que eles já haviam estabelecido com o livro, a biblioteca e a leitura dentro do ambiente da BE. Antes do início da entrevista, os/as estudantes foram lembrados/as dos termos básicos de assentimento para a realização da pesquisa. Além disso, foi realizada a leitura de um texto de Lygia Bojunga Nunes (1988), intitulado “Livro – a troca”, como forma de iniciar a interação com os/as estudantes, para deixá-los confortáveis.

Na sequência, foram registradas algumas informações básicas, como data da entrevista, nome completo³² do/a estudante e série. Em seguida, foi perguntado aos/às alunos/as se gostavam das atividades realizadas na BE, e, em caso afirmativo, qual tipo de atividade mais gostavam no ambiente e o porquê. Aqui, o objetivo era saber quais ações de mediação de leitura haviam sido desenvolvidas com os/as estudantes, como: teatro de fantoches, contação de

³² Informação disponibilizada apenas para controle das entrevistas realizadas e que não será divulgada nem na Dissertação e nem no Produto Educacional.

histórias, leitura dirigida, encontro com autores/as, hora do conto, dramatizações sobre livros e outros tipos de atividades.

A pergunta seguinte discutia se frequentar a biblioteca ajudava os/as estudantes a desenvolver outras atividades ou lições propostas pela instituição. Em seguida, os/as alunos/as foram questionados/as sobre o incentivo à leitura, e se visitar a BE e participar das ações nela desenvolvidas os/as estimulavam a ler mais. O objetivo dessas duas perguntas era avaliar o papel da BE enquanto parte do complexo de ensino, em relação ao fomento à leitura e auxílio nas tarefas ofertadas pelos/as professores/as, durante as aulas.

A quarta pergunta tinha caráter mais subjetivo. Remontava às memórias dos/as estudantes e questionava sobre sua recordação mais divertida na BE. Do mesmo modo, a quinta pergunta era sobre o momento menos apreciado e qual atividade desenvolvida menos interessou aos/às estudantes.

Por fim, questionou-se se o/a estudante tinha um livro favorito e qual seria. O objetivo aqui era coletar dados para a escrita do Produto Educacional, possibilitando avaliar o impacto positivo ou negativo das atividades desenvolvidas na BE, verificar se alguma das obras citadas pelos/as estudantes fazia parte das leituras indicadas pelo PNBE ou PNLD Literário e dar espaço para falarem livremente sobre suas obras preferidas.

3.4.1.2 Entrevistas com professores/as e coordenação

Nas entrevistas com professores/as, disponíveis na íntegra no Apêndice E, a coordenação atual e a ex-coordenadora que acompanhou a turma, dois momentos foram estabelecidos. No primeiro, foram coletados o nome do/a profissional³³ e realizadas algumas questões sobre as atividades desenvolvidas com as turmas do 6º ano em 2020, com o objetivo de cumular informações sobre as observações dos/as professores/as sobre a interação das turmas com a BE.

Foi perguntado, nessa etapa se os/as profissionais observaram se os/as estudantes se mostravam confortáveis durante as atividades desenvolvidas na BE; se existia interação ou não com o material utilizado; sobre a relação dos/as estudantes com o ambiente da BE e seu uso das funcionalidades do local; e sobre a relação dos/as alunos/as com a equipe da biblioteca (bibliotecária, pedagoga, estagiário...).

³³ Informação disponibilizada apenas para controle das entrevistas realizadas e que não será divulgada nem na Dissertação e nem no Produto Educacional.

O segundo momento apresentava questões sobre a relação pessoal do/a profissional com a BE, suas vivências e memórias. A primeira questão dessa sessão envolvia a relação da pessoa com a BE, tanto na atualidade quanto ao longo de sua vida, procurando explorar as memórias que o ambiente lhe trazia.

Na sequência, foi perguntado sobre a infância e o acesso a livros e leitura, bem como ao ambiente de alguma biblioteca, e se houve algum momento particular que ficou gravado na memória. Por fim, questionou-se se o/a profissional tinha algum livro na infância. As perguntas desse segundo momento foram mais voltadas para as experiências pessoais do/a participante, com o objetivo de coletar informações para o desenvolvimento da crônica que o/a representaria no Produto Educacional.

3.4.1.3 Entrevistas com a equipe da biblioteca

As entrevistas com a equipe da biblioteca – ex-bibliotecárias e pedagoga da BSCepae – começaram com a coleta de dados institucionais, como nome da profissional³⁴ e cargo, e estão disponibilizadas de forma integral no Apêndice F. A maior parte das perguntas é idêntica às feitas aos/as professores/as e coordenação, pois, também objetivavam obter informações sobre os/as estudantes do 6º ano e sua interação com a BE, a partir do olhar dos/as profissionais, e coletar dados para a construção do livro de crônicas memoriais.

A principal diferença entre os dois questionários é a existência de uma seção sobre a biblioteca e o/a bibliotecário/a, com questões relativas ao horário de funcionamento da biblioteca; forma de acesso ao acervo e uma pergunta de múltipla escolha sobre os tipos de materiais mais procurados pelos alunos (livros literários, livros didáticos, histórias em quadrinhos (HQ), gibis, jogos, audiolivros...).

Além disso, uma questão existente no roteiro de entrevista dos/as professores/as – “Como os(as) estudantes se relacionavam com a equipe da biblioteca?” – foi substituída pela questão “Como os(as) estudantes se relacionavam com o acervo da biblioteca?”, já que o foco aqui era descobrir a visão da equipe da biblioteca sobre a interação dos/as alunos/as com o acervo.

Não obstante uma questão foi acrescentada ao roteiro da equipe da biblioteca, relativa ao empréstimo – ou não – das obras utilizadas nas atividades realizadas com os/as estudantes e

³⁴ Informação disponibilizada apenas para controle das entrevistas realizadas e que não será divulgada nem na Dissertação e nem no Produto Educacional.

ao interesse posterior em obras relacionadas, objetivando compreender se o desenvolvimento de ações de mediação de leitura incentivava o/a aluno/a a procurar mais obras no acervo da instituição.

Além disso, o presente capítulo apresentou o caminho metodológico para a realização do estudo, apresentando o Cepae-UFG como escola campo escolhida, os sujeitos participantes da pesquisa – os/as estudantes do 6º ano A e B para a escrita da Dissertação e professores/as, ex-professores/as, coordenador, ex-coordenadora, ex-bibliotecárias, pedagoga e os/as próprios/as estudantes para a escrita do Produto Educacional. Foram apresentadas ainda as ações desenvolvidas com os/as participantes em relação ao contato inicial para a participação na pesquisa e a maneira com que foi realizada a coleta de dados – através de entrevistas via *WhatsApp*, *Google Meet* ou *e-mail*, de acordo com a preferência e necessidade de cada participante.

CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÃO

*Uma verdadeira democracia participativa
necessita de espaços que permitam a todos os
cidadãos acesso à informação, ao
conhecimento e às manifestações da cultura e
da arte.*

(Silvia Castrillón)

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos a partir da coleta dos dados. Apesar da amostragem inicial da pesquisa considerar os/as 60 (sessenta) estudantes, inúmeros fatores restringiram a quantidade de participantes do estudo. Como se tratava de estudantes de EF, ou seja, menores de idade, era necessário que os/as responsáveis assinassem o termo de consentimento e os/as estudantes assinassem o termo de assentimento da pesquisa, procedimento burocrático, especialmente quando se pensa no contexto da pandemia que atinge a todos/as, desde 2020.

Os documentos eram enviados por *e-mail* e deveriam ser impressos e assinados, ou assinados digitalmente (algo que alguns/as responsáveis afirmaram não saber fazer). Além disso, outros/as não possuíam impressora. Para superar esses entraves, foi ofertado a eles/as a possibilidade de ter a documentação entregue em casa, e apenas a entrevista ocorrer de forma virtual, porém nem essa possibilidade minimizou os impactos nas permissões para realização do estudo.

Dos 60 (sessenta) *e-mails* de convite enviados para os/as estudantes, apenas 6 (seis) foram respondidos. Após o envio da documentação, somente dois/as enviaram de forma *on-line* e um/a responsável solicitou a entrega dos termos em casa, sendo que os/as outros/as dois/as responsáveis pararam de responder aos *e-mails*. O último estudante respondeu ao e-mail após a qualificação da autora, no mês de setembro. Embora novas tentativas de contato tenham sido realizadas, bem como o pedido a alguns/as professores/as da turma, objetivando o incentivo à participação dos/as alunos/as na pesquisa, não obtivemos outros aceites.

Por causa disso, optou-se por também entrevistar os/as professores/as, ex-professores/as, a coordenação atual e a antiga, ex-bibliotecárias e todos/as os/as servidores/as da biblioteca. Embora suas falas não façam parte da construção do DSC, foram utilizadas como fonte de reflexão para as discussões aqui estabelecidas e suas memórias fazem parte da construção do Produto Educacional.

4.1 SOBRE O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

O DSC (Discurso do Sujeito Coletivo) surgiu a partir de estudos dos pesquisadores Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre, na Universidade de São Paulo (USP). Tem como proposta principal a criação de um discurso, formulado em primeira pessoa do singular, mas que diz respeito à junção de vários pensamentos individuais, criando um discurso sobre o pensamento desse grupo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006).

O discurso é apresentado no singular, pois é a estrutura natural das Representações Sociais (RS) do ser humano, embora a coletividade seja “um recurso para viabilizar as próprias representações sociais como fatos coletivos atinentes a coletividades qualitativas (de discursos) e quantitativas (de indivíduos)” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p. 519), objetivando criar um discurso único que represente os pensamentos desse eu (coletivo) estabelecido.

Mas o que são as RS? Segundo Crusoé (2004) a RS é uma teoria proposta por Serge Moscovici, que discute sobre o coletivo e o senso comum enquanto formas de conhecimento, em que as representações sociais são resultado dos acontecimentos que permeiam a sociedade, possuindo dupla dimensão: Sujeito e Sociedade, e que permite aos sujeitos sua própria interpretação de mundo.

No mesmo sentido, Rocha (2014) afirma que as RS são estabelecidas para que o ser humano compreenda o seu redor, a partir da discussão sobre as relações entre “sujeito/objeto e indivíduo/sociedade” (ROCHA, 2014, p. 51), sendo a constituição formalizada daquilo que o sujeito usa em sua compreensão de mundo e comunicada, não concebendo separação entre sujeito e objeto (CRUSOÉ, 2004).

Crusoé reforça ainda que as RS discutem de forma científica o conteúdo obtido por senso comum, a partir do uso de dois processos: a Ancoragem (AC) e a objetivação. A AC é “a aproximação do sujeito ao objeto, entre os indivíduos e os membros de determinado grupo a que ele pertence, fortalecendo a identidade grupal” (ROCHA, 2014, p. 57), ao passo que a objetivação torna esse objeto algo concreto, ou seja, algo formalmente construído a partir do senso comum analisado (CRUSOÉ, 2004).

O DSC é uma forma de tabular e organizar informações obtidas em pesquisas de cunho qualitativo (OLIVEIRA, E., 2019), que permite compreender as RS apontadas no discurso do grupo de estudantes do 6º ano – turma de 2020. Para isso, foram realizadas as seguintes etapas: coleta dos depoimentos, redução do discurso – construção da ideia central ou da AC –, busca dos sentidos, categorização e construção do DSC (LEFÈVRE, 2017).

Na primeira etapa, coleta dos depoimentos, foram realizadas as entrevistas virtuais e individuais com os/as estudantes. Na segunda etapa, redução do discurso, iniciaram-se as especificidades da construção de um DSC. Para isso, de acordo com Lefèvre (2017), primeiramente é necessário evidenciar, no depoimento dado, o **conteúdo** principal, através da seleção dos dizeres mais relevantes do dado coletado, a partir da questão realizada, criando, assim, a Expressão Chave (EC), que posteriormente comporá o DSC.

Na terceira etapa, busca do sentido, é realizada a identificação de outros sentidos, através da Ideia Central (IC), que pode ser constituída de um ou mais posicionamentos, dizendo respeito, especificamente, ao **sentido** do que foi dito na entrevista, podendo ou não usar as palavras no texto do entrevistado (LEFÈVRE, 2017).

Lefèvre explica ainda que, às vezes, uma IC pode ser também uma AC, ou seja, embora todos as entrevistas realizadas tenham uma ideia central, algumas podem ter também uma AC, ou seja, o objeto ou conceito que está sendo representado passa a ser parte do sistema que já existia (CRUSOÉ, 2004), de modo que algo conhecido pelo/a entrevistado/a acaba sendo usado como pressuposto para o desconhecido, através de marcas ideológicas e expressões linguísticas de generalidade: “sempre, nunca, qualquer, todo...” (LEFÈVRE, 2017, p. 23-24).

Na quarta etapa, categorização, agrupam-se os relatos semelhantes, cujas IC's ou AC's são semelhantes e dizem respeito a questionamentos de mesmo sentido. Por fim, a quinta etapa traz o DSC, em que são reunidas as EC que contêm IC ou AC semelhantes, redigido na primeira pessoa do singular e expressando a RS do grupo analisado (LEFÈVRE, 2017). Para facilitar o entendimento, utilizamos a ideia de Oliveira (2019) de evidenciar as ideias centrais e/ou ancoragens em **negrito** e assinalar os DSC's em *itálico*.

Foi escolhido por, entre outros fatores, sua amostragem não ter uma porcentagem fixa, bastando que os *stakeholders*, ou seja, os/as sujeitos envolvidos, sejam relevantes o bastante para que sirvam como fontes de informação da realidade e do grupo social avaliado, já que a importância da análise do DSC leva em consideração mais a qualidade do discurso do que necessariamente o tamanho da amostra (LEFÈVRE, 2017).

Desse modo, o uso do DSC permite expressar os dados coletados em vários relatos em uma única construção verbal, transcrevendo de forma literal as informações obtidas e unindo-as a partir das semelhanças de seus conteúdos. Assim, o DSC, no presente estudo, pôde ser construído a partir das memórias coletadas e posterior análise de cada discurso encontrado, fundamentado pelo referencial teórico estabelecido na presente Dissertação.

4.2 CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Para a elaboração dos DSC's, foram consideradas três categorias de análise: **1 - Interesse pelas atividades desenvolvidas**; **2 - Incentivo à leitura na BE**; e **3 - Memórias e vivências na BE**. Cada uma dessas categorias foi criada com base nos objetivos discutidos no tópico “3.4.1.1 Entrevistas com os/as alunos/as”, em que a **categoria 1** cumula as respostas relativas ao interesse quanto à realização das atividades de mediação de práticas leitoras realizadas na BE; a **categoria 2**, apresenta os dados coletados sobre a existência ou não de incentivo à leitura e auxílio ao desenvolvimento de habilidades e competências no ambiente da BE; e a **categoria 3**, conjuga as respostas sobre as vivências dos/as estudantes na BE, as recordações oriundas do espaço e as preferências literárias desenvolvidas, com respostas mais voltadas para as necessidades do Produto Educacional.

A par disso, a seguir, apresentamos os resultados obtidos, disponibilizados em sete quadros, que contêm as ECH, AC e/ou IC, a categoria a que pertencem e a formulação do DSC. O Quadro 01 apresenta as respostas e o DSC, construído a partir da pergunta: “Você gosta das atividades realizadas na biblioteca?”

Quadro 01: Interesse pelas atividades desenvolvidas no espaço

Você gosta das atividades realizadas na biblioteca?	
Estudante 1	Sim
Estudante 2	Sim
Estudante 3	Sim
Estudante 4	Sim , mais ou menos.
Categoria 1: Interesse pelas atividades desenvolvidas	
DSC: <i>Sim</i>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021).

Ainda na categoria 1, apresenta-se o Quadro 2, com as respostas à pergunta “Qual tipo de atividade você gosta mais e por quê? (fantoche, contação de histórias, hora do conto, leitura dirigida ou outra atividade)”.

Quadro 02: Tipo de atividade favorita na BE

Qual tipo de atividade você gosta mais e por quê? (fantoche, contação de histórias, hora do conto, leitura dirigida ou outra atividade)	
Estudante 1	Contação de histórias , principalmente a da Árvore Baobá, contada pela Eliane, que depois passou um vídeo sobre. E gosto da professora falar pra interpretar a leitura de um livro que já li também.

Estudante 2	A Eliane contando histórias . Ai todo mundo conversava depois sobre os livros. Teve só contação de histórias, não lembro de fantoches lá. A Vanessa também conversava com a gente.
Estudante 3	Contação de histórias , tanto com os próprios alunos ou com os professores. A maior parte das vezes era uma conversa sobre os livros.
Estudante 4	Ouvir as contações e a vez que teve fantoche.
Categoria 1: Interesse pelas atividades desenvolvidas	
DSC: <i>Contação de histórias e interpretar a leitura de um livro.</i>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021).

Já o Quadro 3 apresenta as respostas relativas à pergunta: “Você acha que vir à biblioteca te ajuda nas outras atividades realizadas na escola? Por quê?”, inserida na categoria 2, sobre Incentivo à Leitura na BE.

Quadro 03: Desenvolvimento de habilidades

Você acha que vir à biblioteca te ajuda nas outras atividades realizadas na escola? Por quê?	
Estudante 1	Sim , principalmente nas tarefas de português.
Estudante 2	Sim , ajudava a responder as questões, facilitava. A professora passava em vídeo e eles faziam tarefa com base neles e ajudava a ler mais.
Estudante 3	Sim , os professores passam uma tarefa e você acha um livro na biblioteca sobre o tema e isso te ajuda, te dá mais argumento pra fazer a tarefa .
Estudante 4	Sim. Tem muito material pra pesquisa e fazer tarefa . Usamos muito a internet e leitura.
Categoria 2: Incentivo à leitura na BE	
DSC: <i>Sim, te dá mais argumento pra fazer a tarefa.</i>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021).

Ainda na categoria 2, o Quadro 4 traz os dados coletados e a construção do DSC relativos à pergunta “Você acha que vir à biblioteca e participar das ações realizadas nela te incentiva a ler mais? Por quê?”.

Quadro 04: Incentivo à leitura

Você acha que vir à biblioteca e participar das ações realizadas nela te incentiva a ler mais? Por quê?	
Estudante 1	Não, quem mais me estimula a ler é minha mãe. Mas a história do Baobá me incentivou a pesquisar sobre a árvore , fiquei curioso.
Estudante 2	Sim , incentiva as crianças a gostar de ler mais. Eu pego muitos livros, de 3 a 5 por semana.
Estudante 3	Sim, principalmente quando é um assunto que você gosta . Amo gibi.
Estudante 4	Pra mim não, mas meus colegas gostam. Não leio muito livro, só mangá na internet .
Categoria 2: Incentivo à leitura na BE	
DSC: <i>Sim, principalmente quando é um assunto que você gosta, só mangá na internet, a história do Baobá me incentivou a pesquisar sobre a árvore.</i>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021).

Na terceira categoria, temos o Quadro 5, que apresenta o DSC construído a partir da questão: “Qual sua recordação mais divertida na biblioteca?”, em busca de respostas relativas às vivências e memórias dos/as estudantes na BE.

Quadro 05: Recordação na BE

Qual sua recordação mais divertida na biblioteca?	
Estudante 1	As contações de histórias e o curso sobre autores .
Estudante 2	Lá na biblioteca eles usavam livros divertidos para comédia . Me faziam rir.
Estudante 3	Não lembro . Tenho poucas recordações disso.
Estudante 4	Todo dia era igual, tinha sempre coisa. Mas o mais legal foi o dia do fantoche .
Categoria 3: Memórias e vivências	
DSC: Não lembro, contações de histórias, curso sobre autores, fantoche, livros divertidos para comédia.	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021).

O Quadro 6 apresenta o DSC relativo à questão “E qual momento você menos gostou? Qual das atividades que você vivenciou na biblioteca te interessou menos?”, também pertencente à categoria 3.

Quadro 06: Atividades menos interessantes

E qual momento você menos gostou? Qual das atividades que você vivenciou na biblioteca te interessou menos?	
Estudante 1	Não gosto de livros sobre animais . Prefiro livros de ação, tipo Percy Jackson.
Estudante 2	Livros mais sérios e com partes nojentas . Não gosto.
Estudante 3	Não sei o que me interessou menos, porque gostei muito de tudo.
Estudante 4	Ter que ler em voz alta pra sala inteira.
Categoria 3: Memórias e vivências	
DSC: Não sei, ler em voz alta, livros sobre animais, mais sérios e com partes nojentas.	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021).

Por fim, o Quadro 7 apresenta a questão “Você tem um livro favorito? Qual?” e as respostas que permitiram a construção do seu DSC.

Quadro 07: Livro favorito

Você tem um livro favorito? Qual?	
Estudante 1	Vários. - O corpo humano – enciclopédia sobre o corpo humano. Tem muitas curiosidades. - A batalha do Apocalipse – Eduardo Spohr (pegou na biblioteca) - Crônicas pra jovens: De amor e amizade – Clarice Lispector.
Estudante 2	Vários. Todos pegos na biblioteca - Doze reis e a moça no labirinto do vento – Marina Colasanti

	- Poemas concebidos sem pecado e face imóvel – Manoel de Barros - Crônicas para jovens: De amor e amizade – Clarice Lispector. “Agora tô lendo” Comédias pra se ler na escola – Luis Fernando Veríssimo.
Estudante 3	Sim. A HQ de Naruto e o livro que pegou na biblioteca sobre uma árvore e um menino que pedia coisas pra árvore.
Estudante 4	Sim. Meu pé de laranja lima - José Mauro de Vasconcelos - O Mangá de One Piece – Eichiro Oda.
Categoria 4: Memórias e vivências	
DSC: <i>Sim, vários.</i>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021).

4.3 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Com base nos dados obtidos nas entrevistas dos/as estudantes, foi possível perceber a similaridade das respostas encontradas. Mas, mais que isso, foi possível compreender as relações por eles/as constituídas no (e com o) ambiente da BE. Os relatos dos/as estudantes mostram relações criadas com outros/as estudantes, com professores/as, com bibliotecários/as, com a pedagoga, com o acervo da BE, com o ambiente e suas funcionalidades e, durante a entrevista, com a pesquisadora responsável pela pesquisa.

Além disso, olhando além dos relatos dos estudantes e inserindo aqui as reflexões advindas das demais entrevistas realizadas, torna-se possível observar a amplitude dessas relações constituídas entre todos os sujeitos da pesquisa. De fato, é possível constituir um panorama das possibilidades ofertadas pela BE, além de comprovar a delicada rede criada a partir da junção entre os discursos dos/as estudantes, professores/as, ex-professores/as, pedagoga, ex-bibliotecárias, coordenador atual e da ex-coordenadora.

Cada um desses sujeitos se relaciona intrinsecamente com todos os outros sujeitos e elementos, criando um ciclo, que pode ser estudado, inclusive, a partir da subjetividade que envolve essas relações. Essas relações são vivências e experiências, constituídas tanto uma com a outra quanto com a própria BE e toda a instituição de ensino.

Segundo Paulo Freire (1989), é essencial que a realidade e as vivências dos/as estudantes sejam compreendidas, para, a partir disso, estabelecer a construção e o entendimento da linguagem. Assim, essas relações apresentadas possuem caráter subjetivo e o seu entendimento e a reflexão sobre cada uma delas permite a compreensão das múltiplas realidades que cada um desses sujeitos vivencia, sendo o fator revelador de suas vivências.

Quando se pensa nos/as estudantes, principalmente, observa-se o trajeto que seguiram na BE, sua história com o espaço, o que lhes chamou atenção, o que os/as desagradou, seus itens preferidos, seus momentos favoritos. A partir de suas memórias, é possível estabelecer,

através de cada DSC construído, a relevância das ações e mediações de práticas leitoras desenvolvidas dentro da BE, especialmente quando se pensa nos dispostos do Manifesto IFLA/Unesco para Biblioteca Escolar e nas Diretrizes da IFLA/Unesco para Bibliotecas Escolares.

Ao analisarmos os discursos formulados nos quadros 1 e 2, “*Sim*” e “*Contação de histórias e interpretar a leitura de um livro*”, por exemplo, observamos que as atividades desenvolvidas agradam os/às estudantes, especialmente a contação de histórias e interpretação coletiva do que foi lido. Observa-se que, aqui, o discurso foi unânime e que as três respostas obtidas afirmaram gostar e usufruir das atividades mediadas no espaço da BE. Entretanto, uma entrelinha observada nos DSC’s da categoria 1 mostra outra questão: outras atividades foram desenvolvidas no espaço e não foram lembradas no momento da entrevista ou o espaço carece da realização de outras ações? E aqui podemos utilizar novamente o conceito de memória. Halbwachs (2003) fala sobre a construção coletiva da memória e a relação entre o lembrar e o esquecer, algo perceptível nas respostas obtidas aqui.

Para responder a essa questão, avaliamos as outras entrevistas realizadas, em especial das bibliotecárias, da ex-coordenadora e da pedagoga, que elencaram várias ações desenvolvidas: Hora do conto, Encontro com autores/as, apresentação de vídeos sobre o livro lido na semana, exposições, palestras... Além disso, um artigo escrito por duas ex-bibliotecárias do local reforça esses relatos. Nele, as autoras apresentam as ações promovidas pela BSCepae de modo frequente, há mais de 10 (dez) anos, a saber:

- encontro com escritores;
- exposição de livros literários;
- exposição de fotos;
- feira de livros;
- Feira do Troca (troca de livros entre os alunos);
- palestras sobre livros, literatura, escritores;
- exposição de livros confeccionados pelos alunos;
- confecção de marca-páginas pelos alunos;
- varal de poesias;
- contação de histórias (CUNHA; RIBEIRO, 2010, p. 14).

Desse modo, pode-se afirmar que a ressalva observada deriva das preferências e da memória dos/as estudantes, e não da ausência de atividades na BSCepae. Sendo assim, há consonância com o previsto no Manifesto IFLA/Unesco para Biblioteca Escolar, que considera essencial que as BE sejam atuantes no desenvolvimento e manutenção “do hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 1999, p. 2).

Segundo as Diretrizes IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar, o espaço pode e deve ser utilizado para várias ações culturais, como: “exposições, visitas de autores e datas internacionais comemorativas [...] encenações inspiradas na literatura [...] reuniões [para troca de ideias] sobre livros e também a “hora do conto” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 2002, p. 19).

Porém, crianças entre 10 (dez) e 12 (doze) anos – faixa etária analisada no estudo – passam por mudanças bruscas em seu crescimento, fazendo com que a BE atenda sujeitos distintos, ainda que tenham a mesma idade. Uns/as começam a achar as obras lidas na contação de histórias infantis demais, outros/as se sentem desestimulados/as com as atividades por se sentirem incapazes de permanecer sentados/as e concentrados/as... muitas são as dinâmicas que surgem nessa faixa etária (KUHLTHAU, 2013).

Por isso, é interessante que sejam trabalhadas também atividades voltadas para o conhecimento dos sistemas técnicos da biblioteca; criar momentos de interação com o texto e, a partir disso, realizar pesquisas e expressar sua opinião; discutir sobre produções audiovisuais; identificar seções de jornais; ações de reconhecimento de gêneros literários e uso de gamificação para revisar as habilidades constituídas ao longo de seu percurso na BE (KUHLTHAU, 2013).

Após o estabelecimento dessas discussões, é hora de analisar o DSC decorrente do quadro 03: “*Sim, te dá mais argumento pra fazer a tarefa*”, que aponta o papel da BE no auxílio à realização de outras atividades na escola, comprovando o aspecto educativo do espaço e apontando como se dá a construção da compreensão leitora dos/as estudantes. De fato, autores/as como Bretas (2014), Costa (2013), Campello (2012), Maroto (2012) e Viana e Pieruccini (2015) e instituições como a IFLA (1999; 2002) apontam a relevância do local como espaço essencial de ensino, uma extensão do que é desenvolvido e trabalhado em sala de aula.

O Manifesto IFLA/Unesco para Biblioteca Escolar afirma ainda que é necessário que toda a comunidade trabalhe em conjunto, para garantir a funcionalidade e o cumprimento dos objetivos da BE, de forma a incentivar a cooperação entre todos os membros que acessem o espaço (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 1999). No mesmo sentido, as Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar ressaltam que o/a estudante deve ter acesso ao espaço da BE e ser livre para utilizá-la para diferentes propósitos e necessidades, devendo ser vista como espaço de interação e de aprendizagem (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 2002).

No DSC do quadro 04, “*Sim, principalmente quando é um assunto que você gosta, só mangá na internet, a história do Baobá me incentivou a pesquisar sobre a árvore*”, observa-se

que, embora um/a dos/as estudantes afirme não receber incentivo através das ações desenvolvidas na BE, e sim da família, e um/a dizer que não gosta de ler, mas que vê os/as amigos/as lendo, os/as outros/as dois/as participantes dizem que se sentem incentivados/as. Um aspecto a se observar aqui é que o/a Estudante 1, mesmo respondendo que não se sente incentivado/a, afirma que as histórias contadas o/a deixam curioso/a e estimulam a busca por mais informações.

Numa das entrevistas realizadas, o/a Estudante 1 foi citado/a como um/a aluno/a que gostava de ler, mas que também encarava a leitura como castigo, uma obrigação, pelo jeito que o assunto era abordado em sua criação familiar. Ressalta-se, aqui, que essa observação surgiu a partir das análises de todas as entrevistas e que se mantém o anonimato dos/as alunos/as. A maior parte dos sujeitos entrevistados exemplificava a sua resposta a partir de algum exemplo com outro dos sujeitos, o que permite a formulação dessas relações.

Para o/a Estudante 1, o incentivo vem por meio da obrigação da leitura, de modo que ele/a não acredita que possa ser incentivado de outro modo, mesmo afirmando ficar curioso/a com as obras e com os materiais utilizados. Além disso, trata-se de leitor/a curioso/a, mais interessado por livros sobre fatos, pessoas e acontecimentos do que pela maioria das histórias contadas, que ele/a considera infantis.

Vale destacar que o Manifesto IFLA/Unesco para Biblioteca Escolar deixa claro em seus objetivos que é papel da BE “promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu redor” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 1999, p. 3). Assim também está definido nos objetivos apontados no PNLL, tendo em vista a garantia do acesso à informação no espaço.

A partir do quadro 5, as respostas se tornam ainda mais subjetivas, voltadas para as memórias, vivências e experiências dos/as estudantes na BE. O DSC obtido no quadro 5, por exemplo, afirma: “*Não lembro, contações de histórias, concurso sobre autores, fantoche, livros divertidos para comédia*”. Observa-se, aqui, que um/a dos/as estudantes não recorda seu momento favorito, sendo quase indiferente em sua resposta. Os/As outros/as três afirmaram gostar da contação de histórias, concurso sobre autores/as (atividade não citada na pergunta realizada no Quadro 2), fantoche (atividade só citada pelo/a Estudante 4) e livros divertidos para comédia.

Percebe-se que os/as estudantes preferem momentos interativos, com situações e histórias engraçadas, e que estimulem sua curiosidade e imaginação, como é o caso do concurso de autores/as. Nesse sentido, estudos de Cunha e Ribeiro (2010) e Kuhlthau (2013) reforçam a importância de se criar atividades interativas, que atraiam os/as estudantes e estimulem a leitura.

Do mesmo modo, o Manifesto IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar prevê que o espaço deve fomentar o acesso à informação e conhecimento, capacitando seus/as usuários/as em relação à aprendizagem, cidadania e estímulo da imaginação (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 1999).

Kuhlthau (2013), inclusive, reforça a necessidade do contato entre as crianças e livros variados e interessantes, principalmente no EF I e início do EF II, pois, é através da contação de histórias, por exemplo, que os/as estudantes desenvolvem interesse pelos livros. De fato, Cunha e Ribeiro (2010) apontam algumas atividades de estímulo à leitura, que são desenvolvidas na BSCepae: realização de Semanas Literárias; criação de marca-páginas sobre o livro trabalhado; visitas de editoras; exposições fotográficas; Hora do conto; e a já tradicional contação de histórias.

A penúltima questão, apresentada no Quadro 6, traz como DSC: “*Não sei, ler em voz alta, livros sobre animais, mais sérios e com partes nojentas*”. Aqui, o foco era compreender quais atividades desenvolvidas menos atraíram os/as estudantes. A partir das respostas, constatou-se que o grupo analisado prefere evitar histórias sobre animais, obras mais sérias e “com partes nojentas”, ou seja, gostam de obras mais leves e divertidas. Um/a dos/as estudantes, porém, afirmou não saber, pois gosta de todas as atividades. É interessante observar que é o/a mesmo/a estudante que na questão anterior não se lembrava de seu momento favorito, mostra divergência nas respostas dadas.

O/A último/a estudante afirma que não gosta de ler em voz alta para a sala inteira. Estes comportamentos podem demonstrar algumas coisas: a primeira é que, embora não lembrassem atividades que os/as interessem de primeira, acabam se contradizendo ao longo das outras questões, pois se sentem mais à vontade durante a entrevista e começam a encarar como uma conversa leve, compartilhando suas histórias e momentos com mais tranquilidade. A segunda, é que alguns/algumas têm mais dificuldades com a exposição e a vergonha nas atividades em grupo, por insegurança. Observa-se ainda que, em geral, as atividades os/as interessam, mas que preferem momentos de descontração e evitam discussões sobre temáticas mais sérias, se sentindo menos atraídos/as nesses momentos.

O DSC aqui obtido é mais subjetivo, discorrendo sobre as preferências e desgostos nas atividades desenvolvidas. Uma das respostas aponta interesse por livros de ação e aventura, citando como exemplo o *bestseller* Percy Jackson, de Rick Riordan. As Diretrizes IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar reforçam que o/a bibliotecário/a deve ofertar o material que interessa aos/às estudantes, seguindo suas vontades individuais e respeitando seu direito de escolha como indivíduos (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 2002).

Porém, estudos de autores/as como Carvalho (2016) apontam que se deve tomar cuidado em relação ao material ofertado, já que deve ser objetivo da instituição escolar e da BE formar leitores/as, sim, mas também ofertar a eles/as a chance de se tornar um/a leitor/a crítico/a e capaz de criar, estruturar e compreender informações, sendo mais que decodificador/a linguístico/a.

A parceria entre professor/a e bibliotecário/a na escolha desse material é essencial, de modo que o ambiente da BE estimule o desenvolvimento da curiosidade, fomente a leitura e forme usuários/as capazes de analisar a informação criticamente (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 2002). Embora concorde com a necessidade de se garantir o acesso à informação por meio de mediações da leitura, Carvalho (2016) afirma que é necessário inserir nessas ações “referências culturais” que criem sentido e significado nas leituras realizadas com o/a estudante (CARVALHO, 2016, p. 22).

Por fim, o último DSC elaborado afirma “*Sim, vários*”, e diz respeito à existência ou não de livros favoritos para cada estudante. Uma resposta negativa aqui poderia ser interpretada de dois modos: que eles não se interessam pela leitura, logo não teriam uma obra favorita, ou que gostavam de vários livros, mas nenhum os marcou o suficiente.

Porém, as respostas dos/as estudantes criaram um DSC que afirma que todos/as eles/as gostam de um ou mais livros. Além disso, os/as estudantes citaram seus livros preferidos no momento, embora nem sempre soubessem o título ou o/a autor/a.

Com base nas explicações que foram dadas por eles, procurou-se completar essas informações, a partir de conversas com a pedagoga sobre as contações de histórias realizadas. Dessa maneira, chegou-se à seguinte lista, apresentada no Quadro 08, que também mostra se o livro ou HQ faz parte ou não do incentivo à leitura, realizado por meio de uma política pública de acesso à informação e democratização da leitura, especialmente no PNBE/PNLD Literário.

Quadro 08: Livros citados pelos/as estudantes

Título do Livro	Autor	Está inserido em uma política pública? Qual e qual ano?
<i>A árvore generosa</i>	Shel Silverstein	Sim. PNBE 2012
<i>A árvore que dava dinheiro</i>	Domingos Pellegrini	Sim. PNBE 2001
<i>A semente que veio da África</i>	Georges Louis Gneka Heloisa Pires Lima Mario Lemos	Sim. PNBE 2005
<i>O corpo humano: 100 fatos incríveis</i>	-----	Não
<i>A batalha do Apocalipse</i>	Eduardo Spohr	Não
<i>Crônicas para jovens: De amor e amizade</i>	Clarice Lispector	Sim. PNBE 2012

<i>Doze reis e a moça no labirinto do vento</i>	Marina Colasanti	Sim. PNLD 2018 Literário
<i>Comédias para se ler na escola</i>	Luis Fernando Verissimo, Ana Maria Machado	Sim. PNBE 2006
<i>Percy Jackson – coleção</i>	Rick Riordan	Não
<i>HQ – Naruto</i>	Masashi Kishimoto	Não
<i>Meu pé de laranja lima</i>	José Mauro de Vasconcelos	Não
<i>HQ - One Piece</i>	Eichiro Oda	Não

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021).

Com base nos resultados apresentados no quadro 08, é possível perceber que dos doze livros citados, de forma direta ou indireta, seis fazem parte dos livros disponibilizados às BE por alguma política de acesso à informação, mais especificamente o PNBE e o programa que o seguiu, o PNLD Literário. Essas informações validam a necessidade de se criar políticas de acesso à informação e democratização do conhecimento que atendam aos interesses dos/as alunos/as, da instituição escolar e as diretrizes de ensino, e que elas sejam efetivadas de fato. Seis dos livros ou HQ's citadas não fazem parte do PNBE/PNLD Literário ou outra política, e deles, três não constam no acervo da BSCepae.

Além disso, os resultados obtidos permitem observar como a BE é vista pelos/as alunos/as, e, a partir disso, estabelecer novas possibilidades. Ao analisar as recordações, vivências e experiências dos/as estudantes na BSCepae, pode-se compreender qual é o papel desse ambiente no complexo escolar, avaliar a efetividade das políticas públicas de acesso à informação, verificar sua aplicabilidade e criar estratégias e ações para democratizar ainda mais o ambiente da BE e o acesso ao conhecimento e à cultura. Permite ainda avaliar o impacto no espaço enquanto ambiente de socialização e interação com profissionais da BE e seu acervo.

De fato, todos os relatos, desde os discursos dos/as estudantes que foram escolhidos para análise na Dissertação, até os relatos colhidos para o desenvolvimento do Produto Educacional, contêm um elemento em comum: o respeito pela importância da BE. Embora muitos dos relatos comprovem que o incentivo à leitura em BE é recente, e, portanto, inacessível na infância de muitos/as, todos/as confirmam que esse incentivo é fundamental na formação de leitores/as e na democratização do acesso ao conhecimento.

Com base nos resultados encontrados e suas análises, depreende-se, portanto, que os princípios da BE, estabelecidos no Manifesto IFLA/Unesco para Biblioteca Escolar, de 1999, e as posteriores Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar, de 2002, são respaldados pelas políticas públicas de acesso à informação e democratização do conhecimento, principalmente nas leituras incentivadas pelo PNBE/PNLD Literário.

Por fim, ao se analisarem os resultados a partir das entrevistas realizadas com os/as estudantes, e posterior construção dos DSC's, é possível confirmar que o incentivo à leitura, fomentado pelo PNBE/PNLD Literário, se efetiva na BSCepae, visto que seis dos livros citados pelos/as estudantes foram considerados como marcantes ou favoritos. É necessário ainda ressaltar que uma política não deve ser vista de forma isolada da outra. São ações continuadas (ou que deveriam ser) e que precisam ser consideradas em seu todo, de modo a compreender seu impacto nas BE e na disseminação da informação e do conhecimento em sociedade.

4.4 EXISTEM (E SE EFETIVAM) POLÍTICAS QUE DEMOCRATIZEM O CONHECIMENTO NA BE?

Segundo as Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar, é essencial que as BE sejam consideradas como meios fundamentais no desenvolvimento da literacia e no estímulo à formação de leitores/as, disseminando a informação (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION, 2002), além de reafirmar a necessidade de se estabelecer políticas públicas em todos os âmbitos que estimulem a valorização desse espaço. Porém, durante a construção do referencial teórico desta pesquisa, com base no levantamento bibliográfico e documental, observou-se que, independentemente de existirem políticas públicas voltadas para a criação de BE, para a democratização do acesso ao conhecimento e para a promoção da leitura, poucas são de fato eficazes em relação aos objetivos com que foram propostas.

Deve-se destinar a maior parte dos esforços em relação aos incentivos à leitura para a educação e para a BE, enquanto instrumento de democratização desse acesso, dando “prioridade a programas que contribuam a longo prazo para uma melhora da escola e da biblioteca” (CASTRILLÓN, 2011, p. 22). E, conforme apontam estudos de Viana e Pieruccini (2015), há urgência na formulação de políticas públicas que valorizem a BE, que incentivem o contato das crianças com a literatura, visto que a carência legislativa relega essa tarefa para professores/as e bibliotecários/as dedicados/as, mas, na maior parte dos casos, sem apoio ou estrutura suficiente para realizar esse tipo de ação.

Outro fator essencial é a continuidade e efetivação dessas ações por parte das esferas públicas. Porém, o Brasil passa por um momento grave de desmantelamento das políticas públicas de acesso à informação e democratização do conhecimento. Nesse sentido, de 2016 a 2020, várias medidas foram tomadas pelo governo federal, que impactam significativamente nas ações de incentivo à leitura, tais como a “extinção do Ministério da Cultura, Diretoria do

Livro e Leitura rebaixada como Departamento e à não execução de programas relevantes de fomento à leitura” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, não paginado).

Além disso, o levantamento teórico realizado e os resultados obtidos durante a coleta de dados mostram que o caminho até a valorização efetiva da BE ainda é longo, e evolui a passos lentos, principalmente no que diz respeito às políticas públicas de acesso à informação e democratização do conhecimento. Isso se observa, principalmente, em relação à Lei Federal nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Apesar de ser uma legislação, cujo prazo máximo de efetivação tenha se encerrado em maio de 2020, e por mais que projetos de lei no Senado Federal e na Câmara dos Deputados tenham sido elaborados para ampliar esse prazo, e, consequentemente, efetivar a lei, poucas foram as ações tomadas pelas esferas federal, estadual e municipal em relação à construção, valorização e estruturação das BE.

Quando avaliamos as propostas do PNBE e do PNLD Literário, percebemos que a visão transmissivista apontada por Viana e Pierucci (2015) continua. Apesar da existência desses programas e de sua especificidade de atuação em relação ao livro, à leitura e à biblioteca, seu enfoque é na distribuição de material bibliográfico, e não no desenvolvimento de ações que estimulem a leitura e a formação de leitores/as críticos/as. Essas ações, na maioria dos casos, são realizadas por professores/as e bibliotecários/as – quando existem na instituição –, com poucos recursos e estrutura, partindo mais da boa-vontade desses/as profissionais do que de alguma ação governamental.

Entretanto, a BSCepae possui uma realidade diferente. Devido às próprias especificidades de sua existência e estrutura, contando com bibliotecária, pedagoga, acervo diversificado e ações de incentivo e promoção da leitura, instituídas nos próprios planos de ensino, as políticas públicas de acesso à informação possuem mais impacto e efetivação.

Finalmente, os dados coletados mostram que até 2018 – ano mais recente citado nas entrevistas com os/as estudantes –, o governo federal disponibilizava material de qualidade e que atraía o interesse dos/as alunos, por meio dos programas de incentivo à leitura e formação de leitores/as, e que essas ações tiveram impacto real nas vivências dos/as estudantes, algo comprovado pelos dados colhidos durante os relatos.

CAPÍTULO 5: ELABORAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

A educação modela as almas e recria os corações. Ela é a alavanca das mudanças sociais.

(Paulo Freire)

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos não totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor.

Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura.

(Roger Chartier)

O Mestrado Profissional (MP), assim como o Mestrado Acadêmico (MA), é uma pós-graduação *strictu sensu*, mas que se difere essencialmente em relação a seu produto. O foco do MA é a formação enquanto pesquisador, enquanto o MP espera formar alguém que tanto pode seguir o caminho da pesquisa, quanto, externamente às paredes da academia, seja capaz de buscar, identificar e valorizar as atividades que desenvolve (RIBEIRO, 2005).

Segundo informações da Associação Nacional de Pós-Graduandos, em artigo de Germano (2019), o MP tem abrangência distinta do MA. Ele ultrapassa o viés acadêmico, fornecendo possibilidades de aplicação na área profissional, e, no caso dos MP na área de Ensino e Educação, há o objetivo de “melhorar a qualidade de ensino da Educação Básica”, ao promover a elaboração de estudos definidos como uma espécie de “pesquisa aplicada” e não apenas como ente de produção do conhecimento (UMPIERRE; SILVA, 2017, p. 3).

O PPGEEB-Cepae-UFG objetiva qualificar, especificamente, profissionais que atuam no EF I e II e no Ensino Médio, permitindo que eles construam uma reflexão crítica a partir da sua própria prática profissional (CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO, 2017, *on-line*). Como critério para obtenção do título de mestre/a em um MP, é necessária a escrita de uma Dissertação, ou seja, um estudo apresentado ao fim do curso, sendo considerado o trabalho inicial de um/a pesquisador/a na pós-graduação e que necessita de sistematização e metodologia específicas (MARCONI; LAKATOS, 2009) e a elaboração de um Produto Educacional (PILATTI; COSTA; SCHIRLO; SILVA; PINHEIRO; FRASSON, 2015), que possa ser disponibilizado à sociedade e seja passível de utilização por outros/as professores/as pesquisadores/as, conforme também esclarecem Moreira e Nardi (2009).

De acordo com Umpierre e Silva (2017, p. 4), “os produtos educacionais são aplicações dos resultados dos conhecimentos que foram adquiridos em forma de atualização, com o intuito de auxiliar no ensino e aprendizagem dos alunos da educação básica ou superior”. Assim, são oferecidos como parte do processo de pesquisa e análise dos dados, buscando auxiliar na relação entre alunos/as e seu processo de aprendizagem.

Não obstante, Freire, Rocha e Guerrini (2017, p. 379) afirmam que o Produto Educacional viabiliza outras possibilidades de prática pedagógica durante a formação do/a pesquisador/a do MP. A exigência da elaboração de um Produto Educacional permite, portanto, ao/à pesquisador/a discutir as vivências observadas em determinada parte da unidade escolar, integrando sua pesquisa e estudos à sua *práxis*³⁵.

Outro fator a se levar em consideração é que o Produto Educacional deve ser adaptado à realidade da pesquisa que se propôs, e, no caso do presente estudo, deve se relacionar com as vivências dos/as alunos/as no ambiente da BSCepae, podendo ainda fornecer indicativos importantes para se refletir sobre os desafios e as possibilidades no dia a dia das BE.

Surgiu, assim, a ideia de publicação de um livro de crônicas memoriais, a partir dos dados coletados com estudantes do 6º ano – turma de 2020 –, professores/as, coordenador do EF II, pedagoga e ex-bibliotecárias do Cepae-UFG, sobre sua relação com a biblioteca escolar, em especial, no que diz respeito ao uso do espaço, o acervo e o relacionamento com bibliotecárias e o ambiente da biblioteca. A finalidade é alcançar replicabilidade do estudo em outras instituições, de modo a reforçar a importância da BE no Brasil, visto que a abrangência da pesquisa é nacional.

³⁵ Mais do que a mera efetivação de uma ação ou prática para o pesquisador, a *práxis* diz respeito às suas vivências, seus experimentos, sobre o ato de colocar à prova aquilo que se pesquisa.

Isso se torna possível porque o estudo encara cada participante da pesquisa como ser único, cujas percepções são essenciais para as discussões estabelecidas. Do mesmo modo, é passível de vários tipos de adaptação, seja na amostragem, no critério de análise ou no ambiente observado. Além disso, apesar do produto ser oriundo de uma experimentação local, ou seja, na biblioteca escolar do Cepae-UFG, seu formato (livro de memórias) permite a expansão rápida a qualquer instituição de ensino ou biblioteca, seja através de doação ou interesse em republicação da pesquisa.

O livro, intitulado *Tia, quero aquele livro!*': recordações e vivências sobre a biblioteca escolar, funciona como forma de sistematização das conclusões proporcionadas pela investigação realizada, unindo a pesquisa científica e a subjetividade como formas de reflexão sobre a realidade da BE, ampliando as possibilidades de discussão. Além disso, a elaboração da coletânea de crônicas retorna à sociedade alguns dos resultados obtidos, apresentando-os de forma acessível à comunidade escolar.

O Produto Educacional escolhido tem como finalidade primordial a contribuição com as áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Educação, apresentando parte da discussão realizada sobre biblioteca escolar e políticas públicas de acesso à informação e democratização do conhecimento. O Produto tem, ainda, relevância ao apontar os membros da comunidade escolar como sujeitos essenciais no processo de ensino-aprendizagem e de formação de leitores/as, visto que deriva de entrevistas sobre vivências reais dos/as participantes da pesquisa, na BE.

Em relação ao impacto, observa-se que o Produto Educacional tem potencial de grande alcance, pois é gerado por meio do PPGEEB-Cepae-UFG e, posteriormente, aplicado e transferido para um sistema em que seus resultados retornam de forma real para a sociedade. Isso ocorre pelo ângulo raro disponibilizado na pesquisa: a possibilidade de discutir sobre a BE a partir das recordações e memórias dos/as alunos/as sobre o espaço que utilizam.

O Produto possui média complexidade, pois apesar de dizer respeito à questão de pesquisa da Dissertação, com metodologia clara e objetiva, traz memórias e afetividade em relação ao ambiente da BE, mesclando conhecimento técnico sobre bibliotecas e políticas de incentivo e promoção da leitura à junção de momentos que foram marcantes para os/as estudantes naquele espaço.

Em se tratando de inovação, conclui-se que o Produto Educacional tem alto teor inovativo, já que se constrói a partir de conhecimento inédito, principalmente pelo viés de subjetividade, dado ao material desenvolvido, objetivando a promoção de práticas leitoras, ao

mesmo tempo em que se observa como as políticas públicas de acesso à informação influenciam a criação dessas vivências e percepções.

Por fim, o livro será registrado na Plataforma eduCapes e no *site* da Câmara Brasileira do Livro (CBL). Após, um dos exemplares será enviado para depósito na Biblioteca Nacional. Serão impressas 150 (cento e cinquenta) cópias, sendo que algumas delas serão doadas à BSCepae, outras enviadas para bibliotecas da rede pública do Estado de Goiás e algumas doadas às bibliotecas integrantes do Sistema de Bibliotecas da UFG. A versão digital será disponibilizada no repositório digital do PPGEEB-Cepae-UFG, no repositório do Sistema de Bibliotecas da UFG e no Portal eduCapes, garantindo as possibilidades de transferência, caso haja interesse de outras instituições pelo material.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Gosto de ser homem, de ser gente, porque não
está dado como certo, inequívoco, irrevogável
que sou ou serei decente, que testemunharei
sempre gestos puros, que sou e que serei justo,
que respeitarei os outros, que não mentirei
escondendo o seu valor porque a inveja de sua
presença no mundo me incomoda e me
enraivece.*

*Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei
que a minha passagem pelo mundo não é
predeterminada, preestabelecida.*

*Que o meu “destino” não é um dado mas algo
que precisa ser feito e de cuja
responsabilidade não posso me eximir.*

*Gosto de ser gente porque a História em que
me faço com os outros e de cuja feitura tomo
parte é um tempo de possibilidades e não de
determinismo.*

*Daí que insista tanto na problematização do
futuro e recuse sua inexorabilidade.*

(Paulo Freire)

*“Não seria maravilhoso o mundo se as
bibliotecas fossem mais importantes que os
bancos?”*

(Mafalda)

O papel do livro, da leitura, da literatura e da biblioteca escolar são claros: todos, em algum nível, servem para estimular o crescimento intelectual, favorecer a socialização e ampliar a visão de mundo de quem os lê, ou no caso da BE, a frequenta. Mas, na prática, para que esses fundamentos se cumpram, é necessário muito mais. Incentivo governamental, recursos humanos e financeiros, estrutura física, acervo diversificado e atraente, ambiente agradável e acolhedor, ações que fomentem a leitura crítica e a socialização do livro; atividades de mediação de leitura; políticas públicas efetivas referentes ao acesso à informação e a democratização do conhecimento.

Autores como Bordieu (2005) discutem tais questões ao falar desse sistema da indústria cultural, onde se enfoca na “**concorrência pela conquista de mercado**” (BORDIEU, 2005, p. 136), na sua estrutura econômica em detrimento da formação cultural e educacional que estabeleceria uma sociedade mais justa. E essa concorrência por algo mercadológico acaba causando mais entraves na criação de uma sociedade leitora, capaz de buscar, recuperar e acessar a informação de forma independente, e que compreenda o papel da BE, do livro e da leitura enquanto elementos essenciais na formação do sujeito.

E por causa de todos esses degraus e questões, o presente estudo buscou discutir políticas públicas que disponibilizassem e fomentassem o acesso à informação, bem como democratizem o conhecimento e a cultura, a partir do desenvolvimento de atividades nelas pautadas, de modo a minorar essas questões e reduzir o impacto desse viés mercadológico.

Para isso, esperava-se compreender se os princípios da BE, estipulados pelo Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar e pelas Diretrizes da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar foram respaldados nos pressupostos e nos materiais disponibilizados pelas políticas públicas de fomento à leitura no Brasil, especialmente o PNBE/PNLD Literário. E, se isso ocorreu, discutir sobre a efetivação ou não dessas políticas na Educação Básica, a partir do estudo de caso realizado com estudantes do 6º ano – turma de 2020 –, na BSCepae.

Desse modo, é necessário retomar os objetivos específicos do presente trabalho e, assim, tecer as assertivas finais. O primeiro era relativo à identificação das políticas públicas de democratização da informação, seguido pela enumeração dessas políticas – Programa Nacional do Livro e do Material Didático e PNLD Literário; Programa Nacional de Incentivo à Leitura; Política Nacional do Livro; Plano Nacional do Livro e Leitura; Lei Federal no 12.244, de 24 de maio de 2010; Política Nacional de Leitura e Escrita e o Programa Nacional Biblioteca na Escola.

Em seguida, discutiu-se sobre a relevância das políticas relacionadas dentro das BE, com ênfase no que se refere à sua efetivação na BSCepae enquanto elemento socializador da cultura. O último objetivo é relativo à elaboração e publicação de um livro de crônicas como Produto Educacional, a partir dos relatos obtidos nas entrevistas virtuais realizadas na coleta de dados.

Durante a realização da pesquisa – levantamento teórico, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa de campo, coleta e análise dos dados –, percebeu-se que, mesmo existindo políticas públicas voltadas à democratização do conhecimento, da leitura e da informação e para a valorização da BE, sua efetivação é incompleta. Observa-se no PNBE e no PNLD Literário um viés transmissivista, que foca na distribuição de material bibliográfico, mas

que não fornece recursos ou meios para o desenvolvimento de ações que estimulem, de fato, o contato e o acesso a esse material. O mesmo se dá com a BE. Embora existam políticas voltadas para sua estruturação apropriada, com profissional habilitado/a e sua presença exigida nas escolas, o que se vê, na realidade, é uma inação do Poder Público, em relação ao cumprimento efetivo das leis que sustentam tais políticas. Os pressupostos existem, mas os espaços carecem da efetivação, de fato, das políticas.

Quando se analisa o *locus* do Cepae-UFG, todavia, é possível observar novas possibilidades. A instituição é considerada modelo, tendo sido fundada para atuar como laboratório experimental, em relação a práticas de ensino e desenvolvimento de ações de pesquisa e extensão. Ao contrário da maior parte das escolas do Brasil, o Cepae conta com uma biblioteca completamente estruturada, com acervo variado, devidamente organizado e gerido por uma bibliotecária habilitada para tal. Conta com uma pedagoga que realiza, em parceria com a bibliotecária e os/as professores/as, ações frequentes de incentivo à leitura, especialmente no EF I.

Nesse ambiente, o caráter transmissivista do PNBE e do PNLD Literário não é um inconveniente, pois a própria instituição fornece meios para a realização das ações de incentivo à leitura, podendo usar o material disponibilizado pelas políticas públicas de acesso à informação de forma frequente, eficaz e atraente para os/as estudantes.

Os resultados nela obtidos mostram possibilidades infinitas. Se todas as escolas pudessem oportunizar o mesmo a seus/as alunos/as, as ações de incentivo à leitura e democratização do conhecimento seriam plenamente efetivadas. Sabemos, porém, que essa não é a realidade da maior parte do país e que, em muitos casos, essas atividades são feitas a partir da boa-vontade dos/as profissionais que lá trabalham, sem recurso e sem apoio, contando apenas com o material disponibilizado pelo PNBE/PNLD Literário e outras políticas de fomento à leitura. E, a partir disso, podemos perceber que o impacto das políticas públicas de acesso à informação é maior do que a mera disponibilização de recursos. É necessária a criação de uma estrutura funcional, que valorize os trabalhadores da educação, incentive projetos de leitura, ofereça material de qualidade e oportunize que essa cadeia produtiva seja, de fato, funcional.

Pensando nisso, o presente estudo apresenta algumas propostas para a efetivação das políticas públicas de acesso à informação e democratização do conhecimento nas BE, em nível local:

1. Promoção e estímulo de ações voltadas para o reconhecimento, por parte da comunidade, da importância do ambiente da BE como espaço de socialização, construção da autonomia, incentivo à leitura e formação de leitores/as.
2. Investimento em ações que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem, sobretudo na Educação Básica, e o desenvolvimento de habilidades dos/as estudantes, em termos intelectual, cultural e social, dentro da BE.
3. Envolvimento de membros de todos os segmentos da comunidade escolar, nas ações desenvolvidas.
4. Criação/fortalecimento/manutenção dos Sistemas de Bibliotecas, trazendo força para as demandas relativas às necessidades da BE.
5. Criação de estratégias de incentivo para a interação de estudantes e demais membros da comunidade escolar com o espaço da BE, seu acervo e funcionários/as.
6. Criação e desenvolvimento de projetos que estimulem a leitura literária.

Do mesmo modo, é possível oferecer algumas sugestões de ações a serem realizadas em nível federal/estadual/municipal:

1. A criação de um comitê específico para o desenvolvimento de políticas de acesso à informação e democratização do conhecimento, com profissionais capacitados/as e cientes das diferentes realidades do Brasil.
2. O desenvolvimento linear de políticas públicas de efeito permanente, com recursos destinados, e que sobrevivam às mudanças de governo.
3. Efetivação da Lei 12.244/2010, com a criação de bibliotecas escolares estruturadas, que cumpram com o acervo mínimo disponível em lei e possuam profissional habilitado/a.
4. Efetivação dos objetivos apontados no PNLL, em especial os referentes às ações de fomento à leitura, aumento de títulos editados no país, acessibilidade, formação e capacitação de agentes socializadores/as do livro e da leitura.
5. Fomento a atividades que democratizem o livro e a literatura nas escolas.
6. Barateamento do custo de produção do livro e, conseqüentemente, o facilitar do acesso a ele.
7. Realização de cursos de capacitação profissional a todos os/as profissionais envolvidos com a disseminação do livro e da leitura.

Com essas sugestões, apontamentos e análises que compõem este estudo, espera-se cumprir com o objetivo geral da pesquisa, contribuindo com as áreas de Educação, Ciência da Informação e Biblioteconomia, ao ressaltar o papel e a relevância da efetivação das políticas públicas nas BE. Além de procurar evidenciar a necessidade da busca por caminhos que viabilizem a democratização e socialização do conhecimento no Brasil, o estudo empreendido traz o intuito de fomentar futuras investigações sobre o acesso ao patrimônio bibliográfico e cultural do país e de propor investimento efetivo e de modo especial, nas bibliotecas escolares, para que seja cumprido um dos direitos fundamentais do ser humano: o direito à literatura, ao acesso à informação, à educação e ao lazer.

Por fim, é preciso lembrar do contexto em que esse estudo foi realizado. A pandemia de Covid-19 levou muitos dos/as nossos/as e afetou nossa sociedade em todos os níveis possíveis. E por isso, me permito aqui trazer um tom mais pessoal. Por muitas vezes, imaginei não ser possível concluir esse trabalho. O caminho foi longo e árduo. Muitas foram as recusas na participação da pesquisa e ainda maiores foram os silêncios nos vários *e-mails* de solicitação de participação para esse estudo.

A rotina virtual foi uma barreira, principalmente quando pensamos que essa pesquisa se fundamenta nas vivências de estudantes de 6º ano. Alunos/as menores de idade, que não tiveram a oportunidade de me conhecer pessoalmente, e, indiretamente, não tiveram oportunidade de participar dessa história. Mesmo com essas dificuldades (e talvez por isso), minha trajetória com essa pesquisa tem um sabor agridoce. Foi exaustivo em muitos momentos, desesperador em mais alguns, mas foi gratificante. Encerrar essa etapa me enche de muito orgulho, pois se trata de algo feito com muita dedicação e ainda mais esperança.

Esperança em dias melhores. Esperança em um novo governo. Esperança de que a Educação seja valorizada como merece e que seja ofertada a todos/as, de forma pública e de qualidade. Esperança que a fome ou as desigualdades sociais não impeçam nossas crianças e adolescentes de ter acesso ao livro, à leitura, à literatura, à biblioteca escolar e à educação. Esperança que as memórias que trago aqui sejam inspiração para outros/as e sejam sementes no incentivo à leitura. E que as vozes de todos/as os/as participantes que aceitaram partilhar dessa jornada comigo sejam eternizadas aqui, através das memórias que permitiram ser compartilhadas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Tainá Batista de. **Perfil profissional do bibliotecário: atual e desejado**. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves. *Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade*. Brasília: Ipea, 2018.

AURORA NETA, Maria. **A leitura como experiência estética**. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, 2014.

BARREIROS, Vaniele. Experiências de leitura: Leituras e leitores antes da prensa. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**, Ouro Preto, maio-jun. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/experiencias-de-leitura-leituras-e-leitores-antes-da-prensa>. Acesso em: 8 jul. 2021.

BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. **Mitos e lendas**. In: GREGORIM FILHO, José Nicolau. *Literatura infantil em gêneros*. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.

BERNARDES, Jacira Gil. **Democratização do acesso à leitura e à informação: a construção coletiva de um equipamento cultural**. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2005.

BRAGANÇA, Aníbal. As políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil: O Instituto Nacional do Livro (1937-1967). **MATRIZES**, São Paulo, ano 2, n.2, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38232>. Acesso em: 1 maio 2021.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **CCJ aprova novo conceito de biblioteca escolar e amplia prazo para criação de acervo**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/570741-ccj-aprova-novo-conceito-de-biblioteca-escolar-e-amplia-prazo-para-criacao-de-acervo/>. Acesso em: 03 jul. 2021.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n.º 2139, de 2019**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que "Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país", para incentivar a presença de títulos de autores locais nas bibliotecas escolares. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2197170>. Acesso em: 02 jul. 2021.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n.º 4401, de 2020**. Dispõe sobre os requisitos mínimos para as bibliotecas escolares e amplia o prazo de universalização para 2022. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2261203>. Acesso em: 02 jul. 2021.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n.º 4403, de 2020**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País, para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e alterar o prazo para que os sistemas de ensino efetivem a universalização das bibliotecas escolares físicas ou virtuais. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2259035>. Acesso em: 02 jul. 2021.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n.º 9484, de 2018**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País, para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Brasília, 2018. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1639337. Acesso em: 12 mar. 2021.

BRASIL, Câmara dos Deputados. Projeto estende isenção tributária a livros e publicações em formato digital. **Agência Câmara de Notícias**, fev. 2013. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/395456-projeto-estende-isencao-tributaria-a-livros-e-publicacoes-em-formato-digital/>. Acesso em 10 jan. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 519, de 13 de maio de 1992**. Institui o Programa Nacional de Incentivo à Leitura PROLER e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 14 maio 1992. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0519.htm. Acesso em: 11 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 52.797, de 31 de outubro de 1963**. Aprova o Regimento do Serviço Nacional de Bibliotecas do Ministério da Educação e Cultura. Brasília, 1963. Disponível em: <https://dou.vlex.com.br/vid/regimento-nacional-bibliotecas-cultura-34148520>. Acesso em: 25 jan. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 7.559, de 1º de setembro de 2017**. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9099.htm. Acesso em: 16 maio 2021.

BRASIL. **Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017**. Dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL e dá outras providências. Brasília, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7559.htm. Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL. **Lei 9.674, de 25 de junho de 1998**. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. Brasília, 25 de junho de 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9674.htm. Acesso em: 01 maio 2021.

BRASIL. **Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003**. Institui a Política Nacional do Livro. Brasília, 30 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.753.htm. Acesso em 09 mar. 2021.

BRASIL. **Lei 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, 24 maio 2010. Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2010/lei-12244-24-maio-2010-606412-publicacaooriginal-127238-pl.html>. Acesso em 09 mar. 2021.

BRASIL. **Lei 13.696, de 12 de julho de 2018**. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Brasília, 12 julho 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm. Acesso em 09 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. Plano Plurianual (PPA), c2018. **Portal Gov.br**. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/planejamento-e-orcamento/plano-plurianual-ppa>. Acesso em: 03 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Apresentação**. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. c2017. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/legislacao/item/399-apresentacao>. Acesso em: 03 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Histórico**. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. c2017. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld/remanejamento/item/518-historico?highlight=WyJliwiYsIsIidhliwiZXNjb2xoYSIsImUgXHUwMGUwliwiZSBhIGVzY29saGEiLCJhIGVzY29saGEiXQ==>. Acesso em: 03 maio. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD**, c2018. Portal MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso em: 03 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNBE**, c2018. Portal MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12516-pnbe>. Acesso em: 03 maio. 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei do Senado n.º 94, de 2018**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, para estabelecer obrigação de construir biblioteca escolar em todas as novas escolas públicas de educação básica. Brasília, 2018. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleggetter/documento?dm=7643431&disposition=inline>. Acesso em: 12 mar. 2021.

BRETAS, Maria Luiza Batista. **Ler é preciso**: políticas de fomento à leitura, perspectivas e desafios. Goiânia: Cânone Editorial, Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Goiás, 2014.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 163-168, jan. 2006.

CAMARGO, Angélica Ricci. **Biblioteca Real**. Arquivo Nacional - Memória da Administração Pública Brasileira, Rio de Janeiro, nov. 2016. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/139-biblioteca-real>. Acesso em: 02 jul. 2021.

CAMILLO, Everton da Silva; CASTRO FILHO, Claudio Marcondes de. Evidenciando as intencionalidades do PNLL e PNL: Políticas públicas do livro e leitura do Brasil e Portugal. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 113-130,

dez./mar., 2019/2020. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1622/pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/9nQgbdkq5nXsNBLfv5MBHNm/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20competência%20informacional%20está%20intimamente,para%20tomar%20decisões%20bem%20embasadas>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.

CARTOGRAFIAS da leitura. Comitês do PROLER. **iLer/Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio**, Rio de Janeiro/RJ, 2016. Disponível em: <https://cartografias.catedra.puc-rio.br/wp/comites-do-proler/#1536947951471-2a26cd16-7541>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CARVALHO, Maria da Conceição. **Escola, biblioteca e leitura**. In: CAMPELLO, Bernadete; VIANNA, Márcia Milton; CARVALHO, Maria da Conceição; ANDRADE, Maria Eugênia Albino; CALDEIRA; Paulo da Terra; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

CENTRO DE ENSINO E PESQUISAS APLICADAS À EDUCAÇÃO BÁSICA. **Áreas de concentração e linhas de pesquisa**. Goiânia-GO: Cepae/UFG, [202-?]. Disponível em: <https://pos.cepae.ufg.br/p/6911-areas-de-concentracao-e-linhas-de-pesquisa>. Acesso em: 28 jun. 2021.

CENTRO DE ENSINO E PESQUISAS APLICADAS À EDUCAÇÃO BÁSICA. **Caracterização do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação CEPAE/PROGRAD/ UFG**. Goiânia-GO: Cepae/UFG, 2020. Disponível em: <https://www.cepae.ufg.br/p/34089-projetos-e-aco-es-de-extensao>. Acesso em: 30 jan. 2022.

CENTRO DE ENSINO E PESQUISAS APLICADAS À EDUCAÇÃO BÁSICA. **Projetos e ações de extensão**. Goiânia-GO: Cepae/UFG, 2017. Disponível em: https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/Caracteriza%C3%A7%C3%A3o_do_CEPAE_2017.pdf. Acesso em: 30 jun. 2021.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COELHO, Paulo. **Professora não, tia sim**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

CORDEIRO, Maisa Barbosa da Silva. Políticas Públicas de Fomento à Leitura no Brasil: uma análise (1930-2014). **Educação & Realidade** [online]. 2018, v. 43, n. 4, p. 1477-1497. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623675138>. Acesso em: 10 maio 2021.

COSTA, Jéssica Fernandes. **O papel da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem**. 2013. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **APRENDER - Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação** - Vitória da Conquista, Ano II, n. 2, p. 105-114, 2004. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjw2s7Q3NbxAhXBrJUCHfziDIUQFjAAegQIAhAD&url=https%3A%2F%2Fperiodicos2.uesb.br%2Findex.php%2Faprender%2Farticle%2Fview%2F3065&usq=AOvVaw3nVltXKkTl4uluzgrHCdfP>. Acesso em: 4 jul. 2021.

CUNHA, Leonora Alves da; RIBEIRO, Marizete Cordeiro Dantas. Biblioteca Setorial do Cepae: uma viagem pelo mundo mágico da leitura. **Revista Polyphonia**, vol. Especial, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rp.v0i0.12730> Acesso em: 06 jun. 2021.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DUARTE, Yaciara Mendes. **A história da educação básica no Brasil e as representações sociais sobre a biblioteca escolar: o passado que influencia no presente**. In: PIMENTA, Jussara Santos; HUBNER, Marcos Leandro Freitas; HENRIQUES, Hélder; SILVA, Márcio Ferreira da (orgs.). **Biblioteca escolar: memória, práticas e desafios**. Curitiba: CRV, 2018.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2019. 27. ed. rev. e atual.

ESTEVES, Mara. PNLE: um marco legal para o setor do livro, leitura, literatura e bibliotecas. **Bíblioo** - cultura informacional, maio, 2018. Disponível em: <https://biblioo.info/pnle-um-marco-legal/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

FARIAS, Mariana de Freitas; ALVES, Larissa Fernanda Freire. Os reflexos da implantação da Emenda Constitucional 95 às Despesas Públicas do Estado. **Jus.com.br**, [S.l.: s.n], 2017. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/75039/os-reflexos-da-implantacao-da-emenda-constitucional-95-as-despesas-publicas-do-estado>. Acesso em: 28 nov. 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORTESKI, Elaine; OLIVEIRA, Sueli Terezinha de; VALÉRIO, Raquel Weber. Prazer pela leitura: incentivo e papel do professor. **Ágora: R. Divulg. Cient.**, v. 18, n. 2, p. 120-127, dez. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/view/423>. Acesso em: 7 jun. 2021.

FREIRE, Gabriel Gonçalves; ROCHA, Zenaide de Fátima Dante Correia; GUERRINI, Daniel. Produtos educacionais do Mestrado Profissional em Ensino da UTFPR – Londrina: estudo preliminar das contribuições. **Polyphonia**, Goiânia, v. 28/2, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/52761>. Acesso em: 26 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

G1 ESPÍRITO SANTO. Ministro da Educação diz que cortes foram causados por queda na arrecadação. **G1**, Espírito Santo, jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2021/06/07/em-visita-ao-es-ministro-da-educacao-fala-sobre-cortes-no-orcamento-do-mec-para-unidades-de-ensino.ghhtml>. Acesso em: 27 nov. 2021.

GERMANO, Samira. **Mestrado profissional, como funciona?** São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduandos, 2019. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/26/02/2019/mestrado-profissional-como-funciona/>. Acesso em: 16 maio 2021.

GIANEZINI, Kelly; BARRETTO, Letícia Manique; GIANEZINI, Miguelangelo; LAUXEN, Sirlei de Lourdes; BARBOSA, Gabriel Dario; VIEIRA, Reginaldo de Souza. Políticas públicas: definições, processos e constructos no século XXI. **Revista de políticas públicas**, Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/8262>. Acesso em: 26 maio de 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Rio de Janeiro: Atlas, 2019.

GRAFTON, Anthony. O leitor humanista. In.: CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

GREGORIM FILHO, José Nicolau. **Desarrumem as gavetas!** Gêneros literários em sala de aula. In: GREGORIM FILHO, José Nicolau. Literatura infantil em gêneros. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua** - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/17270-pnad-continua.html?edicao=28203&t=resultados>. Acesso em: 22 dez. 2021.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **As políticas públicas do livro e a leitura no Brasil**. 01 out. 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/2020/10/01/as-politicas-publicas-do-livro-e-a-leitura-no-brasil/>. Acesso em: 4 jul. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION (IFLA). UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. 1999. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf>. Acesso em: 14 maio 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION (IFLA). UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION

(UNESCO). **Diretrizes da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. 2002. Disponível em: https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt_BR.pdf. Acesso em: 14 maio 2021.

KOCH, Leila. **Biblioteca Eldo Ivo Klain no contexto escolar**. In: PIMENTA, Jussara Santos; HUBNER, Marcos Leandro Freitas; HENRIQUES, Hélder; SILVA, Márcio Ferreira da (orgs.). *Biblioteca escolar: memória, práticas e desafios*. Curitiba: CRV, 2018.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LAMPERT, Adriana. Educação pública perdeu quase 40% do orçamento em seis anos. **Jornal Extra Classe**, Porto Alegre, novembro, 2021. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2021/11/educacao-publica-perdeu-quase-40-do-orcamento-em-seis-anos/>. Acesso em: 27 nov. 2021.

LEFÈVRE, Fernando e LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. O sujeito coletivo que fala. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [on-line]. 2006, v. 10, n. 20, p. 517-524. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200017>. Acesso em: 02 jul. 2021.

LÉFREVE, Fernando. **Discurso do sujeito coletivo: Nossos modos de pensar, nosso eu coletivo**. São Paulo: Andreoli, 2017.

LIMA, Clêidna Aparecida de; SOUZA, Sirley Aparecida de. **Educação básica de qualidade no CEPAE/UFMG: um dos lados da história**. In: MESQUITA, Deise Nanci de Castro (org.). *Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás - 50 anos de história*. Goiânia: / Editora Espaço Acadêmico 2018. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/80/o/Cepae_50_anos.pdf?1571746624. Acesso em: 05 fev. 2022.

LIMA, Clêidna Aparecida de. **Saberes sociais e literatura: capital cultural nas tramas de A Caverna de José Saramago**. 2016. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6510>. Acesso em: 04 fev. 2022.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. *O ensino e a biblioteca*. 1ª Conferência da Série Educação e Biblioteca. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MARQUES NETO, José Castilho. Livros e leitura em transição digital. **Revista Emília**, out. 2011. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/livros-e-leitura-em-transicao-digital/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MÁXIMO, Wellton. Desenvolvimento Regional e Educação têm maiores cortes no Orçamento. **Agência Brasil**, Brasília, abr. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-04/desenvolvimento-regional-e-educacao-tem-maiores-cortes-no-orcamento>. Acesso em: 27 nov. 2021.

MICHELLI, Regina. **Contos fantásticos e maravilhosos**. In: GREGORIM FILHO, José Nicolau. Literatura infantil em gêneros. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**: biblioteca, centro de cultura. 3. ed. São Caetano do Sul: Ateliê, 1997.

MOREIRA, Marco Antonio; NARDI, Roberto. O mestrado profissional na área de Ensino de Ciências e Matemática: alguns esclarecimentos. **R.B.E.C.T.**, v.2, n. 3, set./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/549>. Acesso em: 26 jun. 2021.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. **No espelho, o trickster**. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tânia M. K. Mediação da leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

NUNES, Lygia Bojunga. **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes**. Rio de Janeiro: Agir, 1988

OLIVEIRA, Emily Mendonça. **Práticas de leituras antirracistas na escola pública**. 2019. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação.

OLIVEIRA, Larissa Rosa de. **Parceria bibliotecário e professores na mediação de práticas leitoras**: estudo de caso de uma escola municipal em Aparecida de Goiânia – Goiás. 2019. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/18450/5/TCCG%20-%20Biblioteconomia%20-%20Larissa%20Rosa%20de%20Oliveira%20-%202019.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

OLIVEIRA, Sandy Naédia Lucas de; CHAVES, Maria Luana Teixeira; ALMEIDA PINTO, Francisca Valmira; ARAUJO, Jessika Candido. A escolanovista: uma superação do modelo tradicional. **VII Seminário Nacional e III Seminário Internacional – Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.7, n.7, p. 559-570, maio, 2019. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/viewFile/8183/7851>. Acesso em: 23 mai. 2021.

O QUE de fato mudou no PNLL com o fim do seu Conselho Consultivo. **Bíblioo** – cultura informacional 10 anos, jul. 2019. Disponível em: <https://biblioo.info/o-que-de-fato-mudou-no-pnll-com-o-fim-do-seu-conselho-consultivo/>. Acesso em 11 jan. 2022.

PAIVA, Marília de Abreu Martins. **Bibliotecas Públicas**: Políticas do Estado Brasileiro de 1990 a 2006. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2008.

PAIVA, Jane; BERENBLUM, Andréa. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) uma avaliação diagnóstica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 173-188, jan./abr. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pp/a/WSnjQJ7PWctJPmpXLcGtTLJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2021.

PILATTI, Luiz Alberto; COSTA, Jaqueline de Moraes; SCHIRLO, Ana Cristina; SILVA, Sani de Carvalho Rutz da; PINHEIRO, Nilcéia Aparecida Maciel; FRASSON, Antônio Carlos. Mestrado profissional em Ensino de Matemática: identificação de seus produtos educacionais. **RBPG**, Brasília, v. 12, n. 28, p. 335-356, agosto de 2015.

PIMENTA, Jussara Santos; HUBNER, Marcos Leandro Freitas; HENRIQUES, Hélder; SILVA, Márcio Ferreira da (orgs.). **Biblioteca escolar: memória, práticas e desafios**. Curitiba: CRV, 2018.

RIBEIRO, Renato Janine. O mestrado profissional na prática atual da Capes. **RBPG**, v.2, n.4, p.9-15, jul./ 2005. Disponível em:

<https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/72/69>. Acesso em: 20 jun. 2021.

RIBEIRO, Renato Janine. Ainda sobre o mestrado profissional. **RBPG**, v.3, n.6, p.313-315, dez./ 2006. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/113/107>.

Acesso em: 22 jun. 2021.

ROCHA, Luis Fernando. Teoria das Representações Sociais: a Ruptura de Paradigmas das Correntes Clássicas das Teorias Psicológicas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2014, 34 (1), p. 46-65. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/wrWbCH7fPm37DBzk6x4JmKK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 4 jul. 2021.

SILVA, Alcir Horácio. **CEPAE/UFG – 50 anos de história**. In: MESQUITA, Deise Nanci de Castro (org.). Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás - 50 anos de história. Goiânia: / Editora Espaço Acadêmico 2018. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/80/o/Cepae_50_anos.pdf?1571746624. Acesso em: 05 fev. 2022.

SILVA, Maurício Corrêa da; CHACON, Márcia Josienne Monteiro; PEDERNEIRAS, Marcleide Maria Macedo; LOPES, Jorge Expedito de Gusmão. Procedimentos metodológicos para a elaboração de projetos de pesquisa relacionados a dissertações de mestrado em Ciências Contábeis. **Revista Contabilidade & Finanças**, USP, São Paulo, n. 36, p. 97-104, setembro/dezembro 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rcf/a/GSB4WtMvtKPsb7GvFFYHVCS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.

STECCA, Kharen; LIMA, Silvania. Professor Emérito ao mestre Geraldo Faria. **Jornal UFG**, ano VII, nº 57, abr./2013. Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/45430-professor-emerito-ao-mestre-geraldo-faria>. Acesso em: 06 fev. 2022.

TAVARES, Mariana Rodrigues. Editando a nação e escrevendo sua história: O Instituto Nacional do Livro e as disputas editoriais entre 1937-1991. **Aedus**, nº15, v.6, jul./dez. 2014.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/45083>. Acesso em: 20 maio 2021.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. O papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade. **Revista AATR**, Salvador, 2002. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a_pdf/03_aatr_pp_papel.pdf. Acesso em: 5 abril. 2021.

TOKARNIA, Mariana. Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, jul. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos>. Acesso em: 20 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Gwaya Cepae Contadores de histórias. UFG, Goiânia: [2006?]. Disponível em: <https://gwaya.cepae.ufg.br>. Acesso em: 05 jan. 2022.

VALLIM, Larissa Silveira; FERNANDES, Thaís Gabrielly; CASTRO, Maria das Graças Monteiro. AÇÕES DO PROLER COMITÊ DE GOIÂNIA: criação de manuais para o processamento técnico de acervo de biblioteca escolar. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG, 14, 2017, **Anais eletrônicos...** Goiânia: UFG, 2017. Disponível em: <http://eventos.ufg.br/SIEC/portalproec/sites/site12721/site/arquivos/PROBEC.pdf>. Acesso em 17 jan. 2022.

VIANA, Lilian. **Bibliotecas escolares**: políticas públicas para a criação de possibilidades. 2014. 168f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-18122014-094444/publico/VIANALilian_corrigida.pdf. Acesso em: 30 jun. 2021.

VIANA, Lilian; PIERUCCINI, Ivete. Bibliotecas escolares: políticas públicas para a criação de possibilidades. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.8, n.2, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/119694>. Acesso em: 29 jun. 2021.

VIEIRA, Ilma Socorro Gonçalves. **Relações intertextuais na obra de Ana Maria Machado**: ficção e história, teoria e criação literária. 2013. 199f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3170>. Acesso em: 04 fev. 2022.

UMPIERRE, Andréa Borges; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da. Os Mestrados Profissionais em Ensino de Ciências e seus Produtos Educacionais: Aplicabilidade e divulgação desse material na área da formação de professores. **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R1946-1.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2021.

XXI Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (Brasil). **Conheçam as bibliotecas do SIBI/UFG**. Goiânia, 04 jun. 2021. Facebook: @snbu.2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/snbu.2020/posts/124706609773574>. Acesso em: 06 jun. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PAIS E RESPONSÁVEIS



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA A EDUCAÇÃO



1.1.1.1.1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE – 1.1.1.1.2 Pais/Responsáveis

Você, na qualidade de responsável pelo (a), está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **“DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Das políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar”**. Meu nome é **Larissa Rosa de Oliveira**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é em **Ensino na Educação Básica**. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu (ua) filho (a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail **larissa.nef@gmail.com**, através do seguinte contato telefônico: **(64) 98418-9405**, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu (ua) filho (a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62) 3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a importância da criação e da efetivação de políticas públicas voltadas à democratização do acesso à informação, por meio das bibliotecas escolares, para a promoção do conhecimento e a formação de leitores na Educação Básica, através da realização de um estudo de caso na biblioteca escolar do Cepae-UFG.

A participação de seu (ua) filho (a) é importante para a realização desse projeto da pesquisa **“DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Das políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar”**. Caso seu (ua) filho (a) sinta constrangido (a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

1.1.1.2 A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que rubrique no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

Cepae-UFG - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação da Universidade Federal de Goiás, Av. Esperança, s/n - Campus Universitário, Goiânia – GO. CEP: 74690-900. Telefone: (62) 3521-1026



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA A EDUCAÇÃO



() Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.
() Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, abaixo assinado, autorizo meu (minha), filho (a), a participar do projeto intitulado **“DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Das políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar”**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável **Larissa Rosa de Oliveira** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de



Caso necessário:
impressão digital

Assinatura por extenso do(a) responsável

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Cepae-UFG - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação da Universidade Federal de Goiás, Av.
Esperança, s/n - Campus Universitário, Goiânia – GO. CEP: 74690-900. Telefone: (62) 3521-1026



Você está sendo convidado (a) para participar como voluntário/a, da pesquisa intitulada **“DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Das políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar”**. Meu nome é **Larissa Rosa de Oliveira**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é em **Ensino na Educação Básica**. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail **larissa.nef@gmail.com**, através do seguinte contato telefônico: **(64) 98418-9405**, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

O objetivo dessa pesquisa é contribuir com estudos nas áreas da Educação e da Biblioteconomia, com ênfase na importância da criação e da efetivação de políticas públicas voltadas à democratização do acesso à informação, por meio das bibliotecas escolares, para a promoção do conhecimento e a formação de leitores na Educação Básica. Você será entrevistado sobre suas memórias referentes à biblioteca escolar e sobre as experiências de seus alunos nesse espaço e para isso deverá reservar um período de **uma** hora para realização da entrevista comigo

Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso, e a pleitear indenização em caso de danos, conforme previsto em Lei. Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Você poderá se sentir cansado durante a realização da entrevista, se sentir constrangido ou correr riscos emocionais, porém, comprometo-me a minimizar esses riscos o máximo possível.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para a gravação da entrevista, então solicito que faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a gravação durante a entrevista.
- () Não permito a gravação durante a entrevista.

Cepae-UFG - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação da Universidade Federal de Goiás, Av. Esperança, s/n - Campus Universitário, Goiânia – GO. CEP: 74690-900. Telefone: (62) 3521-1026



As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Solicito autorização para utilização dos dados em pesquisas futuras. Para validar sua decisão, faça uma rubrica entre os parênteses abaixo:

() Permito utilizar esses dados para pesquisas futuras.

() Não Permito utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “**DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Das políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar**”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Larissa Rosa de Oliveira** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA A EDUCAÇÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa “**Democratização do conhecimento: das políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar**”. Meu nome é **Larissa Rosa de Oliveira**, sou a pesquisadora responsável por essa pesquisa. Abaixo vou lhe dar alguns esclarecimentos sobre ela.

a) O objetivo é discutir sobre a importância da criação e da efetivação de políticas públicas voltadas à democratização do acesso à informação, através das bibliotecas escolares, para a promoção do conhecimento e a formação de leitores na Educação Básica.

b) Para realização dessa pesquisa precisamos que você participe das atividades que desenvolveremos na biblioteca escolar do Cepae-UFG (respondendo/preenchendo/brincando/experimentando, etc.).

c) Se você não estiver gostando de participar da atividade, se estiver achando chato, se ficar



cansado ou se ficar irritado, poderá desistir de participar da pesquisa em qualquer momento e, se isso acontecer, não haverá nenhum castigo ou reprimenda.



d) Se você quiser participar, vai ser muito legal, pois poderá ajudar a demonstrar a importância de se ter uma biblioteca dentro de cada escola.



e) Você não vai receber nenhum dinheiro para participar dessa pesquisa.

f) Se você quiser participar da pesquisa, mas tiver qualquer dúvida, poderá ligar para a



pesquisadora **Larissa Rosa de Oliveira** a cobrar

no telefone **(64) 98418-9405**



g) Se tiver dúvidas sobre seus direitos, você poderá ligar no **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

Cepae-UFG - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação da Universidade Federal de Goiás, Av. Esperança, s/n - Campus Universitário, Goiânia – GO. CEP: 74690-900. Telefone: (62) 3521-1026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA A EDUCAÇÃO

- h) Nessa pesquisa ninguém vai ouvir a sua voz  e ninguém vai saber o seu nome.
i) Se você achar que a pesquisa não foi legal, que alguém não respeitou o seu direito, poderá  pedir indenização e isso está garantido em lei.
j) As pessoas só verão fotos da atividade em que você apareça, se você autorizar.

1.2 Assentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,



Concordo ()



Não concordo ()

Eu entendi tudo o que vai acontecer na pesquisa, as coisas boas e ruins que podem acontecer, se eu participar.



Sim ()



Não ()

Eu entendi que posso desistir de participar da pesquisa em qualquer momento e que não vou sofrer qualquer castigo por isso.



Sim ()



Não ()

Eu autorizo usar fotos da atividade em que eu apareça na pesquisa e no produto educacional da pesquisadora.



Sim ()



Não ()

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA A EDUCAÇÃO



Declaro, portanto, que concordo
descrito. ()

com a minha participação no projeto de pesquisa acima

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

Cepae-UFG - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação da Universidade Federal de
Goiás, Av. Esperança, s/n - Campus Universitário, Goiânia – GO. CEP: 74690-900. Telefone:
(62) 3521-1026

APÊNDICE D - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ESTUDANTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
PESQUISADORA: LARISSA ROSA DE OLIVEIRA

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Roteiro de entrevista sobre memórias das(os) estudantes

Este roteiro foi elaborado com a finalidade de coletar dados para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica intitulada “Democratização do conhecimento: as políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB-Cepae/UFG) e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob parecer nº 4.137.956. A entrevista é parte do conjunto de atividades propostas aos participantes da pesquisa, alunos da Educação Básica do Cepae, e será referência para a elaboração da dissertação e do Produto Educacional relacionados à investigação proposta pela pesquisadora **Larissa Rosa de Oliveira**.

Data da entrevista: _____

Nome³⁶: _____

Ano/Série: _____

Você gosta das atividades realizadas na biblioteca?



Sim ()



Não ()

Qual tipo de atividade você gosta mais e por quê? (fantoche, contação de histórias, hora do conto, leitura dirigida ou outra atividade)

Você acha que vir à biblioteca te ajuda nas outras atividades realizadas na escola? Por quê?



Sim ()



Não ()

36 Esse dado não será informado na dissertação e nem no Produto Educacional, conforme Termo de Assentimento Livre e Esclarecido assinado anteriormente.

Você acha que vir à biblioteca e participar das ações realizadas nela te incentiva a ler mais? Por quê?



Sim ()



Não ()

Qual sua recordação mais divertida na biblioteca?

E qual momento você menos gostou? Qual das atividades que você vivenciou na biblioteca te interessou menos?

Você tem um livro favorito? Qual?

Obrigada!

APÊNDICE E - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: PROFESSORES/AS E
COORDENADOR/A

Roteiro de entrevista sobre memórias das(os) professoras(es) e coordenadoras(es)

Pesquisadora: Larissa Rosa de Oliveira

Este roteiro foi elaborado com a finalidade de coletar dados para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica intitulada “Democratização do conhecimento: as políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB-Cepae/UFG) e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob parecer nº 4.137.956. A entrevista é parte do conjunto de atividades propostas aos participantes da pesquisa, alunos da Educação Básica do Cepae, e será referência para a elaboração da dissertação e do Produto Educacional relacionados à investigação proposta pela pesquisadora **Larissa Rosa de Oliveira**.

Data da entrevista: _____

Dados institucionais:

Nome da Instituição: Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae/UFG)

Nome do(a) Professor(a) ou Coordenador(a): _____

Entrevista

Sobre as atividades desenvolvidas com o 6º ano:

Os(as) estudantes do 6º ano se mostravam confortáveis durante a realização das atividades na biblioteca?

Havia interação dos(as) estudantes com o material utilizado durante a realização da atividade?

Como os(as) estudantes se relacionavam com o ambiente da biblioteca? Pareciam confortáveis no espaço? Utilizavam as funcionalidades do local?

Como os(as) estudantes se relacionavam com a equipe da biblioteca?

Sobre sua relação com a BE:

Como é sua relação com a biblioteca escolar? Que memórias ela suscita em você?

Quando criança você teve oportunidade de frequentar bibliotecas ou acesso a livros? Algum momento te marcou profundamente?

Você tinha um livro favorito na infância? Qual?

APÊNDICE F - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: BIBLIOTECÁRIAS E
EQUIPE DA BIBLIOTECA

Roteiro de entrevista sobre memórias da equipe da biblioteca

Pesquisadora: Larissa Rosa de Oliveira

Este roteiro foi elaborado com a finalidade de coletar dados para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica intitulada “Democratização do conhecimento: as políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB-Cepae/UFG) e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob parecer nº 4.137.956. A entrevista é parte do conjunto de atividades propostas aos participantes da pesquisa, alunos da Educação Básica do Cepae, e será referência para a elaboração da dissertação e do Produto Educacional relacionados à investigação proposta pela pesquisadora **Larissa Rosa de Oliveira**.

Data da entrevista: _____

Dados institucionais:

Nome da Instituição: Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae/UFG)

Nome (a): _____

Cargo: _____

Sobre a biblioteca e o(a) bibliotecário(a):

A biblioteca funciona na hora de recreio? () Sim () Não

O acervo é aberto aos(às) alunos(as)? () Sim () Não

Quais os tipos de materiais do acervo mais procurados pelos(as) estudantes?

() Livros literários

() Livros didáticos

() Revistas em Quadrinhos (HQ)

() Jogos

() Audiolivros

() Outros – Especificar: _____

Sobre as atividades desenvolvidas com o 6º ano:

Os(as) estudantes do 6º ano se mostravam confortáveis durante a realização das atividades na biblioteca?

Havia interação dos(as) estudantes com o material utilizado durante a realização da atividade?

Como os(as) estudantes se relacionavam com o ambiente da biblioteca? Pareciam confortáveis no espaço? Utilizavam as funcionalidades do local?

Como os(as) estudantes se relacionavam com o acervo da biblioteca?

Após o desenvolvimento da atividade, os(as) estudantes realizavam empréstimo do material indicado? Demonstravam interesse em conhecer mais obras relacionadas?

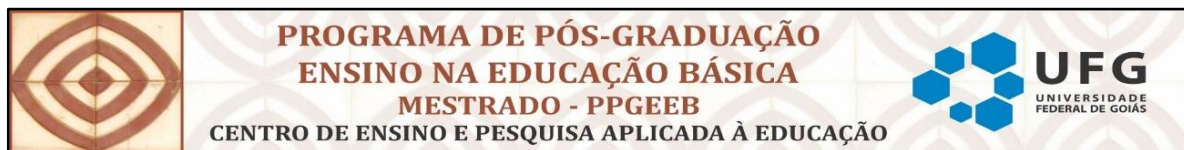
Sobre sua relação com a BE:

Como é sua relação com a biblioteca escolar? Que memórias ela suscita em você?

Quando criança você teve oportunidade de frequentar bibliotecas ou acesso a livros? Algum momento te marcou profundamente?

Você tinha algum livro favorito na infância? Qual?

APÊNDICE G - PRODUTO EDUCACIONAL



LARISSA ROSA DE OLIVEIRA

TIA, QUERO AQUELE LIVRO!:

Recordações e vivências sobre a biblioteca escolar

**GOIÂNIA
2022**

LARISSA ROSA DE OLIVEIRA

TIA, QUERO AQUELE LIVRO!:

Recordações e vivências sobre a biblioteca escolar

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção para o título de Mestre(a) em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes

Orientador (a): Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira

GOIÂNIA
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Larissa Rosa de

Tia, quero aquele livro! [manuscrito] : Recordações e vivências sobre a biblioteca escolar / Larissa Rosa de Oliveira. - 2022.
58 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira.

Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2022.

1. Ensino na Educação Básica. 2. Democratização do conhecimento. 3. Políticas públicas de acesso à informação. 4. Biblioteca escolar. 5. Livro de crônicas memoriais. I. Vieira, Ilma Socorro Gonçalves, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE EXAME DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos vinte e dois dias do mês de março do ano 2022, às 14:00 horas, via teleconferência, foi realizada a **Defesa de Dissertação** intitulada **AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO E DE INCENTIVO À LEITURA E SUA APLICAÇÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR** e do produto educacional **"TIA, QUERO AQUELE LIVRO!": Recordações e vivências sobre a biblioteca escolar**, pelo(a) discente **Larissa Rosa de Oliveira**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira (CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Clédina Aparecida de Lima (CEPAE/UFG) – membro interno,

Profa. Dra. Maria Aurora Neta (UEG) – membro externo,

Profa. Dra. Célia Sebastiana Silva (CEPAE/UFG) – membro suplente interno.

Profa. Dra. Keila Matida de Melo (UEG) – membro suplente externo

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ilma Socorro Gonçalves Vieira**, Professor do Magistério Superior, em 22/03/2022, às 16:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aurora Neta**, Usuário Externo, em 30/03/2022, às 21:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **CLÉDINA APARECIDA DE LIMA**, Usuário Externo, em 11/04/2022, às 15:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_documento.php?acao=documento_conferir&id_origem_acesso_externo=0, informando o código verificador **2776455** e o código CRC **89065976**.

Referência: Processo nº 23070.008474/2022-95

SEI nº 2776455

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE Nº 001/2019)

Desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e **paradidáticos**, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos);

Especificação: Livro paradidático.

DIVULGAÇÃO

() Filme

() Hipertexto

(X) Impresso

(X) Meio digital

() Meio Magnético

() Outros. Especificar: ____

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

Livro de crônicas memoriais que registra as vivências e percepções de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, seus/suas professores/as, coordenadores/as e bibliotecárias em relação à leitura e à biblioteca escolar do Cepae/UFG.

PÚBLICO-ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Estudantes do Ensino Fundamental; Bibliotecários/as; Professores/as da rede pública e privada do Ensino Fundamental. Comunidade em geral.

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta:

☒ **Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.

☐ **Médio impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.

☐ **Baixo impacto** – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional:

☒ Ensino

☐ Aprendizagem

☐ Econômico

☐ Saúde

☐ Social ☐ Ambiental ☐ Científico
O impacto do Produto Educacional é: ☒ Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo. ☐ Potencial - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.
O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores (inicial, continuada, cursos etc)? ☒ Sim ☐ Não
Em caso afirmativo, descreva essa situação: O produto educacional foi vivenciado com 60 estudantes, de dois 6º anos do Ensino Fundamental, da Escola da Rede Federal, unidade acadêmica da Universidade Federal de Goiás (UFG), intitulada Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), durante o ano letivo de 2020. A vivência teve duração de 3 meses.

REPLICABILIDADE ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido.

(☒) Sim (☐) Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

(☐) Local (☐) Regional (☒) Nacional (☐) Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

(☐) **Alta complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

(☒) **Média complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

(☐) **Baixa complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou

da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

() **Sem complexidade** - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

(X) **Alto teor inovativo** - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

() **Médio teor inovativo** - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

() **Baixo teor inovativo** - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

(X) Sim () Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

(X) Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEED

☐ Cooperação com outra instituição

☐ Outro. Especifique: _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual

☒ Sim ☐ Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

☒ Licença *Creative Commons*

☐ Domínio de Internet

☐ Patente

☐ Outro. Especifique: _____

Informe o código de registro: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/br/>

TRÂNSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

☒ Sim ☐ Não

Em caso afirmativo, descreva essa transferência:

O Produto Educacional será transferido para o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio da doação de 30 cópias, a serem disponibilizados aos estudantes na Biblioteca Local.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO EDITORIAL E GRÁFICO

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins, que Larissa Rosa de Oliveira, discente vinculada ao Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal de Goiás, matrícula 2019100263, contratou nossos serviços para a produção e impressão de 200 unidades do livro intitulado **"TIA, QUERO AQUELE LIVRO!: Recordações e vivências sobre a biblioteca escolar"**, processo SEI 23070.007902/2022-62. Declaramos, ainda, que o pagamento foi devidamente efetuado por meio de crédito na conta corrente vinculada ao projeto de Prestação de Serviços Editoriais e Gráficos do Cegraf, no dia 17 de fevereiro de 2022, e inexistem débitos relativos à essa publicação, devendo a autora/organizadora efetuar apenas os pagamentos relativos às taxas de emissão de ISBN e ficha catalográfica em momento oportuno futuro. Informamos que a previsão de entrega dos livros (produto final) produzidos pelo Cegraf é de até **90 dias**, a partir da data de recebimento dos textos originais.

Atenciosamente,



Diretora do Cegraf



Documento assinado eletronicamente por [REDACTED], **Diretora**, em 31/03/2022, às 14:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2800691** e o código CRC **1C2A5FEF**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA PROF. GERALDO FARIA CAMPOS - CEPAE



DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que a discente **Larissa Rosa de Oliveira**, vinculada ao **Mestrado Profissional em Educação Básica**, matrícula **2019100263**, se comprometeu em realizar a doação do produto educacional integrante de sua dissertação, sendo este 30 unidades do livro **“Tia, quero aquele livro!:: recordações e vivências sobre a biblioteca escolar”** para a Biblioteca do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação Prof. Geraldo Faria Campos (CEPAE-UFG).

Declaramos ainda que os exeplares ainda estão no prelo e serão entregues após a conclusão da impressão dos mesmos pela CEGRAF/UFG.

Goiânia, 12 de Abril de 2022

Atenciosamente,



Bibliotecário

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc) ou ministrado em forma de oficina, mini-curso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

(X) Sim () Não

Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:

OLIVEIRA, Larissa Rosa de. *Tia, quero aquele livro!:* recordações e vivências sobre a biblioteca escolar. 2022. Participação em mesa redonda no III Colóquio de Fundamentos Teórico-metodológicos do Ensino de Literatura do PPGEED-Cepae-UFG, 2022, Goiânia.

OLIVEIRA, Larissa Rosa de; VIEIRA, Ilma Socorro Gonçalves. As políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar. 2021. Apresentação de Trabalho/Comunicação no VIII Seminário de Dissertações do PPGEED-Cepae-UFG, 2021, Goiânia.

OLIVEIRA, Larissa Rosa de; VIEIRA, Ilma Socorro Gonçalves. Democratização do conhecimento: as políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar. 2020. Apresentação de Trabalho/Comunicação no VII Seminário de Dissertações do PPGEED-Cepae-UFG, 2020, Goiânia.

OLIVEIRA, Larissa Rosa de; VIEIRA, Ilma Socorro Gonçalves. Democratização do conhecimento: das políticas públicas de informação à sua aplicação prática na biblioteca escolar. 2019. Apresentação de Trabalho/Comunicação no VI Seminário de Dissertações do Mestrado em Ensino na Educação Básica PPGEED-Cepae-UFG, 2019, Goiânia.

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?
(X) Sim () Não
Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação:
OLIVEIRA, Larissa Rosa de. Tia, quero aquele livro: recordações e vivências sobre a biblioteca escolar. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2022.

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma **EduCAPES** com acesso disponível no link:

<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/699862>

Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto, na **Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG)** (<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/>).



OLIVEIRA, Larissa Rosa de Oliveira. **As políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar.** 2022. 58f. Produto Educacional relativo à Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Este Produto Educacional em forma de livro apresenta, através da elaboração de uma coletânea de registros memoriais, os resultados de uma investigação sobre a biblioteca escolar enquanto espaço de democratização do conhecimento, desenvolvida durante o Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica, do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), iniciada em 2019 e defendida em março de 2022, cujo produto final é a dissertação “As políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar”. Dessa forma, narro, através da construção de crônicas, as memórias oriundas da relação dos/as estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental (EF), no ano letivo de 2020, com o espaço da biblioteca escolar (BE), o acervo, os/as professores/as, bibliotecárias e demais servidores/as que atuaram no local ao longo de sua trajetória acadêmica até o ano de 2021. A pesquisa se estrutura através do levantamento documental da essencialidade das políticas públicas de acesso à informação para a inserção da BE como espaço de formação e de incentivo às práticas leitoras, a partir de documentos elaborados pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e aprovados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como o Manifesto IFLA/Unesco da Biblioteca Escolar, as Diretrizes IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar, além dos pressupostos e materiais ofertados pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), atual Programa Nacional do Livro e do Material Didático e Literário (PNLD Literário). As observações sobre bibliotecas escolares e as políticas públicas de informação como democratizadoras do conhecimento derivam do arcabouço teórico construído através de autores/as como Maroto (2012), Chartier (2002), Bretas (2014), Nóbrega (2009), Viana e Pieruccini (2015), Kuhlthau (2013), Halbwachs (2003), Cunha e Ribeiro (2010), entre outros/as.

Palavras-Chave: Ensino na Educação Básica. Democratização do conhecimento. Políticas públicas de acesso à informação. Biblioteca escolar. Livro de crônicas memoriais.

OLIVEIRA, Larissa Rosa de Oliveira. **Public policies for accessing information and encouraging reading and their application in the school library.** 2022. 58f. Educational Product related to Dissertation Thesis (Master's degree in Basic Education Teaching) – Postgraduate Program in Basic Education Teaching, Teaching and Research Applied in Education Center, Federal University of Goiás, Goiânia, GO.

ABSTRACT

This Educational Product in the form of a book presents, through the preparation of a collection of memorial records, the results of an investigation into the school library as a space for the democratization of knowledge, developed during the Professional Master's Degree in Ensino na Educação Básica, of the do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) of the Universidade Federal de Goiás (UFG), initiated in 2019 and defended in March 2022, whose final product is the dissertation “Public Access Policies information and encouragement of reading and its application in the school library”. In this way, I narrate, through the construction of chronicles, the memories arising from the relationship of students in the 6th year of Elementary School (EF), in the 2020 school year, with the school library space (BE), the collection, the teachers, librarians and other servants who worked at the site throughout their academic trajectory until the year 2021. The research is structured through a documental survey of the essentiality of public policies for access to information for the insertion of BE as a space for training and encouraging reading practices, based on documents prepared by the International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) and approved by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), such as the IFLA/Unesco School Library Manifesto, the IFLA/Unesco Guidelines for the School Library, in addition to the assumptions and materials offered by the Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), now intituled Programa Nacional do Livro e do Material Didático e Literário (PNLD Literário). Observations about school libraries and public information policies as democratizers of knowledge derive from the theoretical framework built by authors such as Maroto (2012), Chartier (2002), Bretas (2014), Nóbrega (2009), Viana and Pieruccini (2015), Kuhlthau (2013), Halbwachs (2003), Cunha and Ribeiro (2010), among others.

Keywords: Teaching in Basic Education. Democratization of knowledge. Public policies on access to information. School library. Book of memorial chronicles.

PREFÁCIO

O “tempo de escola” costuma ser para cada um de nós, que tivemos o direito de acesso à educação assegurado, um período que nos reserva profundas lembranças de situações vivenciadas ao lado de colegas e de profissionais que continuam a viver em nossa memória, mesmo depois de o cotidiano escolar já ter se tornado algo distante da nossa vida. As brincadeiras da hora do recreio, o lanche servido pela escola ou levado de casa, o portão de entrada dos estudantes, as cores das paredes, o cheiro da cera utilizada para lustrar o piso das salas e dos corredores, a primeira professora, os livros novos a tornar ainda mais perfumada a esperança juvenil, a grande árvore com sua sombra no pátio, a hortinha cultivada nas aulas de Ciências, os degraus de acesso à parte mais elevada do prédio, os painéis de recados e exposição de trabalhos feitos em grupos, as rodinhas de conversa...

Tudo isso e tantos outros detalhes compõem a nossa memória dos tempos de escola. Mas nenhuma experiência se compara a dos que tiveram a boa “sorte” de contar também com uma biblioteca escolar e poder explorar aquele universo de conhecimentos e de encontros surpreendentes com escritores e suas diversas personagens, com a poesia que, em prosa ou em verso, abraça, aquece e atíça nossa alma. O que definimos hoje como “sorte” é, no entanto, um direito que deve ser garantido em nosso país, por meio de políticas públicas comprometidas com a emancipação intelectual e humana e que, portanto, não deixem faltar, em nenhuma de nossas escolas, as condições necessárias para a democratização do acesso à informação e a formação leitora, especialmente, das crianças e dos jovens.

Muitos ainda são os desafios para que essas condições estejam no ápice das prioridades em nosso país. Barreiras históricas precisam ser rompidas, de modo que uma nova mentalidade aflore entre as lideranças públicas, responsáveis por instituir e coordenar as políticas necessárias, e sobretudo, em meio à sociedade em geral, uma vez que, assim, poderemos vislumbrar um empenho coletivo no sentido de que essas políticas se estabeleçam como políticas de Estado, livres da vulnerabilidade que resulta na descontinuidade de programas e projetos tão importantes para o país.

Um envolvimento efetivo com essa causa levou a pesquisadora Larissa Rosa de Oliveira a realizar um relevante estudo sobre “As políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar”, em seu curso de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás. A partir desse estudo, foi elaborado este Produto Educacional, que reúne crônicas produzidas por estudantes e professores do 6º ano

do Ensino Fundamental dessa mesma instituição. São textos repletos de sensibilidade, nos quais as autoras e os autores revisitam seus tempos de escola, para compartilhar com outros leitores as suas memórias de leituras literárias. Certamente, as crônicas aqui reunidas despertarão outras memórias e, talvez, até possam convidar você, leitor, a escrever sobre as suas.

Ilma Socorro Gonçalves Vieira

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	147
OS LEITORES LÁ DE CASA.....	149
DE ELEANOR H. PORTER AO BALZAC.....	152
LEITURA EM MINHA VIDA.....	154
ME CONTA OUTRA HISTÓRIA?.....	155
A PESSOA MAIS SORTUDA DO MUNDO!.....	157
... E A LEITURA LITERÁRIA PASSOU A SER PARTE DE MIM.....	158
ONE PIECE.....	161
DE LEITOR OBRIGADO A LEITOR APAIXONADO.....	163
RECORDAÇÕES TÃO BOAS!.....	164
DAS RECORDAÇÕES QUE NOS MARCAM.....	165
MINHA HISTÓRIA COM A EDUCAÇÃO E A LEITURA.....	166
UMA LEITORA VORAZ.....	169
A LEITURA SALVA (E A BIBLIOTECONOMIA TAMBÉM!).....	170
LEITURA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	172
PODIA TER MAIS HQ, NÉ?.....	173
UM APAIXONADO POR NÚMEROS (E POR PALAVRAS).....	174
OLHAR DE MENINA.....	175
DOCES RECORDAÇÕES.....	178
UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS.....	179
A CURIOSIDADE É O QUE ME MOVE.....	182
ALGUNS FINAIS.....	183

APRESENTAÇÃO

Sempre quis ser escritora. A possibilidade de ter minhas ideias publicadas em um livro, ter minhas palavras lidas (e ouvidas) sempre me encantou. Tenho cadernos e mais cadernos de poemas escritos ao longo dos anos, alguns nunca lidos por outra pessoa que não eu. Escrever um livro fazia parte dos meus sonhos de menina, junto com a vontade de estudar Direito, ser desembargadora e mudar o mundo através da justiça. Surpreendentemente, a vida me ofereceu outros caminhos. Sim, eu estudei Direito, mas não vou mudar o mundo através da justiça (se é que ela existe nesses dias difíceis) e nem ser desembargadora.

Numa das reviravoltas da vida, já no fim do bacharelado em Direito, percebi que aquele não era meu caminho. Eu queria algo diferente, e na tentativa de não “perder” a graduação que havia feito, pensei: “E se eu for professora? Posso me capacitar para isso e dar aulas no Ensino Superior...”. Sendo filha de professora, a rotina de provas a corrigir, diários a lançar e estudos frequentes em casa nunca me incomodou, mas a ideia ainda não me acalentava. Eu não queria exercer o Direito e não conseguia me imaginar numa sala de aula falando sobre algo que não me brilhava os olhos para o resto da vida.

O tempo passou e esse incômodo continuava. Trabalhava e para a realidade de cidade pequena, de onde vim, ganhava relativamente bem em comparação às conhecidas de minha faixa etária. Podia ter alguns luxos e me dividia entre livros e sapatos, mas não tinha vontade de continuar ali. Eu queria mais, mas sendo sincera, não fazia ideia do que era.

Um dia, vi na internet (essa benção e maldição) a possibilidade de entrar na Universidade Federal de Goiás como portadora de diploma (finalmente ele serviu para algo). Amante dos livros e apaixonada pelas “bibliotecárias” que conhecia, resolvi que era isso. Mesmo contrariando minha família e amigos, eu tinha me decidido. Ia cursar Biblioteconomia, me mudar pra Goiânia e que Deus me ajudasse porque eu nem inscrição para o processo seletivo tinha feito, mas já tinha planejado até a colação de grau!

Apesar do tempo afastada dos estudos, passei! Que alegria e que desespero. Pedi demissão do meu trabalho e me preparei para minha vida nova. Só que a realidade chegou... não tinha emprego, não tinha onde morar e por ser de uma cidade pequena sem transporte coletivo, nunca tinha pegado um ônibus na vida. Mas, contrariando as expectativas de muitos (as minhas próprias, inclusive), eu sobrevivi. E me formei e me redescobri. Na Biblioteconomia encontrei uma parte de mim que nem sabia que existia. Meu amor pelas bibliotecas sempre foi presente, mas me encantei pela dinâmica da Biblioteca Escolar. E resolvi que aquela opção antiga, de dar aulas, talvez se tornasse uma possibilidade, com algumas pequenas alterações.

E indiretamente, o sonho de mudar o mundo também voltou a fazer parte de mim. Não mais através da prática do Direito, mas através da Educação e da Biblioteconomia, que se entrelaçaram tão fortemente em mim ao longo dos anos, que não sei mais ver minha vida sem elas ou vê-las separadas enquanto áreas de estudo.

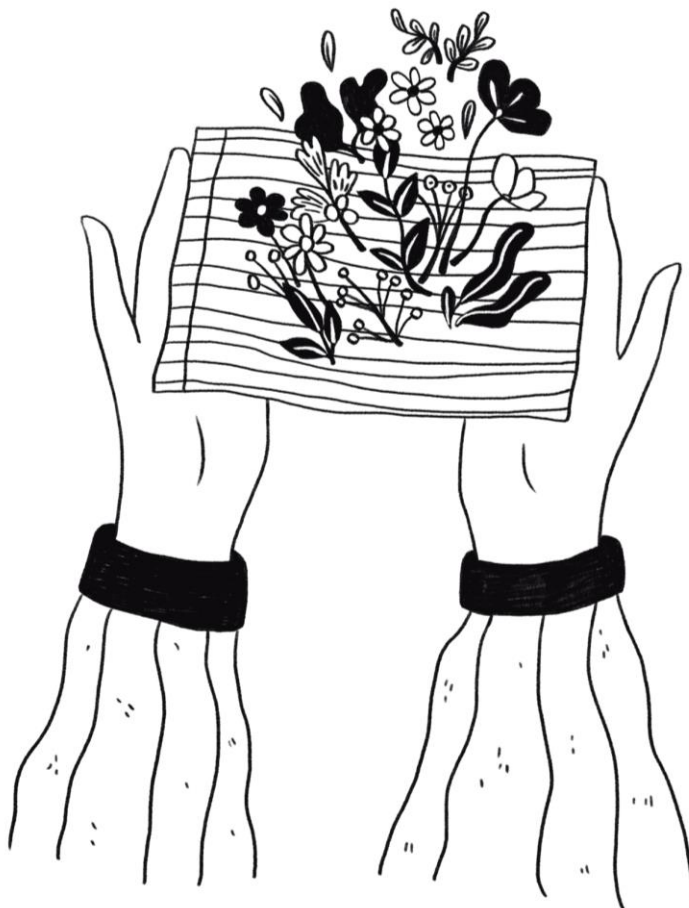
No fim da graduação em Biblioteconomia, no último ano, aquele em que todos se desesperam pelo Trabalho Final de Curso, cometi mais uma “loucura”. Tentei outro processo seletivo, dessa vez para o Programa de Mestrado em Ensino da Educação Básica, também da federal de Goiás. E por algum motivo, eu consegui. Passei novamente, embora não tivesse esperanças quando fiz a seleção. E mais uma vez, aquela vozinha que nos incomoda mentalmente sussurrou em meus ouvidos que eu não conseguiria. Era plenamente impossível conciliar o fim da graduação, o primeiro ano do mestrado e os dois estágios que fazia, um curricular e um remunerado.

Era insanidade. A carga seria absurda. O cansaço não seria suportável. Mas outra vozinha, a mesma que me disse em 2016 que eu conseguiria superar os 4 anos de graduação, me disse que eu podia. Ia ser pesado sim, mas eu conseguiria. Tenho a sorte de ter uma família que me apoia, um marido (namorado, na época) que sempre incentivou meus estudos... eu até poderia não conseguir, mas não ia desistir sem tentar.

E hoje, relembando tudo isso com lágrimas nos olhos, afirmo com convicção: Eu consegui! E é com prazer que apresento a vocês meu primeiro livro, com 20 crônicas sobre as vivências de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, professores/as, bibliotecárias e da pedagoga responsável pela Biblioteca Setorial do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação Básica. Livro este que foi, antes mesmo de sua publicação, um dos premiados no Edital 003/2020 de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PGEEB/CEPAE/UFG, recebendo auxílio financeiro para a impressão e para a publicação dessas crônicas.

Cada uma dessas histórias surgiu a partir de conversas interessantíssimas com esse grupo de pessoas. Através de entrevistas individuais, pedi que me contassem suas memórias em relação à Biblioteca Escolar, ao livro e a leitura em suas vidas. Juntas, essas crônicas compõem o presente livro, que busca apresentar a relevância da Biblioteca Escolar enquanto espaço de democratização do conhecimento, de fomento e incentivo à leitura, e por que não, da construção de memórias e recordações nesse ambiente.

OS LEITORES LÁ DE CASA



Todo mundo tem uma família com gente engraçada. A minha não foge disso. Tenho todos os tipos de parentes, em variados graus de loucura, mas particularmente, acho que é isso que faz deles pessoas tão apaixonantes. Quando penso neles, penso no quanto eles fizeram de mim a pessoa que sou e moldam o amor que sinto pela leitura. É um vício. Leio compulsivamente, compro livros como uma louca, não aguento ver promoções em livrarias e não levar pelo menos um livrinho pra casa.

E isso com certeza vem das coisas que conheci em casa. Minha mãe sempre me incentivou a ler, e muito. Não tenho nenhuma recordação de infância em que eu não estivesse cercada de livros e brinquedos, ou pensando em livros, principalmente no Sítio do Pica-pau Amarelo, sabe como é... Minha paixão pela turma do Sítio era tão grande, que eu nem tinha tamanho de gente e já era apaixonada pelo Visconde de Sabugosa. Achava ele incrível, inteligente e meu coração se partia a cada vez que ele ia pruma das loucuras inventadas pelo Pedrinho.

Lembro de mim pequeninha, com um livro emprestado pela médica da minha mãe, mal entendendo o que acontecia, mas viajando nas aventuras da Emília. E talvez, por ler desde pequena, e por ter achado o livro certo, eu nunca mais parei. Acho que ajudou o fato da minha mãe sempre estar lendo também...

Uma das histórias favoritas que minha mãe me contou foi algo que descobri a pouco tempo. Perguntei como foi que ela começou a gostar de ler e como começou a se relacionar com a leitura, e ela me disse que quando tinha sete anos, estava na porta da escola, e achou um pedacinho de papel escrito. Quando ela percebeu que sabia o que estava no papel, ficou toda emocionada, porque finalmente percebeu que sabia ler. Ela me disse que até então, achava que só decorava as lições e que não sabia ler de verdade.

Fiquei pensando nisso um tempão. Minha mãe não sabia que conseguia ler e isso marcou a vida e a história dela. Eu não sei quando percebi que sabia ler, mas sei que meu amor pela leitura começou lá atrás, na minha paixão platônica pelo Visconde. Somos muito diferentes, eu e mamãe. A começar pela aparência. Sou a única de cabelo claro na família. Todas as outras são lindas morenas e eu tenho até um pedaço de cabelo rosa pra diferenciar ainda mais. Não bastasse isso, nossas leituras são completamente diferentes. Ela adora livros de romance, autoajuda e jura que gosta de livros de suspense, mas particularmente, eu nunca a vi lendo nenhum. Eu gosto de quase todos os tipos de livros, menos os de autoajuda e terror.

Minhas irmãs são ainda piores. Somos muito diferentes também. A do meio é superinteligente, toda culta. Morro de orgulho dela, ela tem 23 e já está terminando o mestrado. Acho que é por estudar tanto que ela só gosta de romance ou comédia e não pode ser nenhum tipo de romance com contexto histórico. Às vezes ela lê algo de ficção, mas sempre diz que gosta de leituras leves, pra adoçar a vida. Gosto disso nela, porque ela é sempre tão séria e sistemática, que é gostoso ver como ela lê coisas que fazem a gente se sentir feliz. Meu ego infla a cada vez que ela diz que gosta de ler porque me via lendo sempre e acabava querendo fazer isso também (claro que muito foi influência da nossa mãe e da nossa avó que compravam os livros, mas gosto de pensar que foi só por minha causa).

A caçulinha só gosta de gibis, gosta do fato deles terem muitas cores e baldezinhos... é daquelas crianças lindas e custosas que prefere o filme ao livro, e só lê pra passar na escola. Vive me dizendo que não precisa ler, já que eles vão virar filmes mesmo. Eu particularmente acho que ela ainda não encontrou o livro certo. Enquanto isso, seguimos procurando. Tenho certeza de que um dia a gente acha, e até lá, vou testando todos os livros infantis e juvenis que consigo.

Mas, já falei do meu pai? Meu pai é um cara incrível, porém não é muito de ler, não. Ele trabalha com informática, então vive lendo esses manuais difíceis e em inglês, e nem lê por lazer como a gente. Ele mora em uma casa com quatro mulheres, e cada uma tem uma personalidade distinta e difícil, então acho que ao invés de ler livros, ele tenta ler a gente e sobreviver no meio do caos que é ser o único homem da casa.

Não bastasse toda essa bagunça familiar e literária, ainda tem os meus avós. Moramos no fundo da casa deles, sabe? Meu avô é mecânico, e ele gosta de ler ainda menos que meu pai. No máximo um jornal de vez em quando, ou a lista de telefones de clientes dele (e acho que é muito, se formos analisar o quanto ele tem uma rotina cansativa e o quanto ele ainda trabalha). Já vovó se formou professora, era o tal de Magistério da época, e ela praticamente me alfabetizou. Eu ia na escola, aprendia algo lá, chegava em casa e ela me fazia repetir e repetir até aprender direitinho. Ela ultimamente anda lendo pouco, mas sempre comprou muitos livros pra gente. Todas aquelas coleções infantis que apareciam, de contos de fadas a Bíblia infantil, passando por adaptações de clássicos e contos de outros países.

Sempre tivemos muitos livros e sempre fomos muito incentivadas a ler. Não me lembro de nenhuma vez enquanto criança em que eu pedi um livro ou coleção e não ganhei, ou algum livro que eu queria ler e não permitiram. Muito do que sou hoje, principalmente meu amor pelos livros, vem pela família incrível que tenho, que sempre me ensinou que minha maior arma era o conhecimento e sempre incentivou isso.

Tenho uma estante enorme de livros, e mesmo que meu pai reclame da bagunça, sei que, no fundo, ele e minha mãe se orgulham de mim e das minhas escolhas. Sempre que aparece uma visita nova, que não conhece a casa, eles levam no meu quatinho bagunçado e mostram a estante, dizendo que eu já li todos e que se pudesse teria uma biblioteca só pra mim.

Eles se orgulham de mim do mesmo modo que eu me orgulho deles, e acho que finalmente entendem o fato de que se não posso ter minha própria biblioteca, posso mudar o mundo de alguém cuidando de uma.

DE ELEANOR H. PORTER AO BALZAC

Não sei em que momento me descobri leitora. Talvez isso já tenha nascido em mim, ou aprendi vendo meus pais e suas relações com os livros. Mas, sinceramente, não me importo. O que me importa são os suspiros quando me encanto com alguma paisagem ou cena retratada, os sorrisos e lágrimas que me inundam quando a história me emociona.

Sou assim desde criança, sabe? Eu era pequenina, mas tenho lembranças vívidas de meu pai lendo aqueles livros grandes e bonitos. Toda semana, pelo menos, ele juntava a família toda: mamãe, eu e minhas irmãs e contava histórias que me deixavam de olhinhos brilhando e com vontade de conhecer tudo o que ele me descrevia, partir pra aventuras com o protagonista...

Tive sorte, entende? Cresci numa família que incentivava a leitura. Apesar de estudar em escola pública durante todo meu ensino fundamental e nem imaginar que poderia existir uma biblioteca nesse ambiente, eu tinha muitos livros. Podia me deitar na cama e viajar por horas lendo um dos livros que papai comprava pra gente. Pra mim, não existe livro ruim ou chato! Toda história pode marcar a gente, em qualquer momento, basta dar uma chance!

Eu falei que quando criança não conhecia uma biblioteca, né? Isso mudou quando entrei no Ensino Médio. Lá no meio da Praça Cívica tinha uma biblioteca, e ela foi só a primeira. Nessa época, conheci também as bibliotecas universitárias: da Faculdade Anhanguera e da PUC (que na época ainda nem era PUC, era Católica de Goiás), e me apaixonei pelo ambiente da biblioteca do SESI.

Minha escola não tinha biblioteca, a Internet não existia ainda, mas meus professores passavam vários trabalhos. Para conseguir fazer todos (e também pelo prazer de ficar lá dentro, olhando as estantes), eu ficava horas e horas numa das bibliotecas. Na época, eu não podia levar os livros para casa, então só podia acessar aquele material estando lá. Nesse período, me apaixonei pela história de Pollyanna, que li na escola. O livro conta a história de Pollyanna, uma menina de 11 anos de idade que fica órfã e, por causa disso, passa a morar com sua tia Polly, uma senhora ranzinza, que aos poucos se apaixona pela menina e pelo seu jeito doce de ver a vida. Mesmo quando está triste, Pollyanna joga o “Jogo do contente”, em busca de um aspecto positivo na situação. São dois livros: “Pollyanna menina” e “Pollyanna moça”, de Eleanor H. Porter, e a história me marcou muito.

Eu também amava os contos de Machado de Assis, e me encantei com duas obras de José de Alencar: “Senhora” e o “Guarani”. Já na faculdade, escolhi o curso de Letras. Era incrível estar na universidade. Eu podia levar os livros pra casa! Me tornei frequentadora

assídua, ia na Biblioteca Central e na Sala de Leitura da Faculdade de Letras praticamente toda semana.

Eu me sentia em paz na biblioteca. Era um lugar silencioso, calmo, limpo... tudo era tranquilo, organizado. O ambiente exalava inteligência e cultura, e quando eu estava lá, me sentia mais inteligente também. Eu pegava vários livros e era tão presente, que a bibliotecária me permitia levar alguns dos materiais que não podiam circular. Eram exemplares únicos, e por isso, não deviam sair da biblioteca. Mas a bibliotecária sabia do meu cuidado, do meu zelo e do meu apego, por isso, nas sextas-feiras, deixava que eu levasse alguns desses livros, desde que eu os devolvesse na segunda. Eu me sentia incrível por isso.

Me lembro claramente de uma leitura dessa época que me impactou muito: “Angústia”, de Graciliano Ramos, um romance narrado por Luís da Silva, um funcionário público e escritor frustrado, de família tradicional, que insatisfeito com sua vida, começa a relembrar o passado e remoer suas memórias, entrando em estado de paranoia. Também me apaixonei pelos contos de Guy de Maussapant e pela história de Le Père Goriot, de Honoré de Balzac. Tantos livros me marcaram ao longo da vida...

Hoje, professora e mestre, posso pegar mais de três livros na biblioteca e isso é um sonho de menina realizado. Por isso, me esforço para que meus alunos também conheçam o espaço, saibam pesquisar, sejam capazes de se informar e localizar os livros na estante. E torço, para que assim como eu, compreendam o prazer de uma boa leitura.

LEITURA EM MINHA VIDA

A leitura é um assunto interessante pra mim. Gosto de ler, de verdade. E gosto das bibliotecas, do silêncio, de olhar os livros e imaginar que histórias se escondem atrás daquelas páginas, do cheiro das estantes cheias de livros. Mas, mesmo assim, não sou um frequentador assíduo. Prefiro ler no conforto de minha casa, ou nos momentos de espera em consultórios médicos, aeroportos...

Acho que isso acontece, principalmente, por não ter frequentado bibliotecas nos tempos de escola. Estudei em colégios particulares, onde, apesar de ter uma ótima formação educacional, não havia um ambiente voltado para a leitura.

Os livros eram escolhidos pelos professores, geralmente de Língua Portuguesa, e eram lidos como parte do processo educativo. Mas eu também conhecia algumas histórias clássicas, como os contos de fada e essas me interessavam muito. Gostava de imaginar as aventuras e ficava encantado olhando as ilustrações nos livros.

Vejo os alunos do Cepae (*Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação*) hoje, com tanto acesso, com tanto material diversificado, sempre com ações de leitura sendo desenvolvidas e acho excelente. Eles adoram a biblioteca, se sentem em casa, estão acostumados com isso desde que entram na instituição. Apesar de não ter muitas recordações sobre meus tempos de menino na escola, me pergunto, às vezes, como seria se eu tivesse acesso à uma biblioteca como eles tem hoje. Eu seria um leitor ainda mais frequente? Me manteria fiel às bibliotecas?

São questionamentos que não sei responder. Enquanto isso, sigo lendo do meu modo e apreciando a leitura quando posso.

ME CONTA OUTRA HISTÓRIA?



Adoro ir pra biblioteca! Eu e meus amigos sempre passamos lá na hora do recreio, pra pegar livros ou só passear mesmo e falar “oi” pra bibliotecária e pro resto do pessoal. Me divirto muito com as atividades que eles fazem, principalmente com a contação de histórias. Quando acabava, a gente se juntava pra conversar sobre o que a E. tinha lido pra gente. E aí a gente ria, brincava e mergulhava naquele mundo!

Depois, dava briga pra pegar o livro emprestado. Todo mundo queria ao mesmo tempo, a bibliotecária ficava tentando acalmar a gente, dizendo pra alguns pegarem naquele dia, depois mais alguns na outra semana, e assim indo, mas todo mundo queria naquela hora. Aí, ela apresentava outros livros meio parecidos e a gente ia se distraíndo, e quando via, queria levar um monte de livro pra casa!

Eu também gosto de ir lá quando tem tarefa pra fazer. Olhar os livros ajuda a responder as questões e me faz ler mais. E quando tem contação de histórias, eu fico feliz, principalmente quando é livro de comédia ou com uma história engraçada. Me dá mais vontade ainda de ler, e olha que eu leio muito, sempre pego uns três livros por semana, às vezes até pego cinco!

Mas eu não gosto de todos os livros não, viu? Odeio livros com partes nojentas e fico entediada de vez em quando, porque nem sempre é história engraçada, às vezes é um livro bem sério ou triste. Aí eu não gosto não! Só que os que eu gosto, eu gosto muito!

Não tenho muitos livros em casa, então quase tudo que eu leio eu pego na biblioteca da escola. Nem consigo escolher um favorito, mas nesse ano eu gostei demais de um da Marina Colasanti, que chama “Doze reis e a moça no labirinto do vento”. Outro que eu gostei foi “Poemas concebidos sem pecado e face imóvel”, do Manoel de Barros, que a gente leu pra aula de Português. Teve um da Clarice Lispector também, com crônicas, que eu achei bem legal. Chama “Crônicas pra jovens: De amor e amizade”. E eu peguei outro pra ler esses dias, “Comédias pra se ler na escola”, do Luis Fernando Veríssimo.

Gosto demais de ler, fico viajando nas histórias e sempre me imagino como parte dela, um personagem, sabe? Fico me perguntando o que eu faria se estivesse vivendo aquilo que tá acontecendo no livro, como eu reagiria, se eu ia gostar... Gosto mais de livros infantis e juvenis, eles me chamam mais a atenção na biblioteca.

A PESSOA MAIS SORTUDA DO MUNDO

Sou uma pessoa de sorte. Eu sei, parece ego dizer isso, mas é real. Num país em que a leitura e a formação de leitores são cada dia mais desvalorizadas e em que bibliotecas sofrem com a desvalorização e a falta de recursos, tive a sorte de me encontrar na Educação.

Atualmente professora, relembro com carinho meus momentos de estudante. Tive possibilidade de frequentar a biblioteca em todas as escolas que estudei e amava o ambiente de todas elas, especialmente a biblioteca escolar. Tanto que, agora, em minha atuação profissional, me orgulho em trabalhar com crianças e saber que existe a disposição delas uma biblioteca escolar.

Que elas podem ter acesso, assim como eu tive. Que podem andar entre as estantes, manusear os livros, se sentarem no chão ou nos pufes e lerem as histórias que lhe interessarem. Vendo-as lá, interagindo, rindo e mergulhando na leitura, me lembro das minhas próprias experiências. De todo o aprendizado, que me acompanha até hoje, já como professora.

A leitura me encanta tanto, que é difícil escolher um favorito. Na infância, me encontrei nos contos de fada, nas histórias de príncipes, princesas, fadas, dragões e bruxas... Mamãe sempre me contava histórias, mesmo quando eu não sabia ler, então foi natural para mim começar a manusear os livros e procurar mais histórias novas quando fui alfabetizada.

Já na escola, li vários livros infantis. O que mais me marcou foi “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga Nunes. A história era sobre uma menina chamada Raquel, única criança da família, o que a deixava muito solitária. Por causa disso, Raquel faz amigos imaginários e começa a escrever pra eles, até que ganha uma bolsa amarela e guarda nela todas as suas vontades e histórias.

Nas atividades da escola, sempre que liamos um livro, precisávamos contar a história uns pros outros. Eu sempre era a primeira a me voluntariar, sempre empolgada pra compartilhar com os colegas o que eu havia compreendido do livro. E, até hoje, tenho nos olhos o mesmo brilho quando encontro uma história que muda minha vida.

... E A LEITURA LITERÁRIA PASSOU A SER PARTE DE MIM



Quando criança, eu não tive muita oportunidade de conviver com os livros. Vim de uma escola pública, que não tinha biblioteca e nem bibliotecário. Além disso, meus professores não tinham muita formação como leitores, então incentivar isso era algo muito fora da realidade que vivíamos. Quando fui para a quinta série, passei a estudar numa escola conveniada, e foi onde comecei a ver outros tipos de leitura. Nos livros didáticos tinham pequenos trechos de outras obras e eu adorava ler aqueles fragmentos. Minha família até tentava nos presentear com livros clássicos, mas era algo raro.

Nessa época, comecei a pegar livros emprestados com o amigo do meu irmão mais velho. Ele tinha muitos e me emprestava sempre. Minha primeira recordação desses livros da infância tem a ver com a coleção de livros d'O Sítio do Pica-pau Amarelo, de Monteiro Lobato. Sempre que é tempo de jabuticabas lembro de mim, menina, encantada com a Emília no país da gramática e o jeito com que a aritmética ficava gostosa pelos olhos dela.

Eu também adorava as histórias em quadrinhos que conseguia ler e me emocionei muito com Meu Pé de Laranja Lima, de José Mauro de Vasconcelos. Zezé, o protagonista da história,

tinha como melhor amigo um pé de laranja lima e o livro mostra suas relações com o mundo e como era sua infância. Eu me identificava com Zezé... e talvez seja essa uma das maravilhas da literatura: poder se enxergar nas palavras de outras pessoas.

Já adolescente, fiquei fascinada com *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Acompanhar a vida daquela família de retirantes, a seca, as dificuldades que vivenciavam... foi muito marcante na minha vida como leitora. Na mesma época, li “E agora?” de Odette de Barros Mott, um drama social e psicológico, que faz refletir sobre preconceito na sociedade. Também li “O estudante”, de Adelaide Carraro e “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, já na época do vestibular.

Mas meu contato com a leitura e a literatura se fortaleceu mesmo foi no curso de Letras, e depois seguiu como professora do Ensino Fundamental. Não havia bibliotecas escolares quando comecei a trabalhar na Rede Municipal de Educação do município de Goiânia. Para as aulas, eu levava livros para os alunos, realizava ações que permitissem a troca desses materiais entre eles, contava histórias... cheguei a fazer curso de contação com o pessoal do Grupo Gwaya para descobrir novos formatos e formas de interessar aos alunos.

Além disso, montei uma caixa decorada, na intenção de criar uma minibiblioteca compartilhada. Pedi aos alunos que doassem um livro para a caixa, com o objetivo de fomentar a leitura entre eles. O acervo era composto de livros infantis e juvenis, voltado para as sete turmas com que eu trabalhava. Os alunos adoraram, brigavam entre si para carregar a caixa para suas salas. E, durante as aulas, nós liamos juntos os livros, conversávamos sobre as obras, apresentava indicações de mais materiais... Essa experiência me marcou muito e me fez conhecer a literatura e seu impacto na vida dos estudantes.

Me recordo ainda de um momento em que assisti uma ação literária, onde ocorreram a dramatização do texto literário, contação de histórias e um recital de poesias. Pensando em tudo isso, esbocei uma proposta pedagógica de dinamização do espaço da sala de leitura, de modo a apresentar tais possibilidades para outras escolas.

Já como professora do Cepae, usei (e uso) muito o espaço da biblioteca. Agendei visitas no ambiente, levei os alunos para interagirem com o espaço, incentivei a leitura durante as aulas... A biblioteca escolar é ambiente imprescindível dentro de uma instituição de ensino, sendo instrumento no fomento à leitura e na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Pensando nisso, uma forma que encontrei de reconhecer academicamente o papel da biblioteca escolar e das salas de leitura foi a criação, em minha tese, de uma política de

promoção de leitura, onde discuto sobre a parceria de professores e bibliotecários em salas de leitura, para democratizar o acesso à leitura e a formação do texto literário.

Não consigo cogitar um mundo sem leitura e sem a literatura. Seu papel é essencial na construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e em que a educação da população seja prioridade.

ONE PIECE



Eu não sei muito se gosto de ler, não. Sempre que falam em leitura eu fico meio assim, meio confuso. Aqueles livros da biblioteca nem sempre me interessam, gosto mais quando tem contações de histórias e fantoches. E fico super nervoso quando é a gente que conta as histórias, e eu tenho que ler pra sala inteira. Fico ansioso, não gosto não.

Até vou na biblioteca pra fazer tarefa e pesquisar pras atividades da escola. Mas pegar livros emprestados? Ah... não, curto não. O único livro que eu li e gostei foi Meu Pé de Laranja Lima, do José Mauro de Vasconcelos. Achei aquele Zezé um menino muito gente boa, gostei de como ele contou a vida dele na história.

Mas meus amigos adoram a biblioteca, ficam lá pegando livros e mais livros com a bibliotecária e a Eliane. Eu vou com eles, às vezes, mas fico só olhando a seção de gibis. Eu prefiro ficar no computador, lendo meus mangás na internet. Falando em mangá, eu adoro, sabia? Meu favorito é One Piece.

Fico abismado com o Luffy, aquele poder dele de esticar... cara, ele é um homem de borracha. Pensa, que massa?! E ver ele com a tripulação do navio, as histórias de cada um, o jeito como eles são amigos e superam as coisas juntos. E a história me prende muito, termino todos os capítulos ansioso pelo próximo e na expectativa de saber quando o Luffy vai ser o Rei dos Piratas e encontrar o One Piece, que é tipo um tesouro deixado pelo primeiro rei dos piratas.

Putz, vou até parar, porque se eu for falar de One Piece e do tanto que eu gosto vou ficar aqui por quase tantas linhas quanto os 1036 mangás que já foram publicados (fora os que ainda estão por vir, que devem ser mais uns mil, hehehe).

Fui!

DE LEITOR OBRIGADO A LEITOR APAIXONADO

Fui um péssimo leitor na infância, tinha dificuldade na escola. Era um daqueles alunos que ignorava a existência da biblioteca, e olha que tinha uma na minha escola. Acho que o único livro que li e gostei na época foi “Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias”, de Ruth Rocha. E só li por indicação da minha irmã e da escola, se não nem teria tentado.

Nessa escola, que tinha biblioteca, acontecia todo ano um campeonato de resumos. Era obrigatório participar e o objetivo era premiar o aluno que mais havia feito resumo dos livros lidos naquele ano. Então, eu só ia na biblioteca mesmo na época da competição, não ligava muito pro espaço, era uma relação bem ausente mesmo. Um livro que me marcou na época do campeonato foi “Tieta do Agreste”, de Jorge Amado. Eu tentei ler, mas achei a escrita muito difícil, acabei nem conseguindo concluir.

Em casa, eu também não tinha muito exemplo de leitura. Apesar do meu pai adorar comprar livros, ele não lia muito. Lembro muito dele comprando os livros da coleção O Globo, que eu achava lindos e tinha vontade de ler as vezes, mas sempre desistia porque achava os textos de filosofia muito difíceis.

Isso só foi mudar na graduação, quando conheci a biblioteca escolar do Cepae. Meu estágio foi lá e foi incrível. Acabei pegando muitos livros emprestados e fui construindo uma relação muito bacana com a leitura. Atualmente, já professor, continuo lendo muito. Sempre pego livros na BSCepae e nas outras bibliotecas da UFG. Inclusive, o último que peguei foi de José Lins, um autor que usei muito nas minhas pesquisas do doutorado.

Gosto de pensar que minha relação com a leitura teve um começo ruim, mas se construiu de um jeito bacana hoje. Posso dizer, sem sombra de dúvidas, que hoje sou um leitor voraz.

RECORDAÇÕES TÃO BOAS...

Sou nascida no interior, uma cidade linda com mais ou menos 25 mil habitantes. Aquele clima gostoso de cidade pequena mesmo, todo mundo conhecendo todo mundo... uma coisa bem bacana, de frequentar os mesmos lugares, estudar nas mesmas escolas, o pacote completo.

E assim como meus colegas, eu não ligava muito para a leitura. Nem fazia ideia do que era uma biblioteca ou que poderia pegar livros emprestados. Na minha escola, biblioteca escolar era uma coisa inexistente, e, nas raras vezes em que existia, servia só como depósito de livros didáticos. Ou seja, um espaço nada atraente para uma criança.

Mas minha relação com a leitura mudou quando descobri a biblioteca pública da minha cidade. Era um lugar cheio de livros, com um monte de histórias para conhecer e isso me encantou. Inclusive, um dos primeiros que me lembro de pegar foi “A mina de ouro”, de Maria José Dupré, que era o primeiro livro da coleção sobre o cachorrinho Samba. Eu amei a história, me marcou muito profundamente.

Eu adorava aquela biblioteca, mas um lugar muito difícil de acessar... eu não tinha RG ainda, então tinha que deixar minha certidão de nascimento retida na biblioteca municipal a cada vez que eu pegava livros. Isso sem contar que eu ia de bicicleta para lá, o que deixava tudo muito cansativo.

Anos depois, meu contato com a literatura passou a ser com os livros dos vestibulares, já no Ensino Médio. Essa escola tinha biblioteca, mas não era dinâmica. Ou seja, não fui uma criança que conheceu bibliotecas escolares. O que é uma pena, pois hoje, já adulta, reconheço o potencial gigantesco desse espaço, tanto no incentivo à leitura quanto na socialização dos estudantes.

Enxergo hoje a Biblioteca escolar como espaço dinâmico, de interação, de movimento. E, apesar de não ter conhecido esse ambiente enquanto criança, tive a oportunidade em minha vida profissional de trabalhar nesse ambiente, uma experiência que gostei muito. Me lembro sempre das crianças rindo, andando e correndo entre as estantes, do olhar admirado quando viam as contações de histórias, na animação deles quando era a hora de fazer o empréstimo... Hoje já não atuo na biblioteca escolar, mas as recordações são as melhores possíveis.

DAS RECORDAÇÕES QUE NOS MARCAM

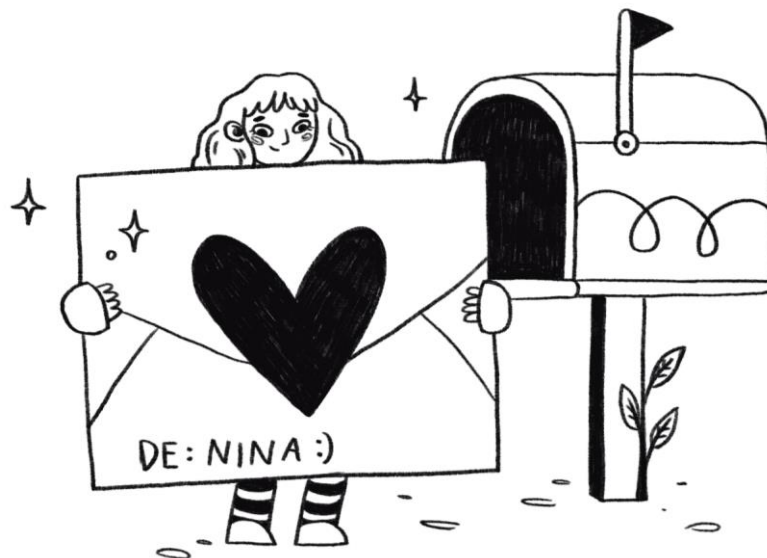
Apesar de ser um dos professores do Cepae, a disciplina com que trabalho acaba não utilizando o espaço da biblioteca escolar. O acervo, infelizmente, não contempla minha área de atuação, com materiais escassos e pouco atualizados, sendo um dos principais fatores pelos quais priorizo o acesso ao laboratório de informática com os estudantes.

Isso não significa que eu não aprecie a leitura ou não me considere um leitor, muito pelo contrário. E mesmo que trabalhe mais com os alunos através da tecnologia, meus próprios estudos e leituras acabam sendo, em sua maioria, realizados em livros impressos. Em meus tempos de menino, as atividades de pesquisa eram realizadas sempre na biblioteca... na época, o acesso ao computador e à internet eram algo completamente impensáveis. Frequentar o espaço era algo que me atraía e intrigava e considero as recordações dessa interação com a biblioteca como algo memorável.

Fico tentando me lembrar de meu livro favorito na época de criança, mas a memória me falha. O que me marcou foi a capa: uma imagem de um burro e um menino³⁷. Acho que se o visse hoje em dia, seria capaz de reconhecê-lo na hora.

³⁷ Provavelmente se trata de *O velho, o menino e o burro*, de Ruth Rocha.

MINHA HISTÓRIA COM A EDUCAÇÃO E A LEITURA



Tenho uma relação muito próxima com os livros, a leitura e a literatura. Vejo-os como amigos, como uma parte indissociável da minha vida e de quem sou. Apesar de não ter tido a oportunidade de conhecê-los na infância, me orgulho em dizer que hoje eles são elementos que permeiam minha rotina e meus hobbies.

Veja... eu sempre estudei em escolas públicas. O livro, nesse contexto, era um elemento mágico, algo quase inacessível. Não existiam bibliotecas escolares, ou se existiam, eram um espaço que nunca pude frequentar. Meu acesso se limitava aos fragmentos literários disponibilizados nos livros didáticos, e olha que já estava no Magistério quando descobri que esses trechinhos disponibilizados eram, na verdade, parte de um livro completo!

Numa das escolas que frequentei, o único material de pesquisa que poderíamos utilizar eram dicionários e enciclopédias. Por causa disso, minha família comprou a Barsa, uma coleção de 18 livros, que contemplava os verbetes de A à Z e que tenho comigo até hoje. Mais ou menos nessa época, papai comprou uma coleção de literatura, com 3 livros, algo que me marcou muito, pois era um objeto de encanto, de desejo mesmo.

Já na faculdade, fui monitora no Cepae. Quando cheguei lá e vi a biblioteca, fiquei extasiada. Eu podia pegar qualquer livro que quisesse, podia levar para casa emprestado! Era um sonho. Pouco depois, nos anos 2000, participei do projeto Cantinho da Leitura, em que

viajávamos pelo estado levando livros e realizando cursos de formação de professores, e numa dessas visitas, fomos a uma comunidade quilombola. Saímos de Goiânia às 19:00 e chegamos na comunidade 02:00 da manhã. O lugar não tinha pensão, dormimos na van e foi uma viagem muito cansativa. Quando começamos as formações e entregamos as caixas de livros, todos novinhos, percebi o impacto da leitura na vida das pessoas. Vi os professores da comunidade emocionados, vivenciando a experiência de segurar um livro nas mãos e saberem que poderiam utilizá-los em suas aulas ali.

Foi ali que percebi que a leitura faz com que sejamos capazes de imaginar o contexto a partir da realidade que vivenciamos, e isso foi algo muito marcante em minha vida. Sempre gostei muito de literatura, e, quando estava no mestrado, dois livros me marcaram muito: “Lili inventa o mundo”, de Mário Quintana. E “Mais respeito, eu sou criança”, de Pedro Bandeira.

Por ter me apaixonado tanto pela literatura, acabei utilizando-a em minha vida profissional, como pontapé para o desenvolvimento de atividades com os alunos, em especial a leitura de textos de opinião. Analisando minha experiência como professora no Cepae, percebo quão sortudos são nossos alunos. Eles têm acesso à uma biblioteca funcional, que os atrai, que permite interação com o acervo, com as bibliotecárias, com a pedagoga... eles participam de ações de incentivo à leitura, assistem contações de histórias, participam de apresentações de fantoches... E à medida que vão crescendo, consolidam sua relação com o espaço e a leitura. São alunos leitores, cujas famílias incentivam a leitura, que acessam a biblioteca livremente, conhecem o acervo...

No primeiro dia de aula, eles são apresentados ao espaço e à equipe. Antigamente, a contação de histórias era responsabilidade do professor de português. Agora, a bibliotecária, em parceria com a pedagoga, prepara o espaço para o tema, para as discussões. Após a contação, o livro é disponibilizado para empréstimo e todos os alunos querem pegá-lo ao mesmo tempo.

Os estudantes encaram os livros como formas de magia, e a chegada deles os faz felizes. Eles têm duas bibliotecas: a de sala e a do Cepae. Cada pai precisa comprar dois livros de literatura selecionados pelos professores, que compõem a biblioteca da sala de aula. Os estudantes assistem um filme chamado “A menina que odiava livros”, e a partir disso, escrevem uma carta para a protagonista Nina mandar os livros para eles. Alguns dias depois, chegava um rapaz dos correios, com uma caixa mandada pela Nina e uma carta para incentivá-los a ler os livros. Para incentivar a leitura, usa-se a fantasia como instrumento, e depois os estudantes podem levar os livros para casa. Os pais devem ler todos os dias para as crianças no 1º ano. Além disso, os alunos fazem uma entrevista com uma aluna muito leitora, o que acaba motivando a leitura entre suas famílias também.

Numa das ações desenvolvidas, a bibliotecária precisou encomendar mais exemplares de “O menino maluquinho”, de Ziraldo, pois a procura era enorme e havia reserva para os próximos dois meses. Em outro momento, em leitura coletiva de “Os colegas” de Lygia Bojunga Nunes, a curiosidade dos estudantes foi tão grande que tentavam realizar o empréstimo antes do fim das leituras, para saber o próximo capítulo antes da contação seguinte.

Outra coisa muito incentivada é a relação da família na construção desse futuro leitor. Após as visitas à biblioteca, os alunos são incentivados a comentar sobre as leituras com os pais, de modo que a família participe desse processo de mediação. Os responsáveis também são convidados a realizar contações, caso se sintam confortáveis para tal. A primeira mãe levou um painel cheio de objetos e cores, e os alunos assistiram calados, mas encantados. Já o segundo pai optou por contar um “causo” de assombração, fazendo várias expressões com as mãos e o rosto. Era uma turma muito indisciplinada, que participava pouco, mas os alunos adoraram, ficaram empolgadíssimos, tentavam adivinhar o que iria acontecer a seguir na história. Outros pais relataram que as crianças chegavam em casa e repetiam a história que haviam escutado, querendo relatar para as famílias a experiência que haviam tido. A interação com o Cepae é diferenciada.

Acredito que o professor deve ser o escriba, mas também o leitor do aluno, apresentando o livro a ele. O professor é o movedor da leitura. Ele precisa apresentar leituras para crianças, não apenas mandar que leiam. Pode-se contar um trecho da história mostrar o material, deixar que eles conheçam o livro e se interessem por ele. Dependendo das ações desse professor, ele pode fazer o leitor ser encantado ou não.

UMA LEITORA VORAZ

Fui uma criança abençoada em relação à leitura e a literatura. Como filha de professores, sempre tive oportunidade de ler e muito acesso à livros. Gostava tanto de ler, que lia até lista telefônica, rs. Estudei numa escola que tinha biblioteca, e eu adorava frequentar aquele espaço. Geralmente, eu ficava andando a esmo pelas estantes, escolhendo os livros pela lombada ou pela capa e depois me sentava num cantinho e ficava lá lendo.

Mas só me percebi enquanto leitora quando cheguei na escola um dia e recebi um papelzinho, me dando parabéns por ser a segunda maior leitora do colégio. Fiquei assustada e feliz. Foi uma época boa, uma escola incrível e uma biblioteca apaixonante, mas fico triste ao lembrar que lá não tinha bibliotecária.

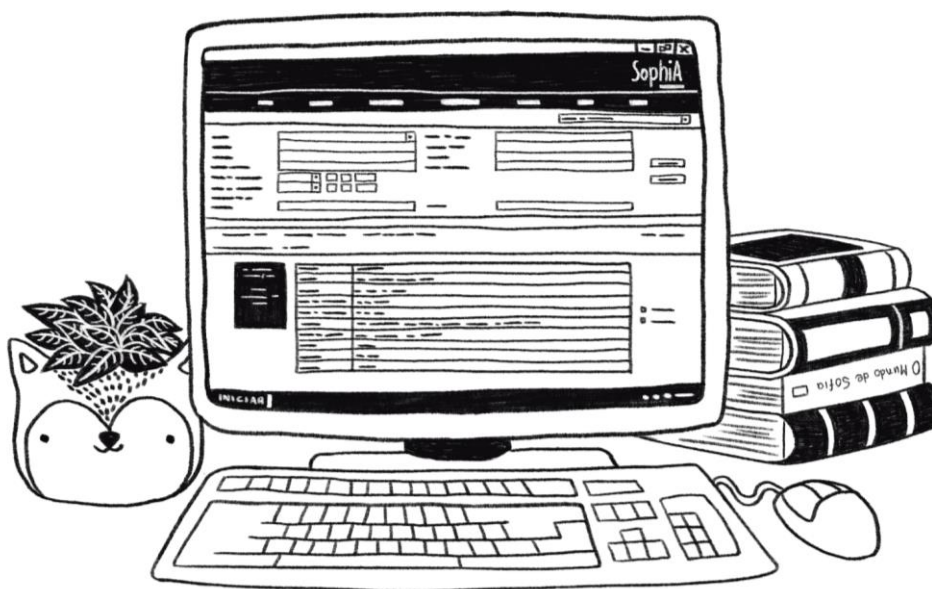
Eu sempre gostei de livros com ação e suspense... quando criança era apaixonada nas histórias dos Karas (do Pedro Bandeira) e suas aventuras. Também adorava os livros de Sidney Sheldon, Agatha Christie e Paulo Coelho.

Na graduação, me encontrei na Biblioteconomia, pois voltei meus estudos para a ênfase educacional. Realizei meu estágio na brinquedoteca do Colégio Marista e me apaixonei pela área, que é muito complexa e divertida. Mas minha atuação como bibliotecária formada veio primeiro com as bibliotecas universitárias, até que fui transferida para a biblioteca escolar do Cepae. Foi uma experiência enriquecedora e cheia de desafios, pois saí de uma vertente mais tecnicista da Biblioteconomia para trabalhar com crianças e acervo literário. Tive muita ajuda da pedagoga e comecei a conversar com os estudantes que iam debater os livros.

A biblioteca escolar é um espaço que estabelece carinho, afago e afeto com os alunos. E a BSCepae é uma biblioteca sempre movimentada, atípica, sempre cheia. Os estudantes são muito participativos, interagem com o material, com o material, principalmente no momento da contação de histórias. São muito curiosos, ficavam instigados, perguntavam bastante.

Me reconheço em muitos dos alunos que frequentam a biblioteca. São como eu era quando criança: leitores vorazes, sempre em busca de novas histórias e novas aventuras através dos livros.

A LEITURA SALVA (E A BIBLIOTECOLOGIA TAMBÉM!)



Descobri tarde as possibilidades ofertadas pela biblioteca escolar. Fui uma criança humilde, nascida no interior e que não teve muitas oportunidades de leitura enquanto criança. Mas sempre fui uma apaixonada em histórias, ficava encantada ouvindo as pessoas mais velhas da família, contando os “causos”, os contos de fadas, ouvindo sobre os rapazes que salvavam as amadas...

Meus momentos favoritos eram quando contavam as histórias da Branca de Neve e da Rapunzel. Estudei nos finados “grupos”, em que um professor dava aula para várias séries, só com cartilhas. Os livros eram restritos por causa do regime militar. Só na época do vestibular tive a oportunidade de ler os encartes dos livros literários para as provas e fiquei encantada. Queria mais daquilo, queria saber o final daquelas histórias.... Romântica incurável, esse apego pelas histórias emocionantes me seguiu na vida adulta, com a leitura de poemas. Sou uma eterna apaixonada pelas obras de Fernando Pessoa e Clarice Lispector. Também me marcaram muito livros como “O pequeno príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry e “O mundo de Sofia”, de Jostein Gaarder.

Aos 31 anos, comecei a frequentar bibliotecas. Minha filha estudava em uma escola que tinha e eu sempre ia buscar alguns livros lá. Em uma época, estive operada e pedia para minha

filha me trazer livros toda semana. Mas minha paixão por bibliotecas se consolidou por causa de uma amiga. Bibliotecária, essa amiga sempre me incentivou a retomar os estudos e a cursar Biblioteconomia, assim como ela. Entrei no curso aos 34 anos e, no começo do curso, recebi uma ligação de uma ex-chefe. Ela me disse que tinha dois empregos, estava cansada e queria saber se eu gostaria de assumir um deles. Fiquei nesse emprego quatro anos e oito meses e aprendi muito sobre informação e documentação.

Ainda na graduação, tive meu primeiro contato com a prática em bibliotecas escolares... meu estágio supervisionado foi na biblioteca do Cepae, que ainda nem era automatizada, já estava na base de dados do Sistema de Bibliotecas da UFG, mas o empréstimo ainda era realizado através de fichas. Além disso, pesquisei sobre bibliotecas escolares no trabalho de conclusão de curso, avaliando o Projeto Leia Goiânia.

Quando passei no concurso para bibliotecária na UFG, minha ex-chefe também foi aprovada. Quatro anos após a posse, fui transferida para Goiânia, especificamente para a biblioteca do Cepae, de junho de 2013 a dezembro de 2013, com a função de estruturar administrativamente o espaço. Na época, liguei para minha ex-chefe dizendo que quando houvesse uma vaga para Goiânia disponível, que essa vaga seria dela. Alguns anos depois, ela foi transferida, e nessas voltas que a vida dá, hoje sou chefe da minha ex-chefe, rs.

Na BSCepae, minha preocupação principal foi dar continuidade ao trabalho dos servidores anteriores, ao mesmo tempo em que estruturava o espaço e auxiliava os professores no atendimento das turmas. Fui a responsável pela automatização da biblioteca e pelos treinamentos no software do Sophia. Também elaborei o regulamento da BSCepae e foi aí que percebi que o bibliotecário precisava de um apoio para trabalhar com as crianças. Foi aí que comecei a lutar por uma vaga de bibliotecária fixa para a biblioteca e uma pedagoga para auxiliar na contação de histórias, pois eu já pesquisava sobre a gestão participativa em biblioteca escolar com uma equipe multidisciplinar.

Quando a UFG negou uma bibliotecária fixa, a solução que encontrei foi a de levar a Eliane para lá, uma pedagoga, de modo a auxiliar nas ações de incentivo à leitura desenvolvidas na BSCepae. Em 2015, os servidores lotados na biblioteca saíram de licença, ficando só a Karla, que era a bibliotecária da época. Para resolver isso, fui conversar com a direção do Cepae e negociamos para que sempre houvesse pelo menos um servidor emprestado para a biblioteca, de modo a manter as atividades no espaço.

Atuando na biblioteca do Cepae, compreendi na prática a importância do bibliotecário escolar. Esse profissional precisa ser proativo e focado no atendimento diferenciado para os alunos e tem papel essencial na formação leitora e cidadã.

LEITURA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Fiz o primário precocemente. Tinha uma irmã mais velha e queria acompanhá-la na escola, um lugar bacana, mas que não tinha biblioteca. Minha pequena biblioteca particular vinha dos presentes da diretora, que todos os anos presenteava os melhores alunos com livros (e eu sempre era uma das ganhadoras). Meus livros favoritos vieram dessa diretora... “Pinóquio” e “O Pequeno Polegar”, histórias que marcaram minha infância e que eu cuidava como pequenos tesouros.

Minha família é de origem humilde, com pouco acesso aos livros. Me lembro vividamente que, quando eu era criança, minha mãe cortava as ilustrações dos livros que tínhamos para enfeitar a casa. Na época, a noção de literatura que tínhamos era relativa apenas a adaptações dos contos clássicos dos irmãos Grimm e eu adorava vê-los como quadros em minha casa.

No 5º ano do ginásio, à época, fui aprovada na seleção para o Liceu de Goiânia. Havia uma biblioteca enorme! E os alunos tinham permissão para frequentar o espaço. Vivia lá. Meu interesse pela leitura aumentou mais ainda com as aulas de português. Meu professor era escritor e ele falava muito sobre as obras literárias e sobre a importância da literatura, incentivando que nos tornássemos leitores e escritores. Ele escolhia as melhores redações para ser o texto da prova e isso era motivador: escrever para o outro realmente ler! Porém, logo o regime militar foi estabelecido e meu acesso à leitura literária foi limitado. Passei a ler obras de protesto, de resistência à ditadura, renunciando às obras literárias.

Já adulta, vivenciei muitas oportunidades e me encontrei no Curso de Letras e, como profissional, na Educação. Como professora, acredito no papel essencial da literatura e da biblioteca escolar no incentivo à leitura no país. Por mais ou menos um ano, morei em Cuba e isso me marcou muito. Fiquei surpresa com o quanto o povo cubano lê. Apesar das dificuldades financeiras, existem bibliotecas em cada esquina. As pessoas ficam na rua vendendo, comprando, trocando e emprestando livros. Mesmo com todos os embargos, o vínculo com a leitura é extremamente importante para esse povo. E gostaria de ver esse incentivo se concretizar aqui também. Afinal, as bibliotecas são um de nossos grandes patrimônios culturais!

PODIA TER MAIS HQ, NÉ?

Gosto muito de tudo que acontece na biblioteca. Me divirto com as contações de histórias, tanto as da Eliane e das professoras quanto as que a gente mesmo conta. Depois que a gente ouvia a história, sentava todo mundo em uma roda pra conversar sobre o livro, discutir o que a gente tinha achado mais legal ou o que era sem noção na história.

E eu ficava viajando enquanto ouvia, principalmente quando a gente ouviu a história de uma árvore que realizava desejos e aí um menino ficava pedindo as coisas pra ela o tempo todo³⁸. Gostei tanto de ouvir essa que até levei o livro pra casa emprestado. Fiquei pensando no que eu pediria pra árvore e se o menino se arrependia dos pedidos dele depois de saber o que acontecia com a coitada da árvore.

Apesar de ter gostado muito desse livro, eu quase não pego livros emprestados lá. Gosto mais dos que minha mãe compra pra mim... Harry Potter da J. K. Rowling, Percy Jackson do Rick Riordan, o mangá de Naruto, do Masashi Kishimoto (inclusive, você sabia que a gente tem que ler mangás de trás pra frente? O que a gente acha que é a capa na verdade é o final. Louco isso, né?).

Então, vou mais na biblioteca pra ir na seção de gibis e fazer tarefa, porque ajuda muito, né? Os professores passam uma tarefa e aí é fácil você achar um livro na biblioteca sobre o tema e isso te ajuda, te dá mais argumento pra fazer a tarefa. Eu gosto, sou boa aluna, gosto das minhas tarefas bem-feitas. Gosto de tirar nota boa e gosto de me divertir, então prefiro quando as atividades da biblioteca são mais engraçadas e que interagem com a gente.

Eu não tenho muitas recordações específicas do que acontece na biblioteca não... minha memória é ruim, mas sei que gostei de tudo, porque quando tento me lembrar, não lembro de nada ruim. Só lembro de mim e dos meus amigos rindo, das contações de histórias e da gente conversando sobre os livros. Eu amo ler e queria que tivesse mais livros do meu estilo na biblioteca. Mas a gibiteca já ajuda muito! E é isso, vou voltar a ler Naruto porque eu amo o Sasuke e a Hinata e quero saber o fim da história.

³⁸ *A árvore generosa*, de Shel Silverstein e tradução de Fernando Sabino.

UM APAIXONADO POR NÚMEROS (E POR PALAVRAS)

Demorei me apaixonar pelos livros. Até o oitavo ano, lia por obrigação, pelas atividades dada na escola. Li muitos livros da Coleção Vagalume, mas não gostava na época. Mas, mesmo assim, sempre estudei em escolas que tinham biblioteca. Meu pai tem muitos livros, sempre gostou de comprar, mas isso não significa que ele nos incentivava a ler. Era mais a posse do objeto livro em si.

Descobri a literatura no Ensino Médio quando minha professora de redação pediu para que escrevêssemos um texto dissertativo, e eu fiquei muito interessado... acho que posso marcar esse momento como meu início como leitor. Nessa época, comecei a participar de um grupo de teatro, e isso me incentivou a ler as obras de Nelson Rodrigues, Fiódor Dostoiévski, Gabriel García Márquez.... Passei a ser frequentador assíduo da biblioteca da escola e de uma das bibliotecas municipais do interior de São Paulo, sempre em busca de mais textos e mais coisas para ler.

Um dos livros que mais me marcou nessa época do Ensino Médio foi “O evangelho segundo Jesus Cristo”, de José Saramago. Eu era muito religioso quando li o livro e lia meio escondido da minha família. Um dia meu pai pegou o livro nas minhas coisas e começou a contestar o que estava escrito. Ele me disse: “É, meu filho, sua fé está abalada”. Acabamos discutindo e hoje em dia nem falamos mais sobre religião ou política, para evitar conflitos.

Na graduação, meu contato com a biblioteca escolar se fortaleceu, mas foi no mestrado que ela realmente se fez presente. Era bolsista e usei muito as obras na construção da minha dissertação. Quando cheguei no doutorado, os estagiários usavam um diário de campo compartilhado com descrições das aulas e críticas. Eles conversavam através das anotações do caderno, até que assumiam a regência das aulas. Juntei três anos desse material e levei para a banca de avaliação do projeto do doutorado, atuando como autor e historiador da minha própria pesquisa, tentando compartilhar essas experiências com o leitor. Retornei às discussões que fiz no mestrado através de uma carta, criada para conversar com o leitor a partir da construção de um livro.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, acabei optando pelo uso de um estilo textual denominado “escrita de si”, uma narrativa em primeira pessoa, de modo que minha tese foi contada a partir de uma história, de um roteiro de teatro. Por exemplo, minha a tese começa com um diálogo:

“Pesquisar?

– Não.

– Por que não?

– Não me interessa fazer pesquisa para guardar na gaveta”.

Usei as obras de Mia Couto, as músicas de Belchior e outras leituras na elaboração do trabalho, intercalando literatura e música com minha pesquisa. Parte da pesquisa foi realizada nos Estados Unidos e levei minha família comigo. Ficamos cinco meses lá e o que mais fazíamos era ir às bibliotecas da cidade, pois eram muito bacanas. Tinha pufes, sofás, podíamos pegar CD's e DVD's emprestados... minha família amava o ambiente.

Como professor, tenho um bom contato com a BSCepae, uso bastante. Em parceria com outros colegas do departamento, elaboramos uma lista com livros sobre matemática, de modo a atrair os estudantes, com autores como Malba Tahan e Hans Magnus Enzensberger. Sou um dos criadores do Projeto Abakós, um projeto de investigação matemática que objetiva interpretar problemas e se comunicar matematicamente, que se divide em três etapas: elaborar uma pergunta, construir um processo de descoberta e depois investigar a questão. Essas atividades são realizadas em grupos, numa sala específica, sempre acompanhadas por dois professores.

Os alunos usam o texto para interpretação. No laboratório existe uma estante de livros que podem pegar, leem capítulos, fazem discussões e relatos... o leitor passa a ser um personagem, por isso uso do material bibliográfico matemático. É um projeto que eu gosto muito, que une o poder da literatura com a matemática e permite que os alunos construam novas relações com o que estão aprendendo.

São muitas as minhas recordações sobre a leitura e literatura, sobre as bibliotecas e sobre como minha vida se entrelaça com os livros. E espero ter muitas mais ao longo dos anos.

OLHAR DE MENINA



Minha relação com a biblioteca na época da escola foi nula. Não tinha biblioteca na escola e minha família nem entendia o papel da leitura, ninguém era leitor em minha casa. Isso é engraçado, pois o sonho da minha mãe era que eu fosse professora - o que me tornei, rs -.

Sempre amei ler e fui criando afeto pelo livro didático, já que não conhecia ainda o livro literário. Era tão aficionada, que fazia as tarefas dos meus colegas para poder ler mais. Meus pais pagavam escola particular, mas lá não tinha biblioteca... e sempre que passava com minha mãe perto de uma banca de revistas, pedia um livro ou gibi, mas ela nunca comprava, pois achava caro. Minha família não tinha visão sobre a importância da leitura.

Comecei jovem a trabalhar em escolas, mas, mesmo cursando Pedagogia, não tive nenhuma disciplina de literatura. Até que passei no concurso público para o Cepae, sendo locada na biblioteca. Porém, a secretaria estava com déficit de profissional e me transferiram para lá. Só retornei para a biblioteca em dezembro de 2013. A falta de acesso ao livro me deixou insegura e ansiosa, com medo de não desenvolver um bom trabalho. Tive muitas dificuldades no começo. Em aprender o ritmo, o atendimento, em conhecer a biblioteca escolar como um todo. Era mesmo um olhar de descoberta. Um novo mundo.

A partir daí, comecei a conhecer os materiais e o acervo, fiz um estágio de observação de 4 meses, principalmente em relação aos alunos do 4º e 5º anos. Tive dificuldades em me adaptar com a gestão da biblioteca na época, mas hoje sou completamente apaixonada pela biblioteca escolar. Hoje, minha vida se confunde com a biblioteca, numa mistura daquela menina que não teve acesso aos livros com a pedagoga que oferta tantas experiências literárias na BS Cepae.

A primeira contação na biblioteca para o 5º ano me marcou muito. Pedi ajuda para uma amiga professora para atrair os alunos e deixá-los interessados e funcionou. As crianças ficaram apaixonadas. Primeiro, eu começo a contação, apresento a obra. Ao final, eles levam a obra para casa, nessa semana ou na outra. Os livros ficam numa geladeira de leitura, para permitir que o aluno pegue. Eles acham muito encantador, pois é o alimento da imaginação, das raízes. A história sai do ambiente das prateleiras e toma vida, tem sua voz ampliada. A narração ajuda muito, pois as crianças correm para pegar o livro antes do colega. É tão concorrido que precisa fazer sorteio. Eles me respeitam muito e apreciam muito o ato da contação.

Alguns dos meus livros favoritos para contação são: “O Jacarezinho egoísta”, de Chlórís Arruda de Araújo; “Lúcia, já vou indo”, de Maria Heloísa Penteado e “O peixinho sonhador”, de Ivan Egler de Almeida. Sempre me emociono e vejo os alunos sempre encantados.

Eles amam o espaço, se sentem pertencentes, andam em todos os lugares, namoram, visitam as prateleiras, sabem quais livros novos chegaram. Eles interagem muito com os profissionais, conversam sobre as obras. Os professores incentivam os alunos a olhar com um olhar de curiosidade, ou encantamento, de paixão pelo livro.

E a cada dia que passa, mais eu me apaixono pela biblioteca escolar. Mais estudo, mais pesquisa, mais me interesso. A menina que amava os livros se encontrou nesse espaço e cada contação que faço aquece meu coração. A cada experiência literária que eu ofereço, mais meu amor pela leitura e pela literatura infantil cresce. E mais minha vida se entrelaça com a biblioteca escolar.

DOCES RECORDAÇÕES

Sempre que penso em biblioteca escolar, sinto meu coração aquecido. Tenho com as bibliotecas uma relação de cuidado, de reciprocidade. Me veem a mente as memórias de meu trabalho na biblioteca da ETFG, as recordações dos momentos de uso das bibliotecas por onde andei.

Quando criança, eu adorava ler as histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato e uma outra coleção, chamada Historama. Ficava um bom tempo entretido, encantado com as histórias que estava lendo. Algumas das escolas que frequentei tinham biblioteca e em casa nós tínhamos alguns livros a disposição. Mas o que me marcou mesmo foram os momentos na biblioteca da escola, onde ouvíamos discos de histórias infantis. Era incrível e eu adorava.

Vejo nos estudantes de hoje em dia uma grande liberdade com a biblioteca. Eles ficam confortáveis, a ponto de se sentarem no chão entre as prateleiras. Agem com muita desenvoltura, a não ser no caso dos novatos. Eles interagem, acessam as obras, fazem empréstimos, exploram o ambiente. E me lembram daquele menino que ficava encantado enquanto ouvia histórias em discos infantis...

UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS



A biblioteca escolar fez parte da minha vida mais em casa que na escola. Mamãe tinha vários livros religiosos, com imagens de santos e papai tinha vários livros de veterinária, mas nós, crianças, não podíamos chegar perto. Mamãe encapava todos os livros, com muito zelo, para evitar danos. Mas, ainda que meus pais não permitissem que pegássemos os livros, por medo de estragar, as histórias sempre fizeram parte da nossa rotina.

Mamãe era uma contadora de histórias das boas, daquelas que contava as que conhecia e inventava outras, sempre empolgada. Às vezes eram os “causos” da fazenda, em outros momentos, contos de fadas..., mas minhas favoritas eram as de assombração, como as do Pedro Malasartes, quando enganava a morte. Adorava sentir o medo com a história, numa mistura de alívio e preocupação. Eu sabia que mamãe me protegeria, então tudo bem ouvir aquelas histórias. Eu sentia que não corria nenhum risco, não de verdade.

Então, mesmo que eu não tivesse contato com a leitura, o poder das narrativas e da contação já me encantava. Eu já vivia esse encanto, essa vontade de saber mais e mais histórias. Sabe, minha primeira escola não tinha programa de leitura. Mas, algum tempo depois, já mais velha, fui transferida para o Colégio Imaculado Conceição, em Ceres. Era uma escola com biblioteca, mas que só podíamos usar para fazer pesquisa nos livros, em visitas guiadas pelos professores.

Eu participava de grupos teatrais, sempre estive em busca de novas histórias. Na faculdade, infelizmente não tive acesso aos livros literários. Isso só mudou quando comecei a trabalhar na área, numa APAE e num colégio particular, pois eu podia levar o material da biblioteca para casa.

A falta dos livros que vivenciei na infância se transformou em presença durante minha vida adulta. Passei a ser leitora assídua, e, quando me mudei para Goiânia, comecei a trabalhar em uma escola da comunidade, em parceria com uma bibliotecária. Nessa escola eles tinham a chamada “aula de biblioteca”, onde os alunos iam para a biblioteca conhecer os livros e desenvolver atividades. Essa bibliotecária tinha uma livraria e aprendi demais com ela.

Em 1993, comecei a fazer parte do grupo Gwaya, que havia acabado de surgir e em 1994 fui aprovada no concurso para professora do Cepae, sempre trabalhando com obras literárias. A partir daí, comecei a trabalhar com mais projetos de leitura, sendo um deles um grupo de contação de histórias. Na época se chamava “Leituras” e hoje em dia recebe o nome de “Fuxico”.

As bibliotecárias sempre preparavam uma leitura para atender os alunos e lá tinha uma biblioteca de sala e a do Cepae. Nessa época, tive alguns problemas de saúde: fibromialgia, síndrome do túnel do carpo e depressão, e acabei saindo da sala de aula. A junta médica sugeriu a aposentadoria, mas recusei. Pedi para ser readaptada para a biblioteca e lá fiquei por dois anos, contando histórias e brigando pela ampliação das aulas de bibliotecas.

Junto à bibliotecária e às estagiárias do projeto Fuxico, desenvolvíamos atividades na biblioteca, como a contação de histórias, explicação do processo de feitura do livro e atividades multidisciplinares com professores. Também busquei que uma parte do laboratório de informática fosse ligado à biblioteca, para que os alunos pudessem visitar sites de leitura, como o site *Angela Lago*, em que o final da história podia ser mudado de acordo com o desejo de quem estava lendo. Atualmente, o site está desativado.

Por mais de dez anos, participei do projeto “Cantinho da Leitura”, visitando bibliotecas em Goiânia e nas cidades dos arredores. Nós escolhíamos as obras e fazíamos resenhas delas, tanto literatura infantil quanto outros tipos. Essas resenhas eram encaminhadas para as escolas da Educação Infantil ao Ensino Médio, junto a guias indicativos para cada série, para serem selecionadas por cada instituição de ensino.

Em 2002, escrevi o livro “Iluminando histórias”, que foi escolhido como obra indicada do PNLD 2002, em que eu falo sobre meu processo de contação de histórias. A partir da indicação, a editora começou a receber vários relatos semelhantes, que objetivavam mostrar a relação de outras pessoas com a contação de histórias. Em 2011, Goiás sediou a primeira Bienal

do Livro de Goiás, organizada por Maria Luiza Bretas e foi um evento que amei participar e que me marcou muito.

Ao longo de minha experiência, compreendi o papel significativo da literatura e da leitura na construção de um país mais justo. Chartier já o dizia e Bordieu concorda: a literatura se relaciona com a memória coletiva das pessoas, como uma forma de produção cultural. Trabalhar com a arte literária é algo que deve estar presente nas escolas, mas, ao mesmo tempo, é um produtor cultural que ultrapassa esses limites e atinge múltiplas instâncias.

E no que diz respeito a mim como leitora e professora... a narrativa é o que me move. De forma oralizada ou escrita, são as histórias que nos constroem que faz com que tenhamos força pra seguir em frente. E a oralidade é meu instrumento, a contação de histórias é parte de quem sou. Sou tão professora quanto contadora de histórias. Sou uma mistura de tudo que li, ouvi, contei e vivi.

A CURIOSIDADE É O QUE ME MOVE

Gosto muito de ir na biblioteca da escola. Mas a maior parte das vezes eu gosto de ir pra passear, pra ver os gibis, pra conversar com a Eliane e a bibliotecária. Eu também vou muito pra fazer pesquisa, principalmente nas tarefas de português.

Geralmente, eu fico disperso nas atividades, mas adoro quando tem contação de histórias e vídeos. Minha favorita foi uma que falava sobre o Baobá, pois fiquei muito curioso pra saber mais sobre a árvore, de onde ela vinha, como era a cultura africana. Achei muito bacana e me diverti muito.

Outra coisa que gosto é quando a professora pede pra gente interpretar a leitura de um livro que já li. Gosto de contar a história, fico empolgado. Ah... teve uma vez que teve concurso de autores também. Sou competitivo e tinha que pesquisar sobre cada autor em times. Fiquei animadíssimo. Queria ganhar, rs.

Mas é aquilo que falei, né... eu gosto mais de ir passear do que de pegar livros lá, rs. Eu gosto de ler, gosto mesmo. Mas gosto de ler o que me interessa... E outra, minha mãe me estimula a ler em casa todos os dias, então fico meio desanimado de pegar mais livros na biblioteca. Acho cansativo. E nem sei na biblioteca tem livros do jeito que eu gosto... muitas das contações eram sobre livros de animais e eu acho muito chato. Gosto de ação, de aventura, de ler Percy Jackson (Rick Riordan) e outras sagas desse estilo.

Peguei poucos livros na biblioteca da escola, mas gostei de todos que peguei. Meus favoritos foram um que peguei pra ler em casa, chamado “A batalha do Apocalipse”, do Eduardo Spohr e um que a professora indicou, da Clarice Lispector, que chamava “Canções pra jovens: De amor e amizade”. Eu achei que não fosse gostar, mas foram bem legais de ler.

Em casa, meu favorito é uma enciclopédia sobre o corpo humano, cheia de curiosidades sobre o sangue, os ossos. Acho muito legal e fico horas procurando mais sobre isso na internet depois.

ALGUNS FINAIS

Escrever sempre foi meu refúgio e a literatura, minha melhor amiga. Dito isso, que processo exaustivo e assustador vivemos até que esse livro chegasse até vocês. Primeiro, foi a dúvida sobre a relevância, a síndrome do impostor que bate na porta todos os dias e nos faz questionar se é certo seguir em frente. Depois, o medo e a insegurança de não conseguir concluir esse projeto.

Eu sempre escrevi como forma de amainar meus sentimentos, como uma maneira de não me esquecer de quem me marcou e do que eu senti um dia. São inúmeros os poemas que escondi de todos, embora alguns (meus favoritos) sejam postados ocasionalmente em redes sociais. E apesar desses escritos desnudarem minha alma, eu estava a um simples clique de apagar a postagem e esquecer que expus aquilo. Quem leu, leu. Quem não leu, não lerá mais. Mas escrever um livro? Isso é completamente diferente.

Eu não posso simplesmente desfazer as linhas que vocês leram. Vocês o terão, para sempre, como uma parte de mim que tenho muito orgulho. É a representação da Larissa pesquisadora unida à Larissa que amava escrever, mas não se via escritora. São as memórias de estudantes, professores e bibliotecários sobre a leitura em suas vidas, sobre suas relações com a biblioteca escolar, sobre suas infâncias. É a união do que pesquisei, cientificamente falando, sobre leitura, com as recordações de várias pessoas sobre o papel da literatura em suas vidas. São as histórias deles, contadas para vocês a partir do meu olhar.

É assustador. Ao mesmo tempo, é incrível. E esse livro é uma exaltação das vidas e histórias deles. Da comprovação de que a leitura e a literatura são instrumentos transformadores. Da ênfase que deve ser dada às bibliotecas escolares e de como elas salvam vidas. E não é exagero... a Biblioteconomia e a Educação salvaram minha vida através dos livros. Sou quem sou hoje pela relação que constitui com essas duas áreas, ao mesmo tempo em que moldei minha história a partir do que li e conheci.

Esse não é um final de verdade. Sempre haverá novas histórias por aí. Inúmeras pessoas são marcadas pela literatura todos os dias. E quem sabe um dia, eu volte a contar mais algumas delas. Mas, por enquanto, deixo meu abraço e digo até logo a vocês.

Foi uma honra!

AGRADECIMENTOS

À **Universidade Federal de Goiás**, por ser a maior de Goiás, a melhor do universo e minha segunda casa. Sou profundamente grata por tudo que pude vivenciar em suas dependências e por tudo que me ofertou nesses seis anos de história compartilhada.

Ao **Cepae-UFG** e ao **PPGGEEB-Cepae-UFG** por me acolherem e me proporcionarem a realização desse sonho: escrever um livro, um Produto Educacional oriundo da minha Dissertação e que me entorpece de orgulho. Obrigada pelo incentivo financeiro para a publicação desse material, através do Edital 003/2020 de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPPGEEB-Cepae-UFG.

Obrigada ao **Centro Editorial e Gráfico da UFG** por aceitarem ser a editora responsável por esse projeto, por serem extremamente gentis no atendimento (**Uilton**, em especial, muito obrigada!) e por me ampararem nessa novidade que é a publicação de um livro – são muitas etapas, viu? -.

Um obrigada gigantesco para a linda **Isadora Paiva (@zadorana)**, melhor ilustradora que eu poderia pedir pro universo. Essas crônicas ainda nem estavam escritas, mas eu já sabia que a Isa iria ilustrá-las. Obrigada por topa participar disso comigo.

Outro agradecimento especial vai para **Arthur Ramos**. Não cabe nem em palavras e nem no meu peito o orgulho que sinto de você e da sua entrega em cada projeto. Eu jamais encontraria um revisor melhor do que você nesse mundo

À minha orientadora, **Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira**. Sua ajuda foi inestimável e se hoje, esse Produto Educacional existe, é pelo seu incentivo e confiança em mim. Atrevo-me a dizer que você confiou mais em mim do que eu mesma ao longo desse processo. Obrigada por tudo.

Aos meus sogros, **José Divino** e **Francisca**, pelo incentivo moral, emocional e financeiro, rs, para que esse projeto saísse do papel. Essa publicação só sai dos meus sonhos para o papel pela ajuda de vocês e do Marcos. Sou extremamente grata por tudo.

Aos meus avós, **Jales**, **Marly** e **Benedita**. Vocês sempre souberam do meu sonho de escrever um livro, e cada um a seu modo, sempre me incentivaram a lutar por isso. Obrigada!

Aos meus pais, **Míria** e **Weliton** e minhas irmãs, **Thayssa** e **Lara Cecília**. Desconheço no mundo alguém mais orgulhosa do que eu em relação à sua família. E isso é fácil de entender quando as pessoas conhecem vocês. Sou a filha e irmã mais babona do mundo, porque cada um de vocês tem tantas qualidades que eu nem consigo expressar. Sempre soube que fui profundamente amada, acolhida e bem-cuidada. Que vocês me ofertaram o mundo e sempre

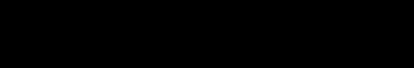
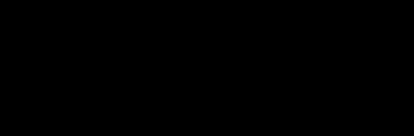
estiveram ao meu lado caso algo desse errado. Sempre pude voar, porque vocês sempre deixaram claro que eu tinha para onde retornar. E num mundo que anda tão sombrio, me reconheço ainda mais privilegiada do que sempre soube ser. Amo vocês.

Chopper, obrigada por ser luz nos dias sombrios e companhia nas inúmeras horas de escrita. Você mudou nossas vidas, meu pequeno *baby* canino. Te amo. E obrigada a você, **Marcos Vinícius**. 15 anos atrás começamos nossa caminhada juntos e não houve um único dia desde então que você não tenha renunciado aos seus sonhos pelos meus. Meus estudos, meus prazos, minha rotina, minhas contas, rs... você sempre me amparou em tudo, de todas as formas possíveis. Esse livro é tão seu quanto meu, pois ele jamais existiria se você não tivesse se sacrificado tanto financeira e emocionalmente para isso. Te amo desde aquele beijo roubado atrás de um banheiro no IF Goiano. E vou amar até mesmo quando o fim já tiver chegado para nós dois. OBRIGADA!

E a você, **querido/a leitor/a...** minha eterna gratidão. As histórias só têm sentido se puderem ser compartilhadas e espero que vocês se reconheçam nas vivências de alguns/mas de nossos/as protagonistas, assim como eu me reconheci. Obrigada por terem me acompanhado até aqui... A gente se vê por aí, em breve.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA CAMPO PARA O CEP/UFG

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Das políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura à sua aplicação na biblioteca escolar			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 60			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Multidisciplinar			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: LARISSA ROSA DE OLIVEIRA			
6. CPF: 022.916.791-82		7. Endereço (Rua, n.º): T 47 SETOR BUEND 173, Ed. Mara, Apto 3102 GOVÂNIA GOMAS 74210100	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 94984103405	10. Outro Telefone:	11. E-mail: larissa.ros@igmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Asseto as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que esta folha será anexada ao projeto de pesquisa submetido por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 12 / 05 / 2020		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal de Goiás		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
15. Telefone: (62) 3521-1058	16. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, submeto sua execução.			
Responsável:		CPF:	
Cargo/Função:	Diretor		
Data: 12 / 05 / 2020	 Assinatura		
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica			

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Das políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar

Pesquisador: LARISSA ROSA DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 32243920.1.0000.5083

Instituição Proponente: Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.137.956

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa em nível de mestrado profissional, do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do CEPAE/UFG. A pesquisa busca investigar o modo como uma política pública, voltada especificamente para as bibliotecas escolares, pode impactar na formação de leitores, na Educação Básica. A perspectiva da investigação leva em conta a importância do espaço da biblioteca dentro das escolas, também como espaço de socialização, além de construção de conhecimento, incentivo à formação de leitores e acesso ao patrimônio cultural. As referências da pesquisa são o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), tendo em vista os princípios do Manifesto da Biblioteca Escolar, elaborado pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e aprovado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A finalidade é coletar percepções e vivências dos alunos do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG sobre as suas experiências e o seu desenvolvimento dentro da biblioteca escolar, reunindo anotações e outras formas de registro das manifestações e observações, que resultarão na elaboração de um livro de crônicas proposto como Produto Educacional.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário é contribuir com estudos nas áreas da Educação e da Biblioteconomia, com ênfase na importância da criação e da efetivação de políticas públicas voltadas à democratização

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



do acesso à informação, por meio das bibliotecas escolares, para a promoção do conhecimento e a formação de leitores na Educação Básica. Os objetivos secundários são identificar fatores envolvidos na criação e na efetivação de políticas públicas voltadas à democratização da informação, a partir dos princípios expostos no Manifesto elaborado pela IFLA e aprovado pela UNESCO, para as bibliotecas escolares; compreender o contexto da criação do PNBE e os desdobramentos do Programa, com as alterações que vêm ocorrendo nas concepções e nos encaminhamentos das políticas públicas educacionais, para a Educação Básica; discutir a importância das políticas públicas voltadas à democratização do acesso à informação e ao patrimônio cultural, especialmente quando inseridas nas bibliotecas escolares, e apresentar possibilidades para que elas sejam efetivadas; elencar as políticas públicas existentes, que se refiram à democratização do conhecimento; discorrer sobre a relevância da BE enquanto espaço de democratização do acesso à informação, promoção do conhecimento e formação de leitores, na Educação Básica; compreender o modo como as políticas públicas referentes à democratização do acesso à informação e à promoção do conhecimento têm se efetivado na biblioteca do Cepae/UFG, com a finalidade de contribuir para a ampliação de possibilidades de uso da BE, na Educação Básica; e, por fim, elaborar e publicar um livro contendo crônicas baseadas nas vivências e discussões decorrentes das atividades e das observações a serem realizadas na biblioteca do Cepae/UFG.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A proponente afirma que a pesquisa apresenta risco de constrangimento do estudante durante a realização das atividades práticas, porém não apresenta uma ação minimizadora/corretiva desse risco. Como benefícios, a proponente afirma que a pesquisa promoverá incentivo à leitura por meio de atividades desenvolvidas pensando no ambiente da biblioteca como elemento formador de leitores, a ampliação da sociabilidade entre estudantes, a democratização do conhecimento e do acesso à biblioteca enquanto equipamento cultural.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem relevância acadêmica e científica e é importante do ponto de vista pedagógico, uma vez que contribui com estudos nas áreas da Educação e da Biblioteconomia, com ênfase na importância da biblioteca escolar como espaço para a socialização e a construção de conhecimentos, para a ampliação do acesso a informações e ao patrimônio cultural e para a formação de leitores. A relevância social da pesquisa pode ser reconhecida pelo seu potencial de

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIÂNIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 4.137.958

acréscimo aos estudos já realizados no campo da promoção do acesso ao conhecimento, por meio da biblioteca escolar, principalmente por focar as contribuições de políticas direcionadas à valorização desse espaço nas escolas brasileiras. O cronograma de execução da pesquisa é coerente com os objetivos propostos e está adequado ao tempo de tramitação do projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

São apresentados os seguintes documentos: projeto de pesquisa detalhado, informações básicas do projeto, instrumento de coleta de dados, termo de compromisso, TALE lúdico dos participantes menores de idade, TCLE dos responsáveis pelos participantes menores, folha de rosto (legível) e carta de resposta às pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto encontra-se bem instruído e as pendências foram sanadas. Portanto, recomenda-se a sua aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para fevereiro de 2021.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1555613.pdf	23/06/2020 17:06:37		Aceito
Outros	Carta_Resp_Pend_LarissaRosadeOliveira.pdf	23/06/2020 17:05:59	LARISSA ROSA DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_paiseresponsaveis_Modificado.docx	23/06/2020 16:43:42	LARISSA ROSA DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_paiseresponsaveis_LarissaRosadeOliveira_corrigido.pdf	23/06/2020 16:18:20	LARISSA ROSA DE OLIVEIRA	Aceito

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG CEP: 74.690-970
UF: GO Município: GOIÂNIA
Telefone: (62)3521-1215 E-mail: cep.ppi@ufg.br

Página 03 de 04



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 4.137.956

Folha de Rosto	Folhaderosto_LarissaRosadeOliveira_corrigida.pdf	23/06/2020 16:03:37	LARISSA ROSA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	InstrumentodeColetadeDados_eRoteirodeObservacaoinloco_Larissa.pdf	22/05/2020 14:57:27	LARISSA ROSA DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Larissa.pdf	21/05/2020 14:01:54	LARISSA ROSA DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermodeCompromisso_LarissaRosadeOliveira.pdf	21/05/2020 13:59:13	LARISSA ROSA DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimentoLivreeEsclarecido_LarissaRosadeOliveira_ludico.pdf	13/05/2020 21:04:59	LARISSA ROSA DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 06 de Julho de 2020

Assinado por:

(Coordenador(a))

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG CEP: 74.690-970
UF: GO Município: GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 E-mail: cep.prpi@ufg.br

Página 04 de 04

ANEXO C – “LIVRO - A TROCA”

Lygia Bojunga Nunes

Pra mim, livro é vida; desde muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pra paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça. Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga assim cheia me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que – no meu jeito de ver as coisas – é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismeiei de um dia alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra em algum lugar uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.